UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP- DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Discurso, sujeito e sentido:
percursos entre (os) nós da/na rede eletrônica

Vivian Lemes Moreira

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia

Ribeirão Preto- SP

2012

VIVIAN LEMES MOREIRA

Discurso, sujeito e sentido:
percursos entre (os) nós da/na rede eletrônica

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências, Área: Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lucília Maria Sousa Romão

Ribeirão Preto

2012

Ficha Catalográfica

MOREIRA, Vivian Lemes

Discurso, sujeito e sentido: percursos entre (os) nós da/na rede eletrônica, 2012. p.189: il.

Trabalho de mestrado, apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.

Orientadora: Romão, Lucília Maria Sousa.

1. Discurso. 2. Sujeito. 3. Rede Eletrônica. 4. Folksonomia.
5. Web 2.0.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vivian Lemes Moreira

Discurso, sujeito e sentido: percursos entre (os) nós da/na rede eletrônica

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de Concentração: Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Agradeço primeiramente á Deus.
“Porque dele e por ele, e para ele, são
todas as coisas; glória, pois, a ele
eternamente. Amém”.

Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

Quando nós realizamos um percurso, este é sempre atravessado pelo outro. As linhas que foram traçadas durante o trajeto deste trabalho, completaram páginas em branco, e as transbordaram de sentidos, para além e aquém dos limites das páginas. A história desse percurso extravasa o que foi escrito, traçado em cada linha, por isso gostaria de agradecer a todos que ajudaram a tecer este mestrado.

Aos meus pais, Ademir e Estela, pelo amor, carinho, e confiança. Por sempre terem me incentivado a correr atrás dos meus sonhos, e por me ensinarem valores imprescindíveis que nortearam minha caminhada.

Ao Fernando, pelo amor, cumplicidade e paciência constantes, possibilitando uma interpretação doce, afetuosa e divertida sobre a vida a dois. Obrigada por inspirar minhas realizações.

Ao meu irmão Hugo que, a uma distância esteve presente através do carinho e apoio.

Aos familiares e amigos, pela compreensão das ausências, torcidas e orações.

Às meninas da rep, Ju, Mary, Ana, Rosinha, pela acolhida em Ribeirão Preto, pelas conversas, risadas, e pela plateia ao ouvir os ensaios das minhas apresentações de congressos.

Aos colegas do E-l@dis, pelos momentos de estudos, troca de figurinhas, livros, referências....pela (des)organização de eventos e parceria na escrita. Pelos momentos de descontração, das grandes aventuras rumo aos congressos, os passeios inusitados em terras estrangeiras e risadas garantidas. Valeu Lud, Gu, Fer, Dani, Daia, Francis, Jonathan, Ane, Thaís, por esses anos de convívio.

À Fernanda Galli, pelas conversas, leituras, e contribuições relevantes no exame de qualificação de mestrado. Por estar sempre disposta a ajudar, e refletir sobre as questões da/em rede.

À Profa. Soraya Pacífico, sempre tão generosa e cativante, desde as primeiras reuniões do Grupo de estudos em AD, no qual comecei a dar meus primeiros passos e arriscar minhas primeiras análises. Agradeço pela disponibilidade em ler o trabalho de mestrado e compor a banca de defesa.

À Profa. Solange Mittmann, pela leitura cuidadosa do trabalho, pelos importantes apontamentos na qualificação e a disponibilidade de participar da banca.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de estar em uma instituição pública que proporciona um ensino de qualidade.

À CAPES, pela bolsa concedida, que possibilitou minha dedicação integral para o desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Uma palavra há de ser poética desde que você a coloque em lugar imprevisto, desde que ela dê alarme, desde que ela quebre o muro da velha ordem.

Manoel de Barros

Com a Lucília a escrita parece mágica, cheia de poesia e ideias. Vemos em seu trilhar uma grande paixão e energia, e um talento especial para lidar com as palavras, de escolhê-las de modo (sempre) imprevisível, brincando com os sentidos, e rompendo com os muros.

Agradeço pela confiança, pelo gesto singular de acolhida teórica e de condução em meio aos caminhos das palavras e da vida acadêmica, no qual aprendi a perscrutar os sentidos por entre os nós (e os furos) em rede.

Sentimo-nos livres pela falta de uma língua para articular nossa não liberdade. (...) todos os termos usados para descrever o presente conflito – “guerra contra o terrorismo”, “democracia e liberdade”, “direitos humanos”, etc. – são termos falsos, que mistificam nossa percepção da situação em vez de nos permitir pensá-la.

Slavoj Žižek

RESUMO: Os efeitos de rede criados por uma arquitetura de participação no contexto da Web 2.0, possibilitou um maior compartilhamento e disseminação das informações e arquivos entre os internautas, como também recursos para uma gestão coletiva no que tange a organização desses conteúdos por meio do processo da folksonomia. Esta que é configurada como um sistema colaborativo de rotulação/classificação realizado pelo sujeito-navegador utilizando-se das *tags* (palavras-chave), para indexar de forma “livre” as informações e arquivos de seu interesse. O intento desse trabalho é discutir, sob a ótica da Análise do Discurso de filiação Francesa, as formas como o sujeito tem se posicionado discursivamente na organização das informações e arquivos no ambiente da rede através das *tags*; visando uma reflexão sobre as possibilidades de interpretação da materialidade linguística. Observa-se que dentro desse contexto calcado pela interatividade, e pela convergência das mídias, exige-se cada vez mais a inscrição dos sujeitos, o desenrolar da palavra que não pode cessar; esse aspecto não modifica apenas o modo de organização dos dizeres, mas também o modo de constituição e circulação dos mesmos, visto que o sujeito passa a ter uma outra relação com as palavras. A partir dos pressupostos conceituais da Análise do Discurso, analisamos os efeitos de sentidos instalados pela *tag* “Egito” nas informações e arquivos do sistema de microblog Twitter e do *bookmarking* social Delicious. O que nos permitiu que fosse realizado o cotejo dos sentidos que envolvem as *tags* e os dizeres a partir do processo da folksonomia na web, investigando a forma como a ideologia opera no trânsito dos dizeres, gerando (im)possibilidades de leituras e acesso aos arquivos sobre Egito. Observamos também, como as condições de produção possibilitadas pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC’s), permitem a circulação de outras maneiras de dizer, organizar, indexar e significar as informações, utilizando-se da inteligência coletiva para a elaboração de novos métodos de organização e busca das informações na web.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Sujeito; Rede Eletrônica; Folksonomia; Web 2.0.

ABSTRACT: Network effects created by an architecture of participation in the context of Web 2.0, enabled a major sharing and dissemination of information and files between the users on Internet, as well as resources for a collective management regarding the organization of this contents through the process of folksonomy. This is configured as a collaborative system of labeling/classification performed by the subjects using tags (keywords) to index in a "free" form the information and files of interest. The intent of this paper is to discuss, from the perspective of the Analysis of the Discourse of French filiation, the ways in which the subject has been discursively positioned in the organization of information and files in the network environment through the tags, in order to reflect on the possibilities of interpretation of linguistic materiality. It is observed that within this context underpinned by interactivity and media convergence, it requires increasing the enrollment of subjects, the conduct of the word that can't cease, this aspect not only modifies the way of organization saying, but also the way of constitution and circulation of the same ones, since the subject starts to have one another relationship with words. From the conceptual assumptions of discourse analysis, we analyzed the effects of meanings installed by the tag "Egypt" on information and files on the microblog Twitter and Delicious social bookmarking. What allowed it to be done in the comparison involving the senses the tags and the words from the process of web folksonomy, investigating how ideology operates in the transit of words, generating (im) possibilities of readings and access to files in Egypt. We also observed how the conditions of production made possible by information and communication technologies (ICTs), allow the movement of other ways to tell, organize, index and mean information, using the collective intelligence for the development of new methods to organize and find information on the web.

KEYWORDS: Discourse; Subject; Internet; Folksonomy; Web 2.0.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Capa: fractal_web por Brent Nelson. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/24471966@N04/2604205267/in/faves-38253397@N04/>

Capítulo 1: “Boat” por tncountryfun. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/tncountryfan/5026514008/>

Capítulo 2: Mirror Lights por Komatoes. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/dsambells/3065564516/in/faves-38253397@N04/>

Capítulo 3: Rotunda por Neil Kremer. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/neilarmstrong2/5677377713/>

Capítulo 4: Light web 2 por –ciaran. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/ciaranoc/3073479375/in/faves-38253397@N04/>

Capítulo 5: Future tech_07 por tech1e. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/49558736@N06/4572606206/in/faves-38253397@N04/>

Capítulo 6: Shangai – Bund Sigtseeing Tunnel por cnmark. Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/cnmark/3184256674/in/faves-38253397@N04/>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Labirinto de Dédalo – Morte de Minotauro por Teseu.....	50
Figura 2: Modelos de rede representados graficamente por Baran (1964).....	57
Figura 3: Fluxo 1 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011).....	60
Figura 4: Fluxo 2 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011).....	61
Figura 5: Fluxo 3 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011).....	61
Figura 6: Fluxo 4 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011).....	62
Figura 7: Fluxo 5 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011).....	63
Figura 8: Mapa que contém os esboços dos conceitos primordiais da Web 2.0 (O’ Reilly, 2005), que aponta as muitas ideias que se irradiam para fora do núcleo da Web 2.0.....	73
Figura 9: Esquema sintetizado sobre a Web 2.0, seus conceitos, características, tecnologias e algumas de suas aplicações e exemplos. (O’ REILLY, 2004).....	74
Figura 10: RSS - http://www.nhm.ac.uk/	75
Figura 11: Mozilla Firefox - http://pt-br.www.mozilla.com/pt-BR/firefox/about/	76
Figura 12: Tabela comparando Web 1.0 e Web 2.0.....	77

Figura 13: “Produtos” da Web 2.0.....	77
Figura 14: Página inicial do Twitter.....	87
Figura 15: Mercado Livre - http://informatica.mercadolivre.com.br/	100
Figura 16: Passos do processo de adicionar tags no sistema Flickr.....	110
Figura 17: As tags no sistema Flickr.....	111
Figura 18: Hashtags no Twitter no TTs Brasil.....	115
Figura 19: Perspectiva funcional e social da folksonomia (AMES & NAAMAN, 2007).....	117
Figura 20: Nuvem de tag do website Flickr.....	121
Figura 21: Página das imagens com a tag “old” no Flickr.....	122
Figura 22: Comparação entre a taxonomia e folksonomia. (HSIEH, et al., 2009).....	124
Figura 23: Home do site Delicious - http://delicious.com/	126
Figura 24: Gráficos que indicam o fluxo de informações sobre/no Egito.....	136
Figura 25: Hashtags utilizadas no Twitter no mês de janeiro pelos internautas egípcios.....	137
Figura 26: Manchete retirada do website do G1 sobre a queda do provedor de Internet no Egito.....	138
Figura 27: Manchete retirada do website do G1 sobre o acesso ao twitter via fone.....	140

Figura 28: Speak to Tweet – serviço de voz utilizado no Twitter para atender a população egípcia.....	141
Figura 29: Notícia veiculada pela IDG News Service na página da UOL, sobre a volta do acesso á Internet no Egito.....	142
Figura 30: Placa em protesto ao ex-presidente do Egito Hosni Mubarak.....	143
Figura 31: Placa sobre o Twitter tirada entre os manifestantes.....	144
Figura 32: Placa de ícones relacionados á Internet.....	144
Figura 33: Tweet sobre a hashtag #Cairo por @KennethCole.....	147
Figura 34: Gráfico do fluxo da tag “Egito” no Delicious de janeiro a junho de 2011.....	158
Figura 35: Gráfico do fluxo da tag “Egito” no Delicious de janeiro a fevereiro de 2011.....	158
Figura 36: Recorte 1 da tag “Egito” no Delicious dia 29 de janeiro de 2011.....	159
Figura 37: Recorte 2 da tag “Egito” no Delicious dia 29 de janeiro de 2011.....	160
Figura 38: Recorte dos marcadores de links no Delicious dia 29 de janeiro de 2011.....	162
Figura 39: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 31 de janeiro de 2011.....	163
Figura 40: Recorte 2 da tag “Egito” no Delicious dia 31 de janeiro de 2011.....	164
Figura 41: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 1 de fevereiro de 2011.....	165

Figura 42: Recorte da lista das Top Tags no marcador do Delicious no dia 1 de fevereiro de 201.....	167
Figura 43: Recorte dos marcadores de links no Delicious dia 1 de fevereiro de 2011.....	168
Figura 44: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 3 de fevereiro de 2011.....	168
Figura 45: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 5 de fevereiro de 2011.....	169
Figura 46: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 6 de fevereiro de 2011.....	169
Figura 47: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 11 de fevereiro de 2011.....	170
Figura 48: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 11 de fevereiro de 2011.....	171
Figura 49: Recorte dos marcadores de links no Delicious dia 11 de fevereiro de 201.....	172

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: NAVEGANDO NO DISCURSO	17
1.2 Objetivos e contribuições.....	22
2. DISCURSIVIDADE EM REDE: TRAJETOS	25
2.1 Análise do Discurso: o início do percurso.....	27
2.2 Além das palavras: uma teoria dos sentidos.....	37
2.3 A inscrição da heterogeneidade: fragmentos do sujeito.....	42
3. O SUJEITO EM MOVIMENTO NAS TESSITURAS DA WEB.....	47
3.1 Sentidos de/em rede: entre os nós e os furos.....	49
3.2 O conceito de rede: sentidos da/na contemporaneidade	55
3.2 Internet: das redes conceituadas às redes energizadas	64
3.3 Web 2.0: condições de produção dos dizeres em rede.....	69
3.4 Inteligência coletiva: a reunião de sujeitos e de saberes	78
3.5 Cultura em convergência: (des)territorializações em dis-curso	82
3.6 As atualizações e convergências no Twitter.....	83
4. NÓS E FUROS NA (DES)ORGANIZAÇÃO DA REDE NA PERSPECTIVA DO SUJEITO.....	89
4.1 Efeitos de organização no arquivo: possibilidades de leitura	90
4.2 Taxonomias: a (re)organização das informações e arquivos	97
4.3 As taxonomias na web e a con-fusão das linguagens.....	104
4.4 Folksonomia: a (des)organização coletiva na web	107
4.4.1 Tags: sentidos em movimento	109
4.4.3 Nuvens de tag: condensação dos dizeres.....	120
4.5 Taxonomia x Folksonomia: modos de organizar o grande arquivo da/na rede.....	123
5. Delicious: arquivos guardados de outro modo	125
5. UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A FOLKSONOMIA: O(S) OUTRO(S) E(M) REDE.....	129
5. 1 Sobre o corpus da pesquisa	131
5.1.1 O caso do Egito: escolhendo ou escolhido por uma tag.....	133
5.2. Análise discursiva: atualizações e re-significações no Twitter.....	134
5.3. Desdobramentos e re-significações: arquivos no Delicious.....	156
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
7. REFERÊNCIAS.....	179

1. INTRODUÇÃO: NAVEGANDO NO DISCURSO

E ele lhes disse: Lançai a rede para o lado direito do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes.

João 21:6

Investigar os discursos que se (des)enrolam no ambiente da rede eletrônica é um desafio para nós analistas do discurso, tendo em vista que estamos diante de uma, ou senão, várias diferentes materialidades, que produz uma maneira particular de rastrear e analisar as formas de inscrição do sujeito. Com o avanço cada vez maior das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), tem aumentado todos os dias o número de sujeitos que navegam na rede, e que contribuem para a produção, disseminação e circulação das informações, expandindo a sociedade em rede (CASTELLS, 2001). Colocamos dessa forma, a necessidade de estudos que compreendam os efeitos de sentidos im-postos por essa (nova) materialidade, que se atente a rastrear o posicionamento dos sujeitos ao dizer, e ao significar as “coisas a saber”, sobre si e sobre o mundo. Concordamos com Pacífico (2008, p. 186-187) que: “Sendo assim, julgamos pertinente a questão: como lidar com essa materialidade simbólica, com esse espaço de construção e circulação de sentidos, que não se esgota em uma página, que não tem delimitações rígidas (...)”.

Assim, nesse trabalho buscamos observar as formas de organização das informações e arquivos na rede eletrônica, realizada pelo processo da folksonomia, esta que aparece como uma forma de subsídio para tarefas de classificação e organização das informações de forma coletiva, e que especialmente nos deixa margem para os estudos referentes à linguagem. Com o intento de fornecer uma melhor compreensão sobre a problematização colocada em jogo nesse trabalho, realizaremos uma análise discursiva das etiquetas (*tags*) utilizadas para rotular/indexar as informações circulantes na web através da folksonomia. Assim também como investigações advindas do campo da comunicação e discussões ricas no âmbito dos estudos discursivos instalados na web; partindo assim da interação e posicionamento do sujeito nesse ambiente. Em especial, analisaremos discursivamente as etiquetas que nomeiam/indexam as informações e arquivos eletrônicos no sistema de rede social Twitter¹, e nas etiquetas utilizadas para armazenar e designar links sobre notícias e informações no sistema de armazenamento de favoritos Delicious². Para isso, selecionamos nosso corpus de análise nos referidos sistemas a partir das etiquetas nomeadas como “Egito”, tendo em vista o grande destaque que esta obteve na mídia, no período de janeiro a fevereiro de 2011, período que ocorreram as manifestações no país a respeito do Governo ditatorial do ex-

¹ <http://www.twitter.com>

² <http://www.delicious.com>

presidente Hosni Mubarak. Os recortes abrangem os dizeres desde o início das manifestações até a queda do ex-presidente. Tal acontecimento foi considerado a primeira revolução política-histórica transmitida em tempo real, fomentada pela convergência midiática que permitiu que sujeitos-navegadores no Egito noticiassem relatos, postassem vídeos e fotos na rede, posicionando-se como a própria mídia, causando impacto inclusive nas grandes emissoras de comunicação. A voz de uma nação lutando contra a opressão de um Governo ditatorial, se espalhou por todo o mundo, e através da linguagem buscamos analisar as vozes que circularam na rede por meio de nosso recorte. Através da *tag* “Egito”, observamos as formas como os dizeres e arquivos sobre a referida etiqueta foram organizados, intentando flagrar no movimento da língua os sentidos que constituíram os dizeres.

Partimos do pressuposto de que é pela língua que o sujeito se constitui em seus permanentes movimentos de dizer e calar, de escolher algumas palavras e desviar de outras, de marcar a presença de alguns signos e o apagamento daqueles tidos como indesejáveis. Assim, a Análise do Discurso “não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” (ORLANDI, 1999, p. 15-16). Dessa forma, consideramos que o sentido não é apenas um, ou seja, que as palavras não estão estáticas e petrificadas com um significado já dado a priori; mas que os fluxos de sentidos se dão a conhecer afetados pela história, pelas condições de produção e pelas posições dos sujeitos no momento da navegação, a qual será abordada nesse trabalho juntamente com os deslizamentos de sentidos inscritos nos dizeres online e no modo como os sujeitos (des)arranjam as etiquetas que indexam os arquivos eletrônicos.

Esse modo de pensar e conceber a língua em funcionamento promove uma ruptura com o esquema que prevê a comunicação em uma linha direta e linear em que há um emissor a dizer mensagens a um receptor (JAKOBSON, 1991), codificando-as de maneira supostamente eficaz, em um canal específico, de modo a permitir a emergência de uma mensagem a ser desenhada com clareza e coerência. Esse esquema reto, estanque e fechado em torno do conteúdo a ser decifrado evitaria (ou desviaria) o ruído, algo indesejável a ser mantido à margem como equívoco a ser controlado ou banido. Esse postulado é bastante cabível, no que tange aos sistemas de organização das informações, em especial, as taxonomias que vamos abordar nesse trabalho. Inferimos que essa concepção mais fechada de pensar a linguagem a coloca como um sistema que

deve agir com precisão, de transmitir informações de modo compreensível, assegurando que o sentido seja unívoco; e garantindo aos sujeitos a potência de encontrar os arquivos e informações por meio das melhores e mais adequadas palavras.

A teoria discursiva coloca em xeque a concepção da comunicação em uma linha direta e linear, marcando um deslocamento importante para o objeto desse estudo: as palavras não cabem em um esquema regular e fechado, tendo em vista que suas fronteiras são maleáveis e esburacadas, passíveis de jogo e inscrevem-se sempre de uma forma imprevisível de acordo com as condições históricas e as posições-sujeito. Principalmente levando em conta às condições de produção da rede eletrônica, que está sempre em movimento, promovendo a inscrição do sujeito a partir das diversas ferramentas da Web 2.0; que sustentam as tessituras da malha do digital garantindo os nós que esteiam a rede, a abertura ao movimento inesperado, ao dizer do navegador, ao enovelamento de palavras novas e outras.

Os diagramas sistêmicos reduzem a informação a um dado inerente e descrevem a comunicação como um processo unidimensional de transporte e decodificação. Entretanto, as mensagens e seus significados se alteram ao deslocarem-se de um ator a outro na rede, e de um momento a outro no processo de comunicação. (LÉVY, 2004, p. 22).

Mais ainda, com o processo da folksonomia os arquivos eletrônicos e as várias vozes que emergem nas etiquetas denominadas *tags* reclamam a compreensão do sujeito-navegador como posição discursiva. Segundo Mittmann (2008, p.113-114):

[...] podemos dizer, agora de um ponto de vista discursivo, que o ciberespaço abarca não apenas a armazenagem e circulação dos discursos, mas também a produção, as formas de organização e articulação, além da recepção.

Para desenvolver tais questões realizamos uma revisão de literatura a respeito da Análise do Discurso no capítulo 2, buscando abordar os principais conceitos teóricos que a constituem por meio dos estudos de autores como Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Denise Maldidier, entre outros. Após essa fundamentação teórica, no capítulo 3, passaremos para a reflexão sobre os conceitos de rede a partir dos estudos de Musso (2004). Essa tessitura tem como intento mapear os sentidos engendrados sobre/por entre os nós da rede eletrônica, como também de entender um pouco mais sobre a

constituição da topologia labiríntica desse ambiente, com as contribuições de pesquisadores como Baran (1964), Serres (1969) e Barabási (2003).

Depois, contextualizaremos a dinâmica que consiste a Internet, apoiando-nos em conceitos postulados por Castells (2001), Lévy (2004), Leão (1999), Santaella (2004), dentre outros. Dando continuidade ao nosso percurso será investigado o surgimento da Web 2.0, discutindo a abertura aos processos de publicação e circulação das informações e arquivos pelo sujeito-navegador, calcada por um ambiente colaborativo que reclama cada vez mais atualizações dos internautas, incluindo os estudos de O'Reilly (2004), considerado o precursor dos estudos em Web 2.0. Nesse contexto de uma arquitetura de participação coletiva, intentamos também uma discussão sobre o conceito de inteligência coletiva, a partir de Lévy (1999) e Jenkins (2009), que nos auxiliou na reflexão sobre a questão do coletivo na folksonomia. A abertura aos processos de interação com a Web 2.0 nos levou a considerar o paradigma da convergência cultural, a partir dos estudos postulado por Jenkins (2009), que coloca em evidência a questão das tecnologias, das mídias e dos sujeitos, a partir de novas condições de produção. E por fim, o sistema de rede social Twitter, observando sua materialidade e seu funcionamento discursivo.

No capítulo 4, realizamos uma problematização da leitura do arquivo, a partir das releituras de Pêcheux (1994), deixando margem para a discussão sobre a leitura realizada no âmbito das taxonomias com a análise documentária. Pelo viés da Análise do Discurso, retornamos a certos pontos da teoria colocando em xeque esse modo de leitura, investigando como a ideologia opera nas formas de organização e sistematização das informações, e como essa busca inalcançável pela regularidade e transparência da linguagem se rompe também (e ainda mais) na rede eletrônica, a partir do processo da folksonomia com as *tags*. Entre os principais autores sobre folksonomia, enfatizamos os estudos realizados por Vander Wal (2005), Lipczak (2008) e Hsieh et al. (2009). Cabe ressaltar, aqui, que a literatura sobre folksonomia ainda é escassa, e o trabalho de pesquisa bibliográfica sobre o tema foi uma tarefa árdua. Para tanto, fizemos uma revisão da literatura científica das áreas da Biblioteconomia/Ciência da Informação e nas áreas de Tecnologia, Computação e Informática, levantando conceitos teóricos e reflexões em artigos científicos, anais de eventos por meio de consultas nos sites de periódicos científicos, em bases de dados internacionais especializadas nas áreas citadas, além de buscadores e acervos bibliográficos pessoais, incluindo nosso trabalho

desenvolvido como conclusão de curso de graduação³. Na contextualização sobre a organização das informações sob o aspecto da taxonomia, recorremos às leituras sobre Biblioteconomia/Ciência da Informação, por meio de autores como Lara (2004) e Cintra et al. (2002).

Após essa etapa, chegamos às análises discursivas do objeto de nosso estudo, no capítulo 5, momento em que buscamos compreender os efeitos de sentidos das *tags* produzidos nas informações e arquivos pelo sujeito-navegador na web por meio do processo da folksonomia, nos sistemas do Twitter e do Delicious. Neles observamos como as etiquetas são afetadas pela ideologia e pela exterioridade, ou seja, pelas condições de produções do discurso, retomando alguns dos dizeres e sentidos instalados já em outros momentos do trabalho; tentando flagrar a forma como os sujeitos produzem (seus) sentidos nomeando dados, arquivos e criando, dessa maneira, espaços discursivos de dizer e de calar. E por fim, no capítulo 6, realizamos algumas considerações sobre esse trabalho, e que precede as referências bibliográficas utilizadas para construir todo este percurso discursivo por entre os nós da rede.

1.2 Objetivos e contribuições

O objetivo desse trabalho é fomentar uma reflexão teórico-metodológica no âmbito da linguagem (discurso) na rede eletrônica e do processo da folksonomia, analisando o funcionamento discursivo das *tags* e o posicionamento do sujeito na realização do processo da folksonomia, investigando dessa forma, os modos contemporâneos de circulação e organização dos arquivos e informações na Web 2.0.

Esse trabalho possui a sua relevância na medida em que as pesquisas sobre as formas de organização na rede eletrônica ainda são muito incipientes nos estudos em ciências humanas, principalmente em se tratando dos estudos da linguagem. Mas cabe ressaltar que não é só na área das ciências humanas que esse tema ainda está em desenvolvimento: apesar dos estudos terem se iniciado, a priori, a partir das ciências exatas, ainda há muito o que se explorar e desenvolver em todas as áreas. A Internet configura-se como um importante aparato para a produção e disseminação da

³ Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências da Informação e Documentação FFCLRP/USP, realizado sob a orientação da Profª. Dra. Lucília Maria Sousa Romão, intitulado “Movimentos do sujeito na rede eletrônica: uma análise discursiva sobre a folksonomia”(2009).

informação, no qual todos os dias incontáveis números de dados e informações são dispostos.

De acordo com Hilbert e Lopez (2011), a questão tecnológica da capacidade de armazenamento da informação na web ainda não está nem perto de chegar a seu limite para lidar com dados digitais. Os autores ainda complementam que no ano de 2007 foram processados cerca de 295 exabytes de dados, indicador que foge do nosso alcance e entendimento, tendo em vista que esse número configura-se menos de 1% da informação que é armazenada em todas as moléculas do nosso DNA. Posto isso, inferimos que incalculáveis dados e informações não chegam sequer a serem capturados pelos sistemas de buscadores, e sobre seu modo de organização e sistematização a partir de algoritmos. Nesse momento, deslumbram-se cada vez mais estudos sobre as formas de organização das informações na web, para não chegarmos a viver um verdadeiro caos informacional, dentro de um labirinto cada vez maior, que dispõe cada vez mais de entradas, e caminhos que nem sequer vamos conseguir chegar a entrar para nos perdermos novamente.

O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades de sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual o próprio Dédalo não teria sonhado. (LÉVY, 1999b, p. 111).

Buscar compreender o processo de construção de sentidos instalados a partir das *tags* no movimento de indexação e organização dos dizeres pelo processo da folksonomia nos deixa margem para entender as formas de construção de um arquivo eletrônico, que se torna cada vez mais segmentado por meio das posições-sujeito dentro de determinadas formações discursivas (PÊCHEUX, 1997), mas que ao mesmo tempo, é esgarçado pela heterogeneidade que lhe é constitutiva. A ideia de uma inteligência coletiva para organizar a rede (LÉVY, 1999, 2011) torna-se cada vez mais discutida e a presença do sujeito-navegador nesse processo vem sendo tomada como algo necessário, que deve ser levado em conta.

O papel da informática e das técnicas de comunicação com base digital não seria “substituir o homem”, nem aproximar-se de uma hipotética “inteligência artificial”, mas promover a construção de

coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca. (LÉVY, 1999a, p. 25)

Para empreender nosso estudo, escolhemos a teoria do discurso (PÊCHEUX, 1990) que tem como cerne o sujeito inserido na sociedade e na história interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, o que nos levou a embarcar nessa navegação pelas infovias da web, a fim de investigar o processo da folksonomia. Que surgiu como uma alternativa para a organização e sistematização das informações e arquivos a partir das ferramentas da Web 2.0. As *tags* que serviram como objeto de análise nesse trabalho, juntamente com os dizeres e informações colocadas em movimento pelos sujeitos-navegadores, evidenciaram essa nova maneira de organização coletiva em rede. Marcamos a importância de que os estudos sobre o discurso sejam aplicados sobre as formas de se pensar a construção de ferramentas para a organização das informações, aproximando diversos campos do saber, em uma articulação que irá permitir outro olhar sobre as formas de ler e conceber as informações e arquivos.

Um aspecto importante que está no horizonte desse trabalho é o diálogo entre as áreas da Ciência da Informação/ Biblioteconomia, Análise do Discurso e Sociologia da Informação (rede eletrônica), visando uma reflexão sobre as possibilidades de interpretação da organização das informações na web, as quais são introduzidas pelo sujeito-navegador. Enfatizamos que as análises, sob a ótica da Análise do Discurso, levam-nos a olhar de outro modo, tanto a produção dos sentidos de informação, quanto a forma como os efeitos dela são organizados e recuperados pelos sujeitos-navegadores, posto que as palavras estão sempre em movimento, em desdobramento, fadadas a serem (re)significadas a todo momento.

2. DISCURSIVIDADE EM REDE: TRAJETOS

Não há uma pegada do meu caminho que
não passe pelo caminho do outro.

Simone de Beauvoir

Primeiramente antes de dar a início a nossa discussão sobre os trajetos da Análise do Discurso (AD), gostaríamos aqui de posicionarmos como analistas do discurso, fazendo uma pequena reflexão sobre o que é ocupar essa posição; e de que forma ela nos conduz ao configurar-se como dispositivo teórico e analítico (PÊCHEUX, 1990). A AD se constitui como uma forma peculiar de leitura, que não visa extrair o conteúdo dos textos, mas sim analisar os efeitos de sentidos do discurso. No texto “Discurso: Estrutura ou Acontecimento?”, Pêcheux (2006) coloca que a AD é uma disciplina de interpretação, na qual os dizeres estão constantemente em movimento reclamando por esse gesto, assim compete ao analista o grande desafio de ter que (re)interpretar a interpretação. Porém, essa noção de interpretação que está atrelada ao gesto do analista não demanda apenas descrever minuciosamente os textos, vai muito mais, além disso, e aponta os processos de produção dos sentidos, compreendendo os gestos de interpretação que se configuram nesses discursos através da teoria da AD.

Porque a partir deste olhar, não fazemos uma descrição do texto, mas uma teorização sobre o discurso, ou seja, tomamos o texto como unidade lingüística para análise do funcionamento do discurso e de suas condições históricas de produção/leitura. E porque, nesta teorização, não efetuamos uma análise exaustiva, tentando dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas trabalhamos profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes. (MITTMANN, 2005, p.1)

Por se tratar de um dispositivo teórico e analítico, a AD visa investigar as marcas deixadas no percurso discursivo, a historicidade dos sujeitos e dos sentidos. Partindo das diversas formas de discurso a respeito da língua, a análise discursiva é realizada por meio de leituras atentas que nos fazem refletir, a partir da teoria, sobre as condições de produção do(s) discurso(s), que leva em conta a materialidade lingüística, histórica e ideológica na qual eles são tecidos, evitando tomá-los como meros arquivos, documentos e textos transparentes e homogêneos. Colocamo-nos sempre diante da opacidade da linguagem, por isso "é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção" (PÊCHEUX, 1990, p.79).

Gostaríamos de marcar esse caráter movente da língua, que os sentidos estão sempre deslizando seguindo percursos às vezes inusitados, porém sempre atravessado

por um já-la. Assim, como analistas do discurso, estamos sempre re-construindo caminhos, desbravando novas trilhas na/da linguagem, e efeitos de sentidos que se desdobram no discurso. Assim, destacamos a importância de investigar as condições de produção que instituíram a Análise do Discurso de filiação francesa, os elementos que constituem essa teoria, e que irão nos conduzir aos gestos de reflexão e leitura. De tal modo, daremos início a este capítulo, apresentando as ideias principais que nortearam o início da teoria da AD, como também seus pressupostos teórico-metodológicos, tendo em vista “os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos em sua generalidade” (PÊCHEUX, 1990, p. 78).

2.1 Análise do Discurso: o início do percurso

Introduzir uma discussão sobre a Análise do Discurso é considerar as condições de produção, levando em conta a historicidade dos sentidos que incluem o contexto sócio-histórico sob qual ela foi tecida; e que fora afetado por diversas rupturas e convergências, nos quais novos paradigmas foram sendo instalados.

A Análise do Discurso de filiação francesa, que tem sua origem nos anos 60, surge em um contexto intelectual afetado por duas rupturas. De um lado, com o progresso da lingüística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. Isto permitia a AD não visar o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto), mas como um texto funciona. (ORLANDI, 2001, p. 20).

Nesse contexto imerso em uma grande efervescência política, uma renovação do conhecimento e do pensamento político e social estavam presentes. O materialismo histórico marxista, sob a releitura de Louis Althusser, causava uma grande influência na forma de se pensar e conceber as ciências. Dessa forma, diversos pensadores buscaram nesse momento (re)pensar a lingüística no bojo das Ciências Sociais, e é nesse espaço que Michel Pêcheux se inscreve, estabelecendo uma crítica a psicologia social e incitando discussões no campo do científico e do ideológico, renovando assim toda uma abordagem histórica no campo das ciências. Pêcheux, sob um manto pós-estruturalista e anti-positivista, e como ativista político do Partido Comunista Francês, se debruça em torno de Canguilhem e Althusser, e passa a realizar uma reflexão muito profícua a respeito da história das ciências e da ideologia (MALDIDIER, 2003). Assim, sob o

pseudônimo de Thomas Herbert, ele dá início as suas primeiras concepções marxistas em torno da ciência,

[...] buscando desalojar o campo das Ciências Sociais de um estatuto positivista, em que a ciência se reduz a uma ciência dos fatos tomados fora de qualquer contexto histórico, banindo também de seus domínios tanto as relações entre questões ligadas aos estudos da linguagem, e questões sociais interligadas ao campo das práticas, como questões voltadas às formas de subjetivação do sujeito nas relações de poder, de desigualdade e de confronto entre as classes. (ZANDWAIS, 2009, p.15)

Pêcheux, juntamente com o matemático e linguista Paul Henry e o psicólogo Michel Plon, incita debates através de suas obras, promovendo polêmicas, tais como o projeto de construir uma máquina que seria uma máquina de guerra, um “Cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar uma reviravolta” (HENRY, 1990, p.36). O autor ainda complementa que (1990, p. 14): “Pêcheux sempre teve como ambição abrir uma fissura teórica no campo das ciências sociais”. Dessa forma, concordamos com Ferrarezi (2010, p. 20) ao dizer que:

[...] a adoção de uma postura metodológica marcada pela redefinição dos limites e conceitos das ciências sociais implica no estabelecimento de relações nada pacíficas, jogos de força e embates teóricos atravessados por um forte caráter político, que revestiu a Análise do Discurso desde seu início e que marca todo ato de linguagem.

Foi, então, a partir da ideia de desenvolver uma análise automática do discurso, que servisse como um instrumento científico as ciências sociais, que surge o livro “A Análise Automática do Discurso” no ano de 1969. A Análise do Discurso (AD) de filiação francesa nasce como um dispositivo teórico que possibilita ao sujeito analisar o discurso com outro olhar, diferente da simples decodificação de um texto, buscando escutar e compreender os efeitos de sentidos entre os sujeitos. A teoria da AD foi construída a partir da problematização de três vertentes teóricas instaladas nas ciências sociais, que une reflexões sobre o discurso e a história, articulando a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Segundo Gregolin (2004, p. 25-26):

Da articulação entre propostas de Saussure, Marx e Freud surgirão novos conceitos (sujeito, História, língua) e deles vai derivar o objeto ‘discurso’, tensionado por uma relação entre esse novo ‘estruturalismo’ (releitura de Saussure), um novo ‘marxismo’

(releitura de Marx) e uma nova teoria do sujeito (releitura de Freud) [...] Por operarem esses deslocamentos (nos conceitos de estrutura, de sujeito, de história), esses trabalhos receberam o rótulo de pós-estruturalistas', exatamente para acentuar as diferenças com aquilo que seria um 'estruturalismo formalista.

O estruturalismo que era considerado até então a corrente dominante (*mainstream*) na década de 60, levava uma atitude não-reducionista frente a questões da linguagem, algo que interessava a Pêcheux. Ele que estava a se dedicar à criação de um novo instrumento científico, e que não poderia ser concebido independentemente de uma teoria dentro do método científico dedutivo, ou que pudesse conduzir a teoria a partir desse instrumento, ou seja, a partir do método indutivo. E é partir dessa premissa que Pêcheux reflete sobre a opção de tomar o empréstimo de uma teoria, para construir esse instrumento, e tal teoria deveria ser “apropriada” ao que ele almejava (HENRY, 1990); e este empréstimo veio se efetuar particularmente da linguística. De acordo com Orlandi (2001, p. 110), “por pressupor a Linguística é que a AD passa a ser mais específica quanto ao tratamento da linguagem nas metodologias aplicadas nas ciências humanas”. Porém, o instrumento no qual Pêcheux se debruçava em construir, não poderia ser somente uma simples análise linguística aplicada, ou mais uma forma de análise de textos, e foi a partir daí que os seus esforços foram voltados em conceber uma teoria da diferença que rompesse com a corrente positivista e dominante da época, que já passava por diversas mudanças, devido às transformações ocorridas no campo das ciências nos séculos XIX e XX. O campo dos estudos da linguagem atravessou por diversos momentos, e que gostaríamos de pontuar aqui, posto que a linguística que foi utilizada com um dos pilares da AD, foi derivada também desses processos.

Os estudos da linguagem no século XIX tinham seu estatuto como filosófico e, no século seguinte, em resposta a uma hegemonia da linguística alemã (ALTMANN, 2011), veio lutando pelo estatuto de ciência. E para que assim fosse capaz de tratar seu objeto desvinculado de outras disciplinas, e conseguisse autonomia nos estudos da linguagem, tendo como seu objeto a língua. Foi com os estudos do suíço Ferdinand Saussure, com o “Curso de Lingüística Geral” (CLG), que houve uma renovação linguística histórica, dando a este autor status como o pai da linguística moderna. Saussure traz a noção da língua como um sistema independente (*langue*) e objeto da linguística, como também uma estrutura da língua.

Através desta questão, Saussure pôs-se a pensar contra seu tempo, rompendo com uma série de interrogações pré-linguísticas sobre a origem da linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas (PÊCHEUX, 1999a, p. 9).

A Linguística de Saussure, ao introduzir ao território da linguagem a língua como um sistema, propõe a separação entre língua (*langue*) e fala (*parole*), e discorre sobre a relação entre o signo- significado e significante; a partir daí instala-se uma estrutura da língua dotada de impossível, e inatingível. Com as mudanças ocorridas na conjuntura francesa no período da década de 60, foram desencadeadas alianças que existiam em torno da linguística (PÊCHEUX, 1999a), e a estrutura saussuriana que perdurou por muito tempo, já não dava conta de responder sobre os sentidos, e a questão da semântica foi considerada um ponto extremamente frágil da teoria de Saussure. Nesse momento, não havia um aporte teórico que possibilitasse a articulação entre a língua, a história e os sentidos. De acordo com Pêcheux (1999a, p. 11):

Ora, esta unidade acadêmica da Linguística pós-saussureana ia novamente esfregar-se no início dos anos 60, sob o efeito de dois processos a priori independentes, mas que se desenvolviam simultaneamente, durante cerca de quinze anos:

- o desenvolvimento da hegemonia teórica da Gramática Gerativo Transformacional (GGT), diante das posições institucionais adquiridas no período anterior pelas diferentes tendências funcionalistas (protegidas ou não pela etiqueta do estruturalismo linguístico, elas continuaram a 'conservar o território', tanto nos EUA quanto na Europa);
- o aparecimento na França de uma nova corrente filosófica, epistemológica e politicamente bastante heterogênea, mas que constituiu seu espaço pela referência a três nomes fundadores e á (re)leitura de suas obras: Marx, Freud e...Saussure.

Mesmo que os estudos do CLG tenham ficado à margem, ninguém pode negar a sua importância no campo da linguística, segundo Benveniste apud Pêcheux (1999a, p. 5): “não há lingüista atualmente que não lhe deva algo”. Assim, não poderia ser diferente, a contribuição da linguística nos estudos em AD veio a partir da leitura atenta de Michel Pêcheux ao “Curso de Linguística Geral” (CLG) de Saussure. Os efeitos dessa leitura foram percebidos na análise automática do discurso de 1969, a respeito do interesse em se explorar o funcionamento da língua, e não somente pela sua função. Apesar de críticas feitas ao CLG, Pêcheux “tira proveito do fundamento do deslocamento saussuriano, ao reconhecer o traço fundamental sobre o qual repousa a

lingüística moderna a partir de Saussure: a língua é um sistema” (GADET et. al., 1990, p. 42). E assim como os sociolinguistas da época, ele observa que o corte saussureano língua/fala, não poderia se ocupar da questão do discurso, pois dentro desse esquema não há uma divisão entre o sujeito (fala) e o social (língua), ou seja, dos elementos internos e externos, que são partes constituintes da língua e do discurso.

Os estudos desenvolvidos na AD vieram trabalhar com a noção de discurso como objeto de investigação, como também a linguagem em funcionamento na/para produção dos sentidos.

A ciência, a linguística, responde pela ordem da língua naquilo que diz respeito ao sistema, mas nos processos discursivos ele é atravessado pela história e pelo sujeito. Isso permite que a língua adquira materialidade e espessura (DORNELES, 2005, p.45).

Consideramos que a Análise do Discurso procurou a dimensão histórica que tinha sido apagada da concepção saussureana de língua, como também a noção de sujeito, sufocado no estruturalismo. “[...] a um momento do pensamento em que o Sujeito se volatiliza no horizonte teórico, o programa estruturalista já havia logrado reduzir o sujeito, destroná-lo, clivá-lo, torná-lo insignificante” (DOSSE, 1993, p.329).

Provocados por esse mesmo estruturalismo em voga, tanto a filosofia quanto a psicanálise, inspira-se para compor grandes reflexões, e é nesse contexto que atuam Lacan, Althusser, Derrida, e Foucault. “Foi assim que Althusser se propôs a ler Marx, confrontando seus textos entre si antes de relacioná-los com a exterioridade; bem como Lacan propõe à re-leitura de Freud” (PETRI, 2006, p.4). Pêcheux também já se encontrava incomodado pela abordagem da psicologia social nos anos 60, a qual se caracterizava por construções e manipulações da interação em experimentos laboratoriais ou realizados em campo, calcados em uma cena fechada, a-histórica, prezando a interação verbal. O seu incomodo partia justamente por tudo que a psicologia social propunha-se a fazer, como também tudo o que ela deixava de lado, tal como a relação da história, língua, ideologia e inconsciente. “É dessa relação conflituosa que nasce a relação da AD com a Psicanálise, sobretudo a Lacaniana” (PETRI, 2006, p.4). As contribuições da Psicanálise, proposta por Freud e as releituras de Lacan, instituíram o sujeito do inconsciente, abordado na teoria discursiva:

[...] em relação ao inconsciente, tudo dependia da linguagem, Lacan (1992), por outro lado, com o apoio na Linguística, pôde avançar na teoria a partir de Freud e constituir o campo da psicanálise, marcado por alguns de seus famosos aforismos, que transcrevo a seguir: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, “o inconsciente do sujeito é o discurso do outro”, “todo ato falho é um discurso bem-sucedido”, “a lei do homem é a lei da linguagem (MARIANI, 2010, p. 116).

A questão do inconsciente também é trabalhada em alguns momentos por Louis Althusser, que trouxe grande influência à AD, no que diz respeito ao conceito de ideologia:

[...] depois de Freud é que começamos a suspeitar do que quer dizer o escutar, e, portanto, o falar (e o calar); e que o “quer-dizer” do falar e do escutar revela, sob a inocência do falar e do escutar, a profundidade de uma fala inteiramente diversa, a fala do inconsciente. (ALTHUSSER, 1992, p.14).

Entretanto Althusser e a sua filiação marxista colocam os processos sócio-históricos como uma forma de produção do mundo simbólico, que constitui os objetos que são formadores desse inconsciente. Althusser (1992) faz uma aproximação entre a ideologia e o inconsciente, a partir da relação imaginária do sujeito com as suas próprias condições de existência.

Discutindo um pouco mais sobre as contribuições de Althusser, pode-se dizer que foi a partir de seus estudos que as questões políticas e ideológicas tornaram-se marcantes, como também indissociáveis à teoria da AD, posto que elas são formas de intervir na luta de classes, conceito de fundo marxista discutido nas obras do autor, que foi um grande pensador francês e professor de Pêcheux e ainda de grandes intelectuais, como Lacan e Foucault. Denise Maldidier (2003), ao resgatar a trajetória de Pêcheux em seu livro “A inquietação do Discurso” é enfática ao dizer sobre a influência de Althusser na trajetória de Pêcheux: “Se fosse necessário, nesses anos de aprendizagem, designar um nome, um pólo, eu não hesitaria: Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso” (2003, p.18). A influência althusseriana nos escritos de Pêcheux estenderam-se ao longo de seu percurso, e tiveram grande importância para a sustentação político-filosófica na teoria da Análise do Discurso, norteador alguns dos pressupostos de sua formulação e constituição, cujos postulados sobre ideologia perpassam pelo pensamento althusseriano pós-marxista formando os alicerces de uma ponte entre a ideologia e a linguagem. Essa

relação é um elemento que perpassa a todo processo discursivo, pois segundo Dorneles (2005, p. 41): “A ideologia e a linguagem constituem, assim, pontes que vão se estreitando numa totalidade que constitui objetos”.

De acordo com Althusser (1992), a ideologia existe somente por e para o sujeito, agindo como um sistema de representações que atua em todas as sociedades assegurando a relação dos sujeitos com as estruturas do todo social. Assim não há outro sujeito senão o da ideologia e eles estão intrinsecamente ligados; dessa forma, todo sujeito pode somente ser agente de uma prática social enquanto tal; e isto se configura como uma ilusão necessária aos sujeitos históricos. Pode-se afirmar que ao tratar a noção e o funcionamento da ideologia dessa maneira, Althusser rompe com toda uma filosofia idealista e suas práticas, na esteira do materialismo histórico. Entendemos dessa forma que a entrada da noção da ideologia na teoria da AD foi a de possibilitar a compreensão da língua e sua exterioridade, relacionando-a ao modo de produção, que acaba por dominar uma formação social dada (PÊCHEUX, FUCHS, 1990).

Temos aí a questão da língua como totalidade, que comporta sistema e exterioridade, como também a ideia de que não há transparência na linguagem, devido à própria opacidade dos processos de determinação exercidos pela estrutura da sociedade e, como também coloca Althusser, pela existência da divisão em classes. De acordo com Orlandi (1999, p. 15), “assim considerada, a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário de um sobre o outro”. Com a ideologia, os mecanismos imaginários entram em funcionamento e garantem a não-transparência, a opacidade da linguagem, e temos então uma leitura não mais “ingênua”.

Pêcheux (1990), em uma tentativa de expor e problematizar os deslocamentos teóricos da Análise do Discurso realiza um apanhado sobre os três momentos dessa disciplina, através do percurso de sua formação. Ao traçar essas pegadas, percebe-se que durante a passagem de uma época para outra ocorreram mudanças significativas. Os diferentes momentos são denominados as “três épocas da AD”, na qual Pêcheux revela a sua construção, os embates, e os arranjos realizados na constituição desse campo teórico-metodológico formulado em torno da articulação entre a língua, sujeito e o social.

O primeiro momento, denominado por AD-1, veio com a publicação da obra “*Analyse Automatique du Discours*” no ano de 1969, e explorava questões relacionadas a um aparato teórico-metodológico a respeito da criação de uma máquina discursivo-

estrutural, calcada especialmente nos princípios Saussureanos. Maldidier (2003, p. 19) denomina a obra como “original que chocou lançando, a sua maneira, questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido”. Porém, o discurso é concebido nessa época por Pêcheux, como uma máquina autoderminada e fechada sobre si mesma, o que se pode afirmar que ainda é uma visão “ingênua” de se concebê-lo, com traços ainda estruturalistas. Desse modo, o que se privilegia nesse momento é o tratamento formal da língua e a sua estrutura, e isso se dá através da Linguística e da Informática. Esse caminho é baseado em dois gestos discursivos (PÊCHEUX, 1990): a reunião de um conjunto de traços discursivos empíricos, a partir da hipótese de que a sua produção é determinada por apenas uma máquina discursiva. A segunda possibilidade é a construção de um espaço de distribuição combinatória das variações empíricas dos traços discursivos empíricos, constituindo dessa forma um gesto epistemológico de “ascensão” em direção à estrutura da máquina discursiva que supostamente as concebeu.

Esse conjunto de traços empíricos é constituído por um corpus fechado de sequências discursivas, “selecionadas (o mais frequentemente pela vizinhança de uma palavra-chave que remete a um tema) num espaço discursivo supostamente dominado por condições de produção estáveis e homogêneas.” (PÊCHEUX, 1990, p. 312). As análises linguísticas realizadas no corpus consistiam em detectar e construir espaços de identidades parafrásticas intersequenciais. Essa perspectiva que posteriormente foi abandonada por Pêcheux, tinha um procedimento de ordem fixa, restrita do ponto de vista tanto teórico como metodológico. No texto “Análise do Discurso e Informática”⁴ de 1981, Pêcheux retoma a discussão da AAD 69 e acrescenta que:

Simultaneamente, sublinharei quantos dos procedimentos da AAD 69 ficam distantes de um acordo, quanto a apreensão deste jogo entre o mesmo e o outro, que caracteriza a heterogeneidade contraditória de todo o campo de arquivo: tanto para métodos de cálculo das proximidades quanto pela rigidez pesada da análise sintática (manual, além disso) que elas supõem, e também a obstinação em reconstruir identidades parafrásticas, os procedimentos da AAD 69 ficam bem mais próximos do que eu poderia supor na época das evidências empírico-lógicas da leitura (PÊCHEUX, 2011, p. 281).

⁴ Texto inicialmente publicado em *Actes Du Congrès International: "informatique et sciences humaines"* Liège, LASLA, 1981.

No segundo momento (AD-2) vem à aproximação dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual, e assim inicia-se o movimento em direção à heterogeneidade, com a incorporação dos conceitos de interdiscurso, e de formação discursiva (FD), (assinalamos que logo mais a frente iremos explicitar tais conceitos). A questão da heterogeneidade aparece, abrindo “espaço para a reformulação dessa concepção- como a que foi realizada por Jacqueline Authier-Revuz, alguns anos depois, para os questionamentos acerca do destaque até então conferido à paráfrase, ao repetível” (FERRAREZI, 2010, p.24).

Pode-se notar que há um considerável deslocamento teórico em relação ao primeiro momento da AD. No texto “A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas” de 1975, escrito por Pêcheux e Fuchs, são apresentadas reformulações e reflexões acerca a AAD, como também reajustes perceptíveis à teoria. De acordo com Mالدیدیر (2003, p. 38): “O texto é, em um sentido, a reescrita de todos os textos precedentes; ele traz marcas de retornos reflexivos, de remanejamentos e de retificações, de atualizações ou de apreensões, os estigmas e inquietações”. Nesse artigo, é definido o “quadro epistemológico” da Análise do Discurso, explicitando a articulação entre as três regiões de conhecimento científico com o materialismo histórico, a linguística e a psicanálise. É apontado também o problema do discurso, e as suas relações entre língua, ideologia e sujeito.

A terceira época (AD-3), marcada pelo período de 1980 a 1983, é caracterizada por Mالدیدیر como a fase da “desconstrução domesticada”, na qual se deu a emergência do surgimento de novos procedimentos da AD, por meio de uma desconstrução das maquinarias discursivas (PÊCHEUX, 1990). O colóquio “Materialidades Discursivas” vem abrir esse novo período, colocando questões referentes à teoria do discurso no entremeio do “triplo real da língua, da história, e do inconsciente” (Mالدیدیر, 2003, p.71). Questões referentes à heterogeneidade, a presença do outro no discurso, (re)aparecem nesse contexto juntamente com discussões sobre o sujeito, a fim de reconfigurar a AD. “Longe de levar á renúncia, a reflexão crítica de Michel Pêcheux vai produzir uma “mexida” nos próprios objetos da análise de discurso” (Mالدیدیر, 2003, p.75). Muitos pontos de interrogações são suscitados por Pêcheux, principalmente sobre as formas de leitura e a forma de concebê-la a partir da AD. No texto “Ler o arquivo Hoje” do autor é possível notar seu esforço a fim de refletir sobre o trabalho da leitura:

No cerne da questão: a ambiguidade fundamental da palavra de ordem mais que centenária “aprender a ler e escrever”, que visa ao mesmo tempo a *apreensão de um sentido unívoco* inscrito nas regras escolares de uma assepsia do pensamento (as famosas “leis” semântico-pragmáticas da comunicação) e o *trabalho sobre a plurivocidade do sentido* como condição mesma de um desenvolvimento interpretativo do pensamento (PÊCHEUX, 1997, p. 59).

No ano de 1983, instala-se uma crise teórica e política no interior da Análise do Discurso, como também no seu berço, a França, e “uma nova batalha parecia ter de fazer no próprio terreno da instituição. É assim que eu interpreto os últimos tempos do percurso de Michel Pêcheux” (MALDIDIER, 2003, p.78). Nesse mesmo ano, vem a falecer Pêcheux, e essa batalha que estava a se travar é então silenciada na França. De acordo com Ferrarezi (2010, p.26):

É importante ressaltarmos que, no Brasil, a teoria do discurso foi introduzida apenas nos anos 1970, ou seja, quando estava já em um efervescente processo de reelaboração na França. Essa defasagem no tempo, aliada às diferenças de espaço e concepção teórica, resultou, segundo Gregolin (2004), em uma outra maneira de se recepcionar a Análise do Discurso, que privilegia, muitas vezes, as primeiras formulações peuchetianas, fortemente marcadas pelas teses althusserianas, apagando-se, assim, a polêmica que transpassou, de forma tão particular, a teoria do discurso.

Pode-se afirmar que atualmente a Análise do Discurso de filiação francesa pecheutiana possui grande expressividade nos estudos realizados no Brasil. Benveniste em sua fala de comemoração ao cinquentenário de morte de Ferdinand Saussure, no ano de 1963, coloca que Saussure: “Além de sua visa terrestre, suas idéias irradiam muito mais longe do que poderia ter imaginado, e este destino póstumo tornou-se uma segunda vida, que se confunde com a nossa”. Colocamos aqui que, assim como Saussure, as ideias de Pêcheux irradiam-se e muito mais longe, além dos horizontes europeus, aqui no Brasil. Concordamos com Ferreira (2008a, p. 138) ao dizer que:

‘não, ele não sobrevive, ele vive’. E vive e continua teoricamente uma referência forte, graças ao trabalho consistente dos analistas brasileiros, à solidez do material conceptual, que continua sendo acionado nas análises, e à renovação metodológica encontrada para fazer frente aos novos discursos, bem distantes da ‘*langue de bois*’ (língua de madeira) de então.

Desse modo, nós percorremos a seguir esse caminho que se con-funde com o nosso, investigando os conceitos fundamentais da Análise do Discurso, e de renovações metodológicas propostas por teóricos que se apoiaram na teoria do discurso pecheutiana. E que servirá para nos guiar por esse percurso por entre os nós da rede eletrônica ao longo desse trabalho.

2.2 Além das palavras: uma teoria dos sentidos

A teoria da Análise do Discurso tem como cerne a língua funcionando para a produção de sentidos, permite analisar o discurso além das palavras, ensina-nos a ler a plurissignificação, pois “sua finalidade é explicitar como um texto produz sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 23). Ao falar sobre discurso, não se pretende caracterizá-lo como um esquema estanque, fechado e linear no qual se caracteriza através do emissor, mensagem, referente, receptor, como enunciamos anteriormente; mas sim apresentá-lo como efeito de sentidos entre os sujeitos ao/do discurso. Segundo Pêcheux:

O que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um efeito de sentidos entre os pontos A e B (1990, p. 82)

A teoria da AD é mobilizada nesse trabalho para investigar os movimentos do sujeito e dos sentidos na rede eletrônica, já que a AD tem como preocupação observar os processos históricos de atribuição de sentidos focando o sujeito como um pilar importante para a compreensão do funcionamento da linguagem. A língua aqui é tida como uma estrutura simbólica, que está aberta ao equívoco, ao furo e a falha.

Tomamos o sujeito discursivo não como um ser empírico, biológico, sociológico ou psicologizado, mas sim como posição no discurso sempre inserido em um dado contexto sócio-histórico. Tal noção de sujeito marca um tom inaugural no campo linguístico, visto que o sujeito sempre ocupa um lugar de dizer, que não é rígido e implica um processo de captura instalado pela ideologia e pelo inconsciente. Pêcheux (1997, p.153) acrescenta que o caráter comum da “ideologia e inconsciente é o de dissimular no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, devendo entender-se esse último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito””. Posto isso, colocamos que o

sujeito da AD, tem a partir da linguagem e da ideologia, a condição de assujeitamento. Segundo Orlandi (2001, p. 130):

O sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio- historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia.

Assim, o sujeito é a todo tempo interpelado pela ideologia, definida como um mecanismo que torna os sentidos naturais e transparentes para ele na posição em que ocupa. Dessa forma, a ideologia provoca a naturalização de um conjunto de representações, saberes e dizeres possíveis para o sujeito em certo momento, fazendo parecer óbvio que se diga de um modo e não de outro, que se utilize uma palavra ao invés de outra.

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas) (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 166).

A ideologia é a responsável pela produção de evidências que colocam o sujeito em relação imaginária com as suas próprias condições históricas de existência, fazendo parecer que não existem outros modos de dizer algo. A ideologia funciona como um mecanismo naturalizador de sentidos para o sujeito e, assim, ao enunciar uma palavra, certos sentidos são evidenciados em detrimento de outros. O sujeito interpelado pela ideologia e pelo inconsciente não é o senhor de seu dizer, posto que ele não possui a capacidade de controlar totalmente os sentidos produzidos, assim não há garantias de que o dizer de A chegue à B, carregados dos mesmos sentidos.

Fica bem claro, já de início, que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. Se o que dissemos faz sentido, resulta, pois, dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social (PÊCHEUX, 1990, p. 82).

O funcionamento da ideologia ligado a reprodução das relações de produção, incide no que se denominou por interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico; dessa forma o sujeito é conduzido, sem perceber, e tem a ilusão de estar “exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (PÊCHEUX, 1990, p.166). Assim, A ao enunciar atribui uma determinada posição à B, que está condicionada a uma formação social, ideológica e discursiva.

A produção de evidências determina o que “pode” e “deve” ser dito, a partir de uma posição numa dada conjuntura (PÊCHEUX, 1997), e isso ocorre a partir de uma formação discursiva (FD). Uma FD é enfeixada por fragmentos discursivos diversos, que vão se (re)montando, “na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar” (PÊCHEUX, op.cit., p.314). O que é denominado por formação discursiva (FD) é a projeção na linguagem, das formações ideológicas (FI).

[...] desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente as posições das classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p.166).

É ela, a FD, que determina o que pode ser dito em direção aos efeitos do momento da conjuntura e do acontecimento, sempre atravessada por diferentes ideologias (a jurídica, religiosa, etc.). Esse conceito estabelece uma relação muito próxima entre a história, concebida como relação ideológica de forças, o que marca uma instância de “escolha” das palavras a serem faladas e também de controle de sentidos das informações a serem circuladas; e regularizadas no interior de uma FD dominante que determina o que pode ser colocado em circulação. A noção de ideologia e poder, na ótica de Althusser (1992) é articulada por Pêcheux (1997) para tecer a sua concepção de FD e relacioná-la ao conceito de formação ideológica (FI). O que ocorre, então, é o entrelaçamento de duas formações: a ideológica, por meio da luta de classes, e a discursiva, “concebida originariamente como algo que delimita, que recorta, que tem ausências, que tem lacunas e vazios a serem preenchidos” (DORNELES, 2005, p. 77). Assim, Pêcheux coloca em resumo que:

[...] a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do ‘todo complexo com o dominante’ das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes (PÊCHEUX, 1997, p. 147)

Além das noções de sujeito e ideologia, mobilizamos nesse trabalho o conceito de historicidade que, para a AD, pode ser definida como a inscrição histórica dos sentidos, isto é, o trabalho histórico deles e sobre eles, naturalizados como dominantes ou marginais a partir das posições que os sujeitos ocupam. Na produção de um discurso, a historicidade marca o funcionamento do discurso como um real da história a cravar suas pegadas no real da língua (PÊCHEUX, 1997). O conceito de historicidade é definido por Orlandi (1999, p. 19), “não como fatos e datas, como evolução e cronologia, mas como significância, ou seja, como trama de sentidos, pelos modos como eles são produzidos”. Assim, a historicidade inscreve um modo de produção dos sentidos em um lugar sócio-histórico e tem relação com o já-dito, ou seja, com a memória discursiva.

A memória, para a Análise do Discurso, configura-se como um saber discursivo, como matéria fundante da linguagem, como condição do dizível; dessa forma, não há discurso sem memória e essa memória é sempre atualizada a cada dizer. Não se entende a memória aqui como capacidade de se lembrar ou esquecer-se de algo, como traço do mundo cognitivo, do biológico ou como propriedade da inteligência; porém, toma-se por esse termo a memória discursiva, que, para nós, é compreendida como a memória dos sentidos, que sustenta o(s) dizer(es) do sujeito, agindo como uma forma de condição do funcionamento discursivo. É a memória que vai exercendo a função de colar os fragmentos discursivos que estão espalhados, formando uma colcha de retalhos através da linguagem.

Inferimos que a memória discursiva não é simplesmente uma repetição do que já foi dito, mas é também um movimento que sustenta os sentidos que são atualizados ao sujeito. O sentido, portanto, nunca é pronto ou acabado, e nunca se dá por definitivo, pois ele sempre está em relação com o já-dito, seja para confirmá-lo, para polemizá-lo ou subvertê-lo. A memória discursiva é, então, o sempre-já-aí, é um espaço de lutas e desdobramentos, conforme Pêcheux (1999b), e ao mesmo tempo ela também se configura como “o gesto de inscrever(-se) como sujeito só é possível preso à teia do repetível” (ROMÃO, 2007, p.54), o movimento para subverter o jogo dos sentidos dá-se

nas brechas de onde emerge o outro, constituindo a tensão do movimento incessante entre a repetição e a diferença, como diz Ferreira (2007, p.3):

O choque do acontecimento faria sempre atuar um jogo de força na memória: um visa manter uma regularização pré-existente, bem como dos implícitos veiculados, e negociar a integração do acontecimento; o outro, ao contrário, visaria uma desregulação que vem perturbar a rede de implícitos.

Esse jogo entre a tensão e a opacidade possui uma relação com a memória e a heterogeneidade, e também com o sujeito, tal como a teoria discursiva o concebe, como posição no discurso, interpelado pela ideologia, afetado pelos dois esquecimentos e atravessado por palavras de outros (conceito que traremos logo mais adiante).

Pode-se dizer que a memória está sempre associada ao deslocamento de sentidos, “no qual todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2006, p.53). A memória discursiva sustenta a malha de sentidos já ditos e até mesmo aqueles já esquecidos ou impossíveis de dizer, malha que determina a emergência dos discursos. A memória supõe o enunciado inscrito na história e torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. De acordo com Maingueneau (1993, p. 115), “toda formação discursiva é associada a uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações”. Temos então a partir da noção de memória discursiva, que nenhum sentido é pronto ou acabado, pois existe essa relação com o já-dito, relação que não funciona necessariamente como um mecanismo de confirmação, mas também como um espaço para polêmica e ou da subversão. “Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima” (PÊCHEUX, 1990, p. 77).

Transpondo para a rede eletrônica, a memória discursiva pode ser então considerada como o fio do dizível na rede a garantir os nós, os links, os pontos inesgotáveis de dizeres do sujeito. Nesse espaço fluído da rede, cabe ao analista do discurso investigar as marcas deixadas pelos sujeitos-navegadores, entrelaçando os acontecimentos exteriores e anteriores ao discurso; refletindo assim sobre as

materialidades que intervêm na sua construção, tal como as formações discursivas envolvidas.

2.3 A inscrição da heterogeneidade: fragmentos do sujeito

As bases teóricas da Análise do Discurso apresentadas até o momento demonstram que os sentidos instituídos pela posição-sujeito não são uniformes, fechados, e tampouco homogêneos, pois eles configuram-se como heterogêneos, divididos entre o que foi dito e o que foi silenciado, entre o que é significado em um momento e o que já foi significado antes. “Isso porque a própria constituição do discurso se dá pela multiplicidade de fragmentos, de partículas disformes de discursos e, também, de saberes dispersos cujo manancial muitas vezes se perdeu. (MITTMANN, 2010, p. 89). Longe de ser homogêneo, o sujeito é dividido, clivado e esgarçado por sentidos heterogêneos, está sempre sendo atravessado por vários dizeres em uma tensa e permanente(mente) relação com as palavras, com o outro e com os discursos já ditos antes. A heterogeneidade do discurso dá-se em uma relação interior e exterior ao próprio discurso do sujeito que, ao enunciar uma palavra, apóia-se em dizeres já dito em outros momentos sociais, já enunciados antes por outrem.

Somente o Adão mítico, abordando com a sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 27)

Pode-se inferir que todo discurso, assim como aquele inscrito na rede eletrônica, possui um caráter heterogêneo devido às diversas vozes que vão tecendo (n)essa rede, gerando nós e rupturas, emergindo novos sentidos, de outros processos de significação e também possibilitando uma maneira diferente de assunção da subjetividade. O conceito de heterogeneidade de Authier-Revuz (1982) ajuda-nos a analisar o discurso do navegador na rede eletrônica, em que o sujeito cola o seu dizer em/a outros dizeres, instalando-se tensa e permanentemente em palavras que não são suas, posto que já ditas por outrem (MOREIRA; ROMÃO, 2008). Authier-Revuz aponta-nos dois tipos de heterogeneidade, sendo elas, a constitutiva e heterogeneidade mostrada. A primeira forma é caracterizada pela linguista como uma,

[...] heterogeneidade radical, em exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, como tal não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro do discurso — onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente.(AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 32).

A heterogeneidade constitutiva é postulada a partir da noção de discurso, que se constitui na e pela presença de outros discursos de uma forma implícita, não sendo marcado o nome do outro; sendo assim, ela sustenta-se na superfície da memória e do interdiscurso. Carreira (2000, p. 87) define que: “Não existe um discurso neutro, isento do já-dito por outro(s), mas antes um discurso saturado por discursos-outros, a partir dos quais ele tece sua trama”. O conceito de interdiscurso para a AD francesa está ligado à noção de linguagem, a partir da ordem do (não) dizível, indicando que os discursos são sempre saturados e heterogêneos. Segundo Ferreira (2012, p. 145): “Se a memória discursiva recorta os sentidos e os atualiza no acontecimento da linguagem, ela o faz determinada pelo interdiscurso, o lugar de todos os dizeres”. Dessa forma, é importante ressaltar que memória discursiva e interdiscurso são conceitos entrelaçados, mas não equivalentes.

Conforme apresenta Pêcheux (1997, p.162), o interdiscurso seria “o todo complexo com dominante das formações discursivas”, considerando a formação discursiva sendo “o lugar da constituição do sentido” (PÊCHEUX, 1997, p.162), temos o interdiscurso como uma rede complexa e in-finita de (não)dizeres que age nas formações discursivas, ou seja, na constituição dos sentidos. O interdiscurso ao reunir todos os dizeres, os já-ditos e não-ditos, seria da ordem do irrepresentável e do ininterpretável discursivamente (ORLANDI, 1996).

Assim, tal conceito pode ser colocado como algo maior e mais complexo do que o conceito de memória discursiva. De acordo com Agustini (2005, p. 2) “ao se fazer discursividade, o interdiscurso é recortado em unidades significantes, constituindo-se em memória discursiva”. O interdiscurso seria então o lugar onde estão todos os dizeres, e a memória seriam os recortes, os fragmentos, “Podemos, portanto, compreender essa memória discursiva como o efeito da presença do interdiscurso (eixo da verticalidade) no acontecimento (eixo da horizontalidade) do dizer” (AGUSTINI, 2005, p. 2). Vemos que o interdiscurso se faz presente em todo dizer, em seus estilhaços, temos a memória que nos ajuda a re-montar, re-constituir partes do discurso, que é sempre heterogêneo, atravessado por outros dizeres.

Logo, o conceito de heterogeneidade aparece ligado à noção de Formação Discursiva, posto que ela é enfeixada por diversos fragmentos e “o contato entre formações discursivas e, portanto, a intervenção do interdiscurso furam suas fronteiras e impõem novos sentidos e novas posições-sujeito (os dois se constituem juntos) a uma formação discursiva particular à qual o sujeito se identifica” (MITTMANN, 2010, p.90). Coloca-se, então, dessa forma, o efeito de exterioridade, que constitui a FD na qual o sujeito filia-se ao se posicionar discursivamente. Isso aparece nos “esquecimentos” do sujeito, postulado por Pêcheux. Tais esquecimentos produzem um efeito de ilusão para o sujeito de estar no centro de seu dizer e ter controle sobre ele, ser fonte do sentido e do dizer. Posto isso, pode-se colocar que,

[...] a impressão de realidade de seu pensamento para o sujeito falante ('eu sei o que estou dizendo', 'eu sei do que estou falando'), impressão deflagrada pela abertura constitutiva da qual esse sujeito se utiliza constantemente através do retorno sobre si do fio de seu discurso, da antecipação de seu efeito e da consideração da discrepância introduzida nesse discurso pelo discurso de um outro (como próprio outro) para explicitar e se explicitar a si mesmo o que ele diz e 'aprofundar o que ele pensa'. (PÊCHEUX, 1990, p.167).

Definindo assim, o sujeito como descentrado e heterogêneo, Pêcheux (1997) cita dois esquecimentos (nº 1 e nº 2) que atuam de modo a apagar a heterogeneidade constitutiva, dando a impressão de centralidade, transparência e univocidade do/ao sujeito (eu) e do/ao sentido (literalidade). Tomado pelo esquecimento nº 1 (PÊCHEUX, 1997), também conhecido por esquecimento ideológico, o sujeito é afetado pela ilusão de ser a origem do que diz, ele se imagina como senhor de seu dizer, fonte dos seus dizeres e, por um movimento de evidência da interpelação ideológica, passa a acreditar que suas palavras correspondem, representam exatamente àquilo que ele pensa, que o seu dizer é sua propriedade particular. De acordo com Orlandi (1999, p. 35), “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”. Dessa forma o sujeito apaga tudo ao que remete ao exterior de sua formação discursiva (FD). Assim sendo, o já-dito anterior é escamoteado e esquecido da condição do interdiscurso, entende o seu dizer como “seu” e não sedimentado por um já-lá, no qual ele retorna para significar.

Em relação ao esquecimento número dois, o enunciativo, o sujeito ao pronunciar uma palavra, esquece de outros sentidos possíveis que ela poderia ter, apagando regiões indesejáveis e crendo haver uma relação termo a termo entre a

palavra, o pensamento e o mundo; segundo Fernandes (2005), esse esquecimento refere-se à ilusão que o sujeito tem de controlar o que diz pelo uso de palavras claras e exatas, esquecendo-se que outras palavras poderiam ser ditas e que existem outros sentidos possíveis para ela, pois os “os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do desdobramento e da polêmica” (GREGOLIN, 2000, p. 61).

Retornando ao conceito de heterogeneidade, agora sob a forma mostrada, essa é caracterizada quando se faz referência à presença do outro no discurso. Para Authier-Revuz (1982), existem formas marcadas e não-marcadas da heterogeneidade mostrada; as primeiras podem ser realizadas através de citações de forma direta no texto, segundo Carreira (2000, p. 90), “As formas marcadas de heterogeneidade mostrada são identificadas por marcas enunciativas de discursos-outros”, como exemplo, marcamos o emprego de aspas, negrito, itálico na escrita, e também através das marcas de conotação autonímica.

A linguista Jacqueline Authier-Revuz, eu já o sugeri, intervinha de maneira completamente diferente. “Palavras mantidas a distância”, através de uma fusão de exemplos finalmente trabalhados, abordava a questão das aspas que colocadas em uma palavra ou expressão, marca uma suspensão da tomada a cargo pelo enunciador. Esta questão tocava diretamente o surgimento do outro no discurso do sujeito. (MALDIDIER, 2003, p. 77)

Como exemplo da presença do outro no discurso, a linguista trabalhava com as marcas de conotação autonímica, forma que pode estar implícita, podendo ser notada somente em função do seu ambiente discursivo, “presença de outra língua, de outro registro discursivo, de outro discurso, de outra modalidade do sentido, de outro sentido para a palavra que não o habitual e do interlocutor (algo como “Se você me entende o que eu quero dizer”).” (CARREIRA, 2000, p. 91).

A partir daí, pode-se notar o jogo das Formações Imaginárias, a antecipação que o sujeito falante faz, ao tentar cercar o sentido e silenciar a heterogeneidade constitutiva, antecipando uma possível imagem sua a respeito do interlocutor, do objeto discursivo, do que supõe ser a imagem que o seu interlocutor faça dele mesmo, do objeto e do próprio seu interlocutor. Tal jogo de espelhos é socialmente marcado, visto que tem relação com as imagens que o sujeito constrói para si, para o objeto discursivo e para o seu interlocutor a partir do lugar que a ideologia lhe permite ocupar. Tais

imagens e representações, materializadas em palavras, dialogam, contrapõem-se, litigiam-se e entram em confronto, sempre atualizadas no momento da enunciação. Segundo Orlandi (2006, p. 16), “antecipação que é a capacidade que todo locutor tem de colocar-se na posição de seu interlocutor experimentando essa posição e antecipando-lhe a resposta”.

Quanto às formas de heterogeneidade mostrada não-marcada referem-se à maneira pela qual o enunciador pode fazer alusão ainda a um co-enunciador, diluindo a fala do outro na sua fala, caracterizando-se de “forma mais completa em que a presença do outro não é explicitamente mostrada na frase (a voz do locutor se mistura à do outro), mas no espaço do semidesvelado, do implícito, não mais no nível da transparência” (BORGES, 2005, p.34). As formas não-marcadas de heterogeneidade mostrada podem também se configurar a partir do discurso indireto livre, da ironia, nos quais as palavras se engendram,

[...] sem ruptura, conduzem aos discursos que, bem mais próximos da heterogeneidade constitutiva, renunciam a qualquer proteção em relação a ela, e tentam o impossível de ‘fazer falar’ esta heterogeneidade, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo ‘isso fala’ do interdiscurso e do inconsciente [...] (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.34)

Dessa forma, podemos observar que as palavras são enfeixadas por diversos outros sentidos, e que estão sempre em movimento. O sujeito imerso nesse processo está a todo momento sendo empurrado a significar, como também a retornar ao já-dito para dar continuidade á teia de dizeres. Os conceitos apresentados até aqui nos auxiliam a analisar a maneira como o sujeito-navegador vem se posicionando discursivamente ao atribuir sentidos na rede eletrônica, através do processo de folksonomia com as *tags* (etiquetas), pois consideramos que esse processo emerge em novas condições de produção dadas pela Internet e pela fluidez de sua topologia em rede, que será apresentada agora nesse próximo capítulo.

3. O SUJEITO EM MOVIMENTO NAS TESSITURAS DA WEB

Não precisa erguer um labirinto, quando o universo já o é.

Jorge Luis Borges

No século XIX ocorreram grandes mudanças no mundo, principalmente no campo da informação e da comunicação. Segundo Wurman (1991, p.312): “A explosão da informação não ocorreu apenas devido a um volume maior de informação. Avanços na tecnologia de transmissão e de armazenamento também influem. Somos afetados tanto pelo fluxo quanto pela produção de informação”. Com o surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC’s), houve um grande aumento tanto na produção quanto na disseminação das informações entre os seres humanos. A facilidade ao acesso da sociedade a grandes quantidades e variedades de informação pode-se dizer que foi ocasionada pela rede eletrônica. Nesse contexto, temos a inscrição do sujeito, que afetado pelas condições de produção do eletrônico, se posiciona discursivamente a partir dos movimentos de sua navegação, a cada clique em seu mouse, a cada letra digitada em seu teclado. São esses movimentos que sustentam a malha digital, e permitem que os sujeitos-navegadores continuem a perpetuar seus dizeres como um eco inesgotável.

Ressalta-se, então, que a relação do sujeito com a linguagem é alterada nos âmbitos do que Orlandi (1999) denominou de formulação, constituição e circulação. No primeiro devido aos novos modos de dizer que se irrompem; da constituição na medida em que a memória é recortada de uma maneira diferente já que é mediada pelas TIC’s; e, finalmente no âmbito da circulação, já que os meios de fazer circular os dizeres também permitem novas formas do sujeito se posicionar discursivamente.

Assim, pontuamos que o espaço da rede promove a disposição de diversas ferramentas que facilitam a publicação, e o acesso às incontáveis informações e links. Inferimos que a partir desses processos, a web passou a ser caracterizada pela sua ilusão do todo, onde tudo se acha e onde tudo se tem, onde os fluxos informacionais e de comunicação seguem além das fronteiras. Trazendo também a ideia da anulação do tempo e do espaço, por uma realidade virtual, ocasionada pela interatividade que conecta todos numa grande rede, construindo o universo do ciberespaço. Pode-se afirmar, então, que a Internet é simultaneamente o movimento de atualização do virtual, que passa a modificar a própria noção das coordenadas espaço-temporal na qual estamos habituados, onde o espaço e o tempo passam a ser configurados a partir das interações do sujeito no ambiente da rede, no qual ele começa a vivenciar uma construção social partilhada, tendo em vista o caráter heterogêneo da rede.

Posto que a rede é o espaço no qual tomamos como parte das condições de produção do objeto de estudo desse trabalho, realizamos um percurso sócio-histórico a

respeito da inscrição do sujeito no ambiente da web, pois foi a partir dessas condições de produção que foi sendo tecida a rede, que possibilitou a abertura ao processo da folksonomia. Dessa forma, nos atentamos a historicidade dos sentidos que circulam os discursos que a atravessam, pois conforme Vargas (2008, p. 198):

[...] em ‘tempos de fluidez’, em que os sentidos aparentemente não se filiam a nada ou a ninguém, em que as identificações avolumam-se efêmeras e extremamente voláteis, é fundamental para que as ‘filiações históricas’ não se esvançam no vento e conceitos/noções antes caros, sejam expostos a atalhos teóricos que podem servir para tudo, todos e qualquer coisa, em qualquer tempo.

Ao longo desse capítulo, realizamos um percurso acerca da rede e de sua materialidade, como também a inscrição do sujeito nesse espaço virtual. Como analistas do discurso, consideramos a importância de se investigar os fios de memória que tecem a rede, e que instalam diferentes efeitos de sentidos a cada nó que vai sendo traçado. Primeiramente discutiremos o conceito de rede, passando para uma discussão sobre a Internet, e sobre o contexto Web 2.0; logo depois discutiremos a ideia da inteligência coletiva, e a noção das convergências midiáticas e, por fim, apresentaremos o Twitter em relação às redes sociais instaladas na web.

3.1 Sentidos de/em rede: entre os nós e os furos

Atualmente a ideia de rede se faz onipresente, e até mesmo onipotente (MUSSO, 2004), na sociedade. A plurissignificação da palavra rede faz com que nós retomemos esse conceito, fazendo um breve percurso sobre a historicidade de seus sentidos, seus usos e aplicações. Tal conceito permeia nossas discussões e nos ajuda a compreender inclusive o objeto de nossa análise, como também a topologia e o funcionamento da web.

A partir dos estudos de Musso (2004), nos debruçamos no conceito de rede, que conforme o autor: os “usos metafóricos parecem condenar a própria noção, como se o excesso de empregos “em extensão” ocasionasse o vazio “em compreensão”, ou até mesmo sua diluição” (2004, p. 17). Os sentidos sobre “rede” são diversos, deixando margem para discussões a respeito de seu emprego. Porém, o mesmo autor complementa que “poder-se-ia concluir em sentido contrário, constatando-se que a utilização de uma noção é uma prova de seu poder e de sua complexidade”. Conforme enuncia Pêcheux (1990) os sentidos de uma palavra sempre podem se tornar outros,

pois é necessário reconhecer que a língua natural é também, a priori, uma condição de existência de universos não estabilizados logicamente, na qual fazem parte “o sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética” (GREGOLIN, 2005, p 105). Nesses espaços, a polissemia e o furo estão sempre presentes, como o que ocorre na palavra “rede”, e na qual se instala “O jogo das diferenças, alterações, contradições não pode aí ser visto como um amolecimento de um núcleo duro lógico” (GREGOLIN, 2005, p.105). Então agora, colocamos à questão: como a rede vem sendo discursivizada ao longo do tempo? Quais os sentidos que essa palavra evoca nas diferentes disciplinas? Qual posição nós assumimos ao tomar essa palavra?

A ideia de rede aparece na mitologia grega por meio do imaginário da tecelagem e do labirinto de Dédalo⁵.

Figura 1: Labirinto de Dédalo – Morte de Minotauro por Teseu⁶.

⁵ Dédalo arquiteto e inventor constrói um labirinto a pedido do Rei Minos, de Creta, a fim de aprisionar o Minotauro, metade homem, metade touro, que é filho de sua mulher, a rainha Pasífae. Minos, impondo o seu poder sobre a cidade rival de Atenas, passa a exigir anualmente como tributo quatorze jovens que servirão de alimento para o minotauro. Teseu, de Atenas, se oferece para embarcar no navio que levaria o tributo a Creta. Teseu, porém, conta com a ajuda de Ariadne, filha de Minos, que se apaixonou por ele e obteve de Dédalo o segredo para sair: o fio que teria que ser amarrado na entrada do labirinto.

⁶ Fonte: <http://villa-kerylos.fr/en/discover/photos-gallery>

Já nos registros da antiguidade, a partir dos escritos de Hipócrates, a ideia de rede é associada à metáfora de organismo, da comunicação entre as veias com o corpo. Entretanto, a palavra rede veio aparecer somente no século XII na França (*réseau*), sobre os sentidos de rede de pesca, de caça, de malhas e tecidos. Já no século XVI, o termo aparece como *réseuit* e tem seu sentido atrelado aos véus e rendas com que as mulheres cobriam a cabeça (MUSSO, 2004); e, no século XVII, o termo aparece sobre os sentidos associados ao pano colocado sobre a roupa das mulheres, como um sutiã. Na mesma época, Descartes, ao escrever o “Tratado do Homem”, emprega o termo renda para descrever a superfície do cérebro:

‘Imagine – escreve ele – sua superfície como uma renda, uma rede de fios entrelaçados muito densa’. Ele restringe “é preciso saber que as artérias, depois de serem divididas em uma infinidade de pequenos ramos (...) e, estando ali reunidas várias em uma, sobem direto e vão dar nesse grande vaso que é como um Euripo pelo qual toda a superfície exterior do cérebro é irrigada.

A renda, então, apresenta-se da ordem visível, análoga a do tecido. Descartes faz uma observação descrevendo a “renda” como uma ordem própria do corpo, e de forma externa, na qual ela o rodeia e encerra. Porém, essa relação de exterioridade desaparece quando, a partir do século XVII, o termo é denominado a partir da palavra “rede” e passa a ser usado para designar o sistema sanguíneo e as fibras que compõem o corpo humano; retornando a um já-dito, posto que Hipócrates em seus escritos já tomava essa ideia de rede a fim de designar o sistema sanguíneo. O médico e naturalista Marcello Malpighi é quem introduz a palavra “rede” à ciência, e até “o fim do século XVIII, o termo “rede” não sai da linguagem dos médicos, na qual Malpighi o introduzira [...]” (MUSSO, 2004, p.19). Entretanto, alguns sentidos provenientes da tecelagem ainda se mantiveram no vocábulo comum, a partir dos dizeres instalados com base nos seus usos e empregos cotidianos, por exemplo: rede de pesca, rede de caça, entre outros.

Retomando a questão instalada logo ao início desse tópico, sobre a existência de universos não estabilizados logicamente, Pêcheux também propõe a existência de diversas séries de universos discursivos logicamente estabilizados, esses que são da ordem das ciências exatas, das ciências biológicas, etc. Os discursos instituídos nesses espaços se apóiam,

[...] em certas propriedades das línguas naturais, autorizando operações, dicotomizações, cálculo lógico, matalíngua. É a existência desses espaços da urgência que garante a abordagem formalista, isto é, o embasamento da reflexão linguística em conceitos lógicos e pragmáticos (GREGOLIN, 2005, p 105).

O que acontece então nesse período ao fim do século XVIII é a estabilização do sentido médico atribuído à palavra rede nos estudos em ciências, algo que não havia ocorrido antes, mesmo com os estudos de Hipócrates. Assim, através dos estudos e descobertas realizadas sobre o corpo humano no âmbito da medicina nessa época, essa palavra vêm assumir um significante marcado pela ciência, e não mais somente pelos seus usos. Pensando na ideia de rede ligada ao organismo, Pêcheux (2011) ao tomar a memória como uma rede faz uma crítica ao discurso que coloca a memória como um traço cortical dentro de um organismo, algo interiorizado, e discute que esta é caracterizada como um “conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de tecidos de índices legíveis, constituindo um corpus sócio-histórico de traços” (PÊCHEUX, 2011, p. 142). Aqui, a rede tomada como memória, também atravessa por questionamentos quanto a sua estrutura (interna ou externa ao organismo). Mesmo que a ideia de rede tenha se perpetuado nas ciências como algo preexistente somente interior ao organismo por um longo período, e um substrato orgânico e ou psicológico, existem sempre (novos) sentidos que aparecem e extravasam o sentido tido como dominante.

Em meio a discussões sobre as descobertas médicas, Diderot traz, no ano de 1769, “*O sonho de d’Alembert*”, um texto filosófico que contém na fala de seus personagens diversas reflexões a cerca do materialismo, ceticismo; e durante um diálogo instituído no texto, a Senhorita de l’Espinasse, uma personagem criada por Diderot, aparece dissertando sobre questões sobre o corpo e suas ligações em rede. Esse texto é considerado fundador em relação à forma de funcionamento de rede (mesmo que ainda sobre pressupostos das ciências médicas), “pois ali aparece a comparação entre a rede controlada por seu centro e a rede submetida a sua periferia” (MUSSO, 2004, p.19).

Na virada do século XVIII para o século XIX, ocorre uma grande ruptura do conceito de rede em relação ao corpo, e a “rede” passa a ser observada não mais a partir do interior do corpo humano e intrínseco a ele. É nesse momento que o exterior é colocado em evidência nos estudos e observa-se que as redes podem ser construídas, e não somente dadas a priori. Assim, “distinguida do corpo natural, ela se torna um

artefato, uma técnica autônoma. O corpo será até mesmo tomado pela rede técnica enquanto se desloca nas suas malhas, no seu território”. (MUSSO, 2004, p.20). Ocorre um deslocamento de sentidos em relação à “rede”, do corpo físico, para uma outra instância, a discursiva. Toda a ilusão de controle e estabilidade do sentido da palavra “rede” esvanece esse momento pela ciência sob o manto do universo discursivo tido como logicamente estabilizado na qual ela se firmava. Pode-se inferir que a partir desse momento um sentido firmado e estabilizado logicamente não há mais, mesmo apesar dos inúmeros estudos, pois cada disciplina lhe atribuiu um sentido. Pode-se afirmar que a cada descoberta, a cada reflexão, os sentidos deslizam, rompem-se, “e é justamente porque os sentidos deslizam em deriva que há atualidade, surgimento de discurso, entrada do sujeito no processo discursivo” (MITTMANN, 2010, p. 87).

Como já abordamos aqui, todo dizer é heterogêneo, atravessado por outros discursos, posto isso, colocamos que os estudos de Saint-Simon (1807) apud Musso (2004) sobre rede, calcados a partir da questão de organismo e estrutura, deram o surgimento do discurso moderno de rede, enquanto estrutura artificial da gestão do espaço e do tempo. A formulação desse conceito é calcada em quatro disciplinas: a medicina, a economia, a engenharia civil e militar. A filosofia de Saint-Simon compreende o sentido etimológico da meta-ligação social, uma espécie de religião racionalista; e a rede seria o vínculo geral, unificadora. Assim, ele começa a elaborar uma epistemologia do organismo-rede, que coloca a contradição como essência de todo fenômeno. O autor pensa dialeticamente o real, mas não permanece prisioneiro da sequência dialética de duas dimensões, e desenvolve um modelo “tabular”, em rede: o do organismo. Saint-Simon toma por objeto o organismo como totalidade concreta. O organismo é colocado como forma superior de organização, e o paradigma de toda totalidade complexa e racional. E a rede aparece “ao mesmo tempo visível e legível na superfície dos tecidos e presente de maneira invisível na arquitetura profunda dos corpos: ela garante a passagem do visível ao invisível. A rede é lugar visível e vínculo invisível” (MUSSO, 2004, p.24).

Na origem de toda contradição, Saint-Simon percebe duas categorias: a dos corpos brutos: concebido como um “crivo”, um filtro que cõa e que deixa “escorrer” lentamente os fluidos a fim de reter os sólidos; e dos corpos organizados: que é uma rede que garante a circulação dos fluídos. Saint-Simon compara o corpo bruto e corpo organizado com as duas figuras de uma rede (de caça) que ora capta os sólidos, quando está mergulhada num líquido (rede de pesca), ora canaliza os fluxos, quando está

inscrito no solo (rede de irrigação). Esses dois lados da rede remetem, no plano teórico, o jogo existente de dominação de um dos dois termos da contradição estabelecida entre sólidos / fluidos.

Saint-Simon (1807) apud Musso (2004) contribui especificamente na definição da circulação na rede (sanguínea ou estatal) como a condição da vida ou da boa administração, ou seja, como a condição da mudança social (MUSSO, 2004). Em seus últimos textos, Saint-Simon refunda a questão da moral e da religião a partir de sua teoria da rede. Na qual a sociedade não pode se limitar a uma comunidade de interesses; a condição de seu sucesso é partilhar um objetivo comum, dessa forma para ele é preciso que haja uma meta-ligação que a unifique. A “rede”, nesse momento, simbolizava a Saint-Simon definitivamente um ato e em representação, o vínculo selado entre os três elementos da religião saint-simoniana: a associação, comunicação e a comunhão.

Os saint-simonianos apoderam-se da filosofia da rede construída para pensar e organizar na escala social um culto religioso das redes. O conceito de rede cai a tornar-se ato, enquanto trabalho público, ele será o símbolo da associação universal, em concepção e ação (MUSSO, 2004). Michel Chevalier, em 1832, sistematiza essa concepção das redes, da política industrial e da paz. Nesse momento, a religião saint-simoniana afirma-se como a da comunhão pelas redes de comunicação. Essas redes possuem importância política decisiva, uma vez que contribuem para a associação universal. A concepção de rede segue sobre duas vertentes: técnico-financeira; e, político-simbólica. A rede passa a ser vista bem mais que uma técnica e um instrumento de passagem, ela se torna o operador simbólico e prática da religião saint-simoniana.

Seguindo por outra vertente diferentemente de Saint-Simon, porém se apoiando em seu discurso para polemizá-lo, Chevalier atualiza a “rede”, transformando-a em objeto-símbolo: a rede técnica produz, por ela mesma, mudança social. Essa rede técnica permite comunicação, a comunhão e a democratização pela circulação igualitária dos homens; como também a redução geográfica das distâncias físicas, ou mesmo, a noção da intercambialidade dos lugares, facilitada por meio das vias da comunicação (infovias). Aparecem, nesse momento, a redução das distâncias sociais, e a ideia de uma democracia (MUSSO, 2004). A partir das ideias desses autores, ocorre uma explosão do conceito de rede, juntamente com o aparecimento dos diversos sentidos que ela vem instalar. De acordo com Musso (2004, p.29),

Essa sobrecarga de designação tem por efeito uma perda da unidade do conceito, isto é, de sua articulação interna numa teoria, em proveito de uma equivalência indefinida entre seus diferentes componentes. Quanto mais o conceito se desliza, mais o termo é convocado ou invocado nos discursos e representações contemporâneas.

Feitas essas colocações, vemos a ilusão que o sujeito tem de algum momento ter instalado um sentido uno à “rede”, e de sua incessante tentativa de controlar os sentidos da palavra, a fim de evitar a fragmentação do conceito, a abertura a plurissignificação dos efeitos de sentidos da noção de “rede”. Todavia, sabemos que a correlação existente entre a forma/sentido é tomada como um espaço de tensão, no qual a “guerra entre o Uno e o Múltiplo se coloca também ao nível dos significantes” (MILLER, 1998, p. 66). Pela Análise do Discurso, vemos que é impossível a estabilização, a firmação do sentido e a univocidade do dizer, pois esses são:

[...] denegados e territorializados pela organização simbólica do discurso e das formações discursivas, no interior das quais torna-se possível, para um sujeito enunciador, se reconhecer como tal, como coincidente com os seus sentidos e com as suas palavras, num movimento de aproximação ou afastamento em relação a outros discursos / outras posições do sujeito e do sentido relativas a outras formações discursivas (PAULILLO, 2004, p.13).

Temos nesse espaço, uma luta travada entre a palavra e os sentidos, no qual o mesmo e o diferente manifestam-se simultaneamente, e no qual, segundo Dias (2004, p.80): “O sentido é sustentado pela repetição (a memória) e pela diferença estabelecida pelo movimento de atualização (a formulação)”, processos que se configuram como constitutivos do real da linguagem. Assim, a palavra “rede” ao longo do tempo, foi sendo sustentada pelos discursos que a permeavam sócio-historicamente, quais sejam, da mitologia, da tecelagem, das ciências, sobre o social, e cada nova formulação os sentidos de “rede” atualizavam-se; porém, sempre se apoiando a um já-lá. Assim a memória discursiva retomada para significar o funcionamento da rede na atualidade advém em grande parte dos dizeres instalados por Saint-Simon e Chevalier.

3.2 O conceito de rede: sentidos da/na contemporaneidade

Vários autores se preocuparam em pensar a “rede” após a explosão desse conceito; nesse gesto, muitos deles se apoiaram nos conceitos de Saint Simon, que sustenta que a rede é como um laço universal da sociedade contemporânea onde estão

interligadas a economia, a tecnologia, e as formas de organização. Essa concepção aproxima-se muito dos estudos elaborados por Serres (1964) a respeito dos fundamentos epistemológicos do conceito de rede, em que o autor, partindo da ideia de um diagrama, enuncia:

Imaginemos, desenhado em um espaço de representação, um diagrama em rede. Ele é formado, para um instante dado (pois veremos amplamente que ele representa um estado qualquer de uma situação móvel), por uma pluralidade de pontos (picos) religados entre si por uma pluralidade de ramificações (caminhos). (SERRES, [1964]1969, p. 12).

Dessa forma, para Serres, a rede é caracterizada pela pluralidade e pela complexidade das ligações nos caminhos de mediação e circulação, possibilitando formas de raciocínio sob as múltiplas entradas e ligações. O autor também coloca a possibilidade de diferenciação da natureza e da força das conexões exercidas na rede. Posto isso, um ponto pode receber diversas determinações ao mesmo tempo, e cada uma diferente em sua natureza, força, ou em sua quantidade de ação. Propõe-se, dessa forma, que os movimentos que acontecem na/em rede, são sempre inesperados, no qual “o conjunto da rede se transforma em uma nova rede onde a situação respectiva dos pontos é diferente, como a variedade dos caminhos” (SERRES, 1969, p. 12).

No mesmo ano em que as ideias de Serres são publicadas, Baran, no artigo intitulado “*On Distributed Communications Networks*”, tem como intento representar o funcionamento das redes graficamente; porém, ele apóia-se na noção de rede como algo social que está interconectado entre si, ou seja, a rede social, que posteriormente vem a ser retomado para pensar a Internet que utilizamos hoje em dia. Ele desenha conexões representadas por arestas, e os nós, por meio de vértices, sendo assim, a partir das conexões existentes em relação aos nós, as pessoas estão unidas entre si, sem que necessariamente haja a figura de um coordenador e ou um centralizador. Nessas ligações existem muitos graus de distribuição, considerando que cada nó tem vários caminhos possíveis para enviar os dados. De acordo com Baran (1964), os nós (pessoas) e conexões (relações estabelecidas entre os nós por meio das interações) são elementos constitutivos da rede. Assim, é por meio das interações que se estabelece a conexão. Quanto mais pontos estiverem relacionados entre si, mais densa será a rede, não precisando dessa forma a existência de uma fonte ou de algum ponto intermediário para que seja estabelecida a comunicação entre os indivíduos.

Para o autor, embora se possa traçar uma grande variedade de redes existe topologias básicas possíveis para as redes sociais, quais sejam: as redes distribuídas, centralizadas e descentralizadas, conforme representação gráfica da figura abaixo:

FIG. 1 – Centralized, Decentralized and Distributed Networks

Figura 2: Modelos de rede representados graficamente por Baran (1964)

A rede centralizada (A) possui um formato de estrela, no qual um nó centraliza grande parte das conexões existentes, se esse nó central for afetado, todas as outras ligações serão impossibilitadas de receber o fluxo. A forma descentralizada (B) é regida por um pequeno grupo de nós que conecta vários outros grupos; nesse modelo, apesar de possuir vários centros, ainda existe um ponto central. Por fim, temos o formato da rede distribuída (C), onde todos os nós possuem uma regularidade quanto ao número de conexões existentes, demonstrando a complexidade existente entre os nós e suas relações, posto que não existe um pólo centralizador das conexões.

Dessa forma, as conexões persistem entre todos os nós da rede, e não somente a partir de um nó central, quanto nas redes centralizada e descentralizada, existe uma hierarquia nas conexões, algo que pode ocasionar uma desarticulação na distribuição dos fluxos na/em rede. É possível observar que nos diagramas em evidência, os pontos são idênticos, mas as formas de conexão são diferentes. Os estudos de Baran (1964) se mostraram inovadores e extremamente interessantes para se pensar os modelos de

difusão de informações na/em rede, mesmo referindo-se ainda a modelos fixos. Esse conceito foi multiplicado e incrementado por diversos autores chegando ao conceito atual, a Internet, não se esquecendo das suas origens.

Estudos desenvolvidos posteriormente sobre a topologia de redes apontam que a distribuição feita entre os nós e as conexões se dá a partir da lei de potência, que ocorre a partir de poucos nós conectados junto a muitos outros nós, e no qual também existem diversos outros nós conectados a poucos nós (BARABÁSI, 2003). A distribuição proposta por esse modelo pode ser observada em várias formas de redes, como as redes de hiperlinks na Internet, e nas redes sociais, a partir então de uma rede eletrônica onde se dão as passagens e os fluxos. Essa relação da lei da potência, postulada por Barabási (2003), demonstra que alguns nós possuem mais conexões que outros, o que acarreta certas implicações para essas redes na medida em que pode existir conexões que possuam maior visibilidade, e estão mais em evidência do que outras, devido ao seu tamanho e força; enquanto outros com menos conexões permanecem em posições mais periféricas na rede. Posto isso, a rede:

[...] perde a sua característica unívoca, de relação um para um, para transformar-se em dado com múltiplos significados e leituras. Do mesmo modo que as ondas eletromagnéticas o hipertexto também oferece uma nova concepção de aprendizagem e troca de informação a partir de sua teia não-linear e suas múltiplas possibilidades de interação (FERRARI, 2010, p. 86)

Pode-se dizer que esse fluxo veloz, labiríntico, não-linear, promove a passagem de diversos dizeres, sentidos, modos diversos para o sujeito se posicionar, significar, de dizer e se calar. Como também, um espaço para ele deixar suas marcas, no qual ele emendou seus dizeres a partir de outras palavras já deixadas por outros sujeitos, em um movimento incessante de costurar novos (senão velhos) sentidos. Assim como o Casaco de Arlequim (SERRES, 1993) feito de mil pedaços, formas e cores; e como também uma colcha de retalhos que nunca vem a se fechar é a forma que se constitui a rede.

Ao caminharmos pelos aspectos mais gerais do estudo das redes, buscamos compreender seus sentidos, seus modos de funcionamento, e as formas de organização dos fluxos informacionais e dos elementos sociais, esses que vão se manifestar nas redes energizadas, na Internet. Colocamos que o conceito-chave sedimentado atualmente foi à ideia de rede como essa estrutura de interconexão instável entre os nós (sujeitos-navegadores), labiríntica, composta de elementos que necessitam estar sempre

em grande interatividade, e cuja variabilidade obedece a certas regras de funcionamento. Segundo Musso (2004), há uma distinção de três níveis dessa definição:

- Estrutura composta de elementos em interação: na qual esses elementos são os picos ou nós da rede, são ligados entre si por caminhos ou ligações, configurando-se como um conjunto instável e definido em um espaço de três dimensões.
- Estrutura de interconexão instável no tempo: a gênese de uma rede e sua transição de uma rede simples a outra mais complexa são consubstanciais a sua definição.
- A modificação de sua estrutura obedece a uma regra de funcionamento: esta que se supõe na variabilidade da estrutura em rede respeita uma norma que explica o funcionamento do sistema estrutura em rede.

Musso (2004, p. 32), ainda complementa que “o conceito de rede tornou-se uma espécie de chave-mestra ideológica”, porque recobre três níveis misturados de significações:

- (1) em seu ser;
- (2) em sua dinâmica; e,
- (3) em sua relação com um sistema complexo.

Desde o início dessa discussão sobre a rede, foi possível observar que ela produz diversos sentidos, e entre tantas representações e mitos que giram em torno a seu respeito, pode-se entender a rede como um espaço repleto de nós que vão se unindo, formando um labirinto que permite a passagem de diversas informações, que mesmo interligadas não são fáceis de acessar, devido à dispersão, fluidez desse ambiente digital. “A rede é um veículo que nos transmuda em “passantes”, sempre mergulhados nos fluxos, esse movimento é contínuo”. (MUSSO, 2004, p.36).

Realizamos essa discussão a fim de atualizar alguns possíveis sentidos a respeito da concepção de rede, postulados sócio-historicamente, e o que iremos observar

funcionando discursivamente nas figuras abaixo⁷ a partir do sistema de microblog *Twitter* na rede eletrônica.

Figura 3: Fluxo 1 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011)

Figura 4: Fluxo 2 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011)

⁷ Figuras retiradas a partir do vídeo 'The Egyptian Revolution on Twitter', retirado do website: <http://gephi.org/2011/the-egyptian-revolution-on-twitter/>

Figura 5: Fluxo 3 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011)

Figura 6: Fluxo 4 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011)

Figura 7: Fluxo 5 da rede do Twitter representado graficamente por Panisson (2011)

As figuras acima foram retiradas do site *Gephi*, que contém downloads e dicas sobre *streaming* gráfico de dados a partir do *Gephi Graph Streaming API*, que é um *plugin* utilizado para o monitoramento da rede, e que foi criado a partir do pressuposto de que os dados na web não são estáticos e que estão sempre em movimento passíveis de mudanças a todo o tempo. Então, é a partir dessa ideia que foi postulado o conceito do *streaming* gráfico de dados, e que tem sido trabalhado em um projeto de pesquisa em uma parceria entre o Grupo de Redes Complexas e Sistemas da Fundação ISI do Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Turim, e o Departamento de Informática da Universidade de Indiana. Assim, o pesquisador italiano André Panisson, da Universidade de Turim, utilizou o *plugin* para transformar os dados da *tag* #jan25 circulada no *Twitter*, no dia 11 de fevereiro de 2011 (dia da renúncia do ex-presidente egípcio Hosni Mubarak), em informações gráficas e um servidor *Python* para criar um vídeo. Recortamos algumas partes e transformamos em figuras para exemplificar os movimentos e os fluxos na rede. Em um relato de como foi realizado o vídeo, o Panisson coloca:

To collect the network data, I used the Gephi Graph Streaming plugin, connected it to a Python web server I made myself. This web server works like a bridge, it connects to the Twitter Streaming API using the statuses/filter service and converts the users and retweets to nodes and edges in a network format that can be read by the Gephi Graph Streaming plugin. Nodes are twitter users, and links appear between

the nodes A and B when B retweeted a message of A containing the hashtag #jan25⁸. (PANISSON, 2011)

Vemos, então, que a concepção de rede implica ligação, fluxo e movimento, ou seja, mais do que dois nós colocados lado a lado, é preciso que eles estejam ligados e funcionando ao mesmo tempo em relação a outros tantos nós em funcionamento. O pesquisador coloca que antes do anúncio da renúncia do ex-presidente do Egito, foram detectados poucos nós e arestas, esparsas no tempo, porém quando é noticiada a renúncia de Mubarak, ocorre uma explosão de *retweets*⁹ nas redes do *Twitter*. E é partir dessas informações, que ele faz o vídeo de onde tiramos algumas figuras apresentadas aqui, ilustrando o fluxo de *retweets* a partir da *tag* #jan25. Panisson (2011) ainda pontua que deixou o aplicativo sendo executado durante algum tempo, e percebeu que em um momento começou um movimento intenso, uma explosão na atividade que ele estava monitorando a partir da *tag*, que o instigou a saber o motivo, e foi quando ele viu o anúncio de demissão do ex-presidente.

It was very interesting to see, in real time, the exact moment when Tahrir Square, from a mass protest demonstration, has been transformed in a giant party, and the burst in the Twitter's activity. It was like covering in real time a virtual event, a big event that was happening in the Twitter virtual world. (PANISSON, 2011)¹⁰

Assim, inferimos que a rede é dinâmica, (des)fazendo nós o tempo todo, em um movimento incessante e fugaz, no qual o sujeito ocupa diversas posições para dizer, sempre atravessado por outros dizeres e interpelado pela ideologia e pelo inconsciente; pelo dentro e o fora que (se) desdobram os discursos. De acordo com Galli (2012, p. 14):

⁸ Para coletar os dados da rede, eu usei o plugin Gráfico Gephi Streaming, conectado a um servidor web Python, que eu mesmo fiz. Este servidor web funciona como uma ponte, ele se conecta à Transmissão da API do Twitter usando o status / serviço de filtro e converte os usuários e retweets para nós e arestas em um formato de rede, este que pode ser lido pelo plugin Gráfico Gephi Streaming. Os nós são usuários do Twitter, e links aparecem entre os nós A e B, quando B realiza um retweeted de uma mensagem de A que contém a hashtag # jan25 (tradução nossa).

⁹ Termo utilizado para mensagens replicadas dos internautas no Twitter.

¹⁰ Foi muito interessante ver, em tempo real, o exato momento em Tahrir Square, a partir de uma manifestação de protesto em massa, foi transformada em uma festa gigante, e do estouro da atividade do Twitter. Era como cobrindo em tempo real um evento virtual, um grande evento que estava acontecendo no mundo virtual Twitter. (tradução nossa).

As dobras da língua, então, acolhem o sujeito em sua incompletude e opacidade do mesmo modo que as dobra-duras do discurso possibilitam deslocamentos, furos e movências do sujeito capturado ideologicamente e dos sentidos que ele produz em dada posição. Mobilizar essa noção de dobradura me parece essencial numa pesquisa sobre a escrita na rede eletrônica, já que se trata de um espaço discursivo no qual o sujeito inscreve-se nas bordas, dobras e fronteiras de vários arquivos discursivos [...].

Inferimos então que disso se alimenta e deriva a rede eletrônica, permanentemente afetada pelo trânsito de palavras por entre redes de memória, que implica o sujeito continuar a dizer algo mais, a repassar os dizeres já colocados por outros, a conectar-se a mais um ponto, a mais uma palavra, como os dados mostrados indicam.

Ao caminharmos pelos aspectos mais gerais do estudo das redes, buscamos também compreender as formas de concepção, organização dos fluxos informacionais e dos elementos sociais, estes que vão se manifestar nas redes energizadas, na Internet e que iremos nos aprofundar na discussão agora.

3.2 Internet: das redes conceituadas às redes energizadas

Como vimos no tópico anterior, o conceito de rede existe há muito tempo, porém a criação da rede eletrônica, a Internet, foi acontecer somente no ano de 1969.

A história da criação e do desenvolvimento da Internet é a história de uma aventura humana extraordinária. Ela põe em relevo a capacidade que tem as pessoas de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo. (CASTELLS, 2001, p. 13).

A criação da Internet se deu através de um projeto de pesquisadores do setor público e privado nos EUA, que foram contratados para desenvolver uma rede para a ARPA (*Advanced Research Projects Agency* - Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos). Em meio ao período da Guerra Fria, a demanda era criar um sistema de interconexões entre computadores que pudesse manter-se em operações de armazenagem e de processamento de dados; assim surgia a ARPANet, precursora da Internet.

Anos passaram-se e, somente na década de 90 com a liberação do acesso ao grande público, a Internet passa a crescer de maneira expressiva. No ano de 1990, entra

no ar o World (<http://www.world.std.com>), primeiro provedor de acesso comercial do mundo, permitindo que usuários comuns, desde que tivessem dotados de um computador e de um modem, pudessem acessar a grande rede. Porém, a generalização da Internet teve sua “explosão” em crescimento no ano de 1994, com o início do uso comercial em grande escala do protocolo HTTP para a montagem de sites. A partir desse momento ela começou a crescer e evoluir de forma vertiginosa e hoje em dia ela é vista como o tecido de nossas vidas contemporâneas (CASTELLS, 2001), visto que invadiu os locais de trabalho, estudo e pesquisa além de estar cada vez mais presente em setores como a saúde, economia dentre outros. De acordo com Santaella (2007, p. 270):

A rede está em todos os lugares. Trata-se do princípio de conectividade generalizada que teve início com a transformação do computador pessoal em computador coletivo, desde o surgimento da internet, e o atual computador coletivo móvel nesta era da ubiquidade e da computação pervasiva permitidas pelos celulares e redes Wi-Fi.

De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil¹¹ (CGI.br), que é responsável pelas pesquisas realizadas sobre o acesso à Internet no Brasil, na última pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil em 2010, revelou que 86 milhões de brasileiros já tiveram acesso a Internet (48% da população), sendo que 60% dessas pessoas a utilizam diariamente; por isso, o Brasil é considerado o quinto maior usuário mundial de Internet, segundo estatísticas da *Internet World Stats*¹². No ano de 2011, a *Internet World Star* contabilizava a existência de mais de 2,2 bilhões de usuários de Internet no mundo. Isso vem confirmando que a sociedade em rede tem crescido cada dia, juntamente com a quantidade de informação sendo produzida e disseminada na web.

Com a popularização da Internet, o computador tornou-se uma máquina de mediação universal, que pode ser usada para criar, armazenar, distribuir e acessar todas as mídias. Falar sobre a Internet implica considerar as condições de produção de uma outra discursividade, essa que é afetada e mediada pela tecnologia, sustentada por um imaginário de acessibilidade infinita e constituída na relação dos sujeitos com uma (nova) ordem de potência.

¹¹ Fonte: <http://www.cetic.br/>

¹² Fonte: <http://www.Internetworldstats.com/>

O ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seus desenvolvimentos em novos domínios torna-se muito mais rápido no novo paradigma tecnológico. Conseqüentemente, a difusão tecnológica amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. (CASTELLS, 2003, p. 78).

Pensando na circulação dos discursos, é possível inferir que a Internet tornou-se um grande suporte midiático da atualidade, as notícias deixam de ser “transmitidas”, como na televisão e no rádio e passam a ser “disponibilizadas” e atualizadas constantemente na rede através do computador, fazendo circular um grande volume de dados e dizeres. De acordo com Lévy (1999b), as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC’s) acenderam um novo dilúvio; porém, agora que vivenciamos é o dilúvio informacional, no qual incontáveis dados e informações transbordam-se e escorrem pelas redes de forma veloz e caótica, devido a sua natureza exponencial de crescimento:

A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecido das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contra-propagandas, a confusão dos espíritos. [...] O dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. (LÉVY, 1999b, p. 13-15)

As informações são dispostas na web a partir de uma arquitetura hipertextual que possibilitou ao navegador outro modo de ler as notícias, devido à interatividade; assim, por meio da interação entre os interlocutores, é possível navegar em incontáveis links virtuais que vão surgindo à medida em que o sujeito dá um clique no seu mouse. Assim sendo, o formato flexível e o acesso não-linear da hipermídia permitem buscas divergentes no interior de um mesmo link, visto que a própria topologia permite condensar vários arquivos dentro de uma única palavra, como ocorre também com as *tags*, que iremos abordar no próximo capítulo.

Colocamos que quanto mais o sujeito interagir nesse ambiente, falar, escrever, organizar, construir gestos de leitura e buscar a imaginária unidade de seu percurso,

mais profunda será a sua experiência de imersão e dispersão dentro do ciberespaço, caracterizando, desse modo, uma escritura e uma leitura não-linear de caráter exploratório. “Entrar no hipertexto é se estender e se espalhar nos meandros que nós mesmos vamos criando com um caminhar que vai prendendo e soltando, atando e desatando, trazendo e levando, inspirando e expirando” (CALDAS, 2001, p.14).

Santaella (2004) ressalta que quanto mais o sujeito explorar novos caminhos na rede, maior será a sua experiência de interatividade como também de imersão como sujeito-leitor. Por meio da interação do sujeito, é possível navegar em incontáveis versões virtuais que vão surgindo na medida mesma que o internauta dá um clique no seu mouse, e mergulha nas arquiteturas hipertextuais. Essas arquiteturas, de acordo com Santaella (2004), são formadas por “nós” conhecidos também por links, que são unidades básicas de informação em um hipertexto. Conforme Leão (1999, p.27), “o hipertexto em geral, é composto por blocos de informações e por vínculos eletrônicos (links) que ligam esses elementos”. Assim, os nós podem (a)parecer na forma de texto, gráficos, seqüências de vídeos ou de áudios, janelas ou de misturas entre eles. “Por hipertexto entendo ser uma linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” (XAVIER, 2004, p.171). Essa arquitetura marcada pela escrita múltipla, não-linear e heterogênea forma um grande emaranhado de vozes, tecendo os fios da rede eletrônica, uma rede que é per-curso, movimento, deslocamento e errância (MOREIRA; ROMÃO, 2009).

Sobre isso, Lévy (2004) em seus estudos sobre hipertexto marca seis características prevalentes nas arquiteturas hipertextuais:

1. **Princípio da metamorfose:** Definido como a constante construção e renegociação da rede hipertextual, que está sempre em movimento.
2. **Princípio da heterogeneidade:** Na memória da rede hipertextual são encontradas imagens, sons, palavras. O processo sociotécnico coloca em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos, como todos os tipos de associações que possamos imaginar entre esses elementos. Formando uma grande rede heterogênea.
3. **Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas:** O hipertexto se organiza de uma forma “fractal”, formado por nós e ou conexões, quando

analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, desde a uma microrrede de documentos até na escala de uma macrorrede social.

4. **Princípio da exterioridade:** A rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e a sua diminuição, sua composição e a sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais (captadores), etc.
5. **Princípio de topologia:** Nos hipertextos o funcionamento se dá pela proximidade, por vizinhança. Assim o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.
6. **Princípio de mobilidade dos centros:** A rede não tem um centro, ela possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita.

Esse formato flexível e o acesso não-linear permitem buscas em caminhos diversos no interior do documento. Quanto mais o leitor manter a interatividade, mais profunda será a sua experiência de imersão, assim ele irá percorrendo os nós até encontrar seus objetivos de busca na web. A estrutura de caráter hiper e não-sequencial proporciona infinitas opções de um leitor imersivo. Para Santaella (2004, p.50), esse formato, “não é feito para ser lido do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas.”, ou seja, a arquitetura hipertextual otimiza tecnicamente o espaço de livre exposição que é a web e permite a construção, debates e leituras de múltiplos discursos, através das diversas páginas que vão se interligando por meio dos incontáveis nós, que tecem a rede e formam um grande labirinto.

A construção da teia mundial envolve o trabalho de diversas mentes, distribuídas em diversas páginas. Seu crescimento e sua vitalidade não se encontram localizados em um ponto central e específico. Ao contrário, é no caráter de autogeração e autopoíeses que a Internet se desenvolve. Sem dúvida alguma, o que faz da web uma teia, uma rede na qual uma complexa malha de informações se interligam, é a própria

tecnologia hipertextual que permite os elos entre os pontos diversos. Cada página, cada site, traz em si o potencial de se intercomunicar com todos os outros pontos da rede. (LEÃO, 1999, p. 24)

O contexto da Web 2.0, como será explicitado logo a seguir, faz falar dizeres de sujeitos que navegam em uma superfície cujo modo de organização é particular, fractal, espalhado e diferente da linearidade do impresso, modo esse em que a interatividade é o imperativo, a palavra está em con-fusão com outras materialidades, a voz do sujeito desafiada pela heterogeneidade e o discurso em constante movimento.

3.3 Web 2.0: condições de produção dos dizeres em rede

Com o início da Web 2.0, houve uma abertura aos processos de produção e circulação dos dizeres na/em rede, diferentemente do que ocorria anteriormente no contexto da Web 1.0. Pode-se dizer, então, que as formas de constituição, formulação e circulação do discurso (ORLANDI, 1999) foram afetadas por esse novo contexto, que trouxe ao sujeito-navegador a possibilidade de abertura a diversas ferramentas tecnológicas e a criação de websites calcados na interatividade e na coletividade. Isso implica considerar que as condições de produção do discurso passaram a ser de uma outra ordem, a da interação e do coletivo, passando a determinar ao sujeito outros efeitos de relações de lugar a ser ocupado por ele.

As condições de produção, conforme elucida Pêcheux (1990, p. 78), é um: “[...] mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso”. Desse modo, as condições de produção vão determinar as relações de força estabelecidas entre os discursos. Assim, no contexto da Web 2.0, o sujeito passou a se posicionar de forma diferente da que ele se posicionava na Web 1.0, e esse efeito de exterioridade é tido para AD como parte constituinte do discurso e da linguagem, e está ligado às condições de produção. A noção de língua enquanto materialidade possui uma forte relação com a exterioridade, e isso nos leva a “pensar os efeitos do uso do computador e da Internet na constituição do sujeito da Sociedade da informação” (DIAS, 2008, p. 36).

Os sites construídos no contexto da Web 2.0 possuem a dependência da interação entre os navegadores e a necessidade de atualização de uma virtualidade na qual o discurso torna-se a marca da passagem dos sujeitos pelos incontáveis nós e furos que tecem a própria rede. Ou seja, estamos diante de uma discursividade que só se

constitui com a presença de(s) outro(s), de vozes que passaram, flanaram e deixaram pegadas de sua travessia, de rastros de dizer que continuam a produzir efeitos de ressonância. Anteriormente a esse contexto, a web era considerada não tão interativa, mais estática, esse período foi denominado de Web 1.0. Gostaríamos de elucidar agora, como se deu o surgimento dessas novas condições de produção que vieram afetar toda uma maneira de se pensar e se posicionar na rede.

O termo Web 2.0 surgiu em uma conferência *brainstorming session*¹³ com um debate entre Tim O'Reilly e *MediaLive International* no ano de 2004, a fim de discutir os novos rumos da Internet após o estouro da bolha *pontocom*. O fenômeno conhecido como estouro da bolha *pontocom* foi uma onda de falências de empresas virtuais e a consequente desvalorização vertiginosa das ações listadas em bolsa. Houve um grande prejuízo, muitas pessoas perderam dinheiro e chegaram a desacreditar do futuro da Internet. A desvalorização da bolsa seguiu até 2002, mas foi perdendo a força, até que se estabilizou; entretanto, o estouro da bolha causou consequências, as quais geraram a necessidade de serem discutidas, o que possibilitou o nascimento de uma segunda geração da Internet, a Web 2.0.

Na pauta de uma conferência, O'Reilly e a *MediaLive International* queriam entender o motivo de algumas empresas terem conseguido atravessar o estouro da bolha *pontocom* sem se prejudicarem, assim eles analisaram os modelos de negócios de empresas como a *Yahoo* e a *Amazon.com* e esquematizaram uma lista de pontos em comum responsáveis por esse sucesso, e que serviam como uma espécie de retrato das novas regras da Internet, o que O'Reilly chamou de Web 2.0. A partir daí, estudiosos de todo o mundo começaram a refletir sobre esse novo termo, que não é denominado como uma tecnologia, mas sim um termo designado a um conjunto de conceitos que mudou a forma de pensar e construir a Internet. Primo (2007, p. 1) acrescenta que a Web 2.0 pode também ser entendida como “um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador”. Posto isso, pode-se inferir que além de um processo evolutivo tecnológico, trata-se também de novas táticas capitalistas e a abertura a novos processos, que modificaram as formas de comunicação.

¹³ Entendemos esta expressão como uma discussão febril e não necessariamente organizada de ideias sobre um assunto.

Há autores que criticam as estratégias mercadológicas, que estão camufladas (senão silenciadas) sob o conceito de Web 2.0. Afinal, o surgimento desse termo deu-se em meio a uma crise, a do estouro da bolha *pontocom*, como citamos anteriormente. Tapscott e Williams, no livro *Wikinomics* (2007), compreendem a Web 2.0 como uma nova plataforma de serviços na web, que reclama a interação dos internautas como consumidores ativos, tanto de serviços como de produtos. Outro ponto ressaltado pelos autores é o fortalecimento da fidelização de empresas e marcas, que possuem uma maior abertura nesse contexto, para se promoverem e buscarem mais informações sobre o seu público alvo, por meio das redes sociais, fóruns, etc. Porém, o que ficou evidente em meio a tantas discussões, foi o caráter coletivo e interativo da/na web.

A Web 2.0 é, então, caracterizada como um sistema de serviço online, calcado pela forma de compartilhamento, organização e ampliação das formas de publicação de dizeres e arquivos na Internet. Na conferência de abertura sobre Web 2.0, Tim O'Reilly e Battelle (2004) apontaram que a primeira das principais características das aplicações da Web 2.0 é a web como plataforma de serviços, ou seja, antes as funcionalidades e aplicações da web que eram oferecidas apenas através do *browser* do computador, agora passaram a ser oferecidas através de *Web services*. Segundo O'Reilly (2004), o requisito essencial para a funcionalidade da Web 2.0 é o desenvolvimento de aplicativos que saibam aproveitar os efeitos de rede para se tornarem melhores. Os exemplos seriam o *Flash* e o *AJAX*, onde o *Javascript*, o *XML* e o *CSS* trabalham de forma satisfatória oferecendo diversas vantagens ao internauta, tais como um menor tempo de resposta e funções. Além da web como uma plataforma de serviços para criar e gerar novas aplicações, as outras características da Web 2.0 apontadas O'Reilly e Battelle foram:

- O internauta podendo controlar seus próprios dados;
- Fim do ciclo de release de software, onde software passa a ser um serviço, ao invés de um produto, exigindo das companhias uma manutenção diária de seus serviços;
- Efeitos de rede criados por uma “Arquitetura de participação”;
- Inovação na montagem de sistemas e sites;
- Modelo de programação simples, a partir do uso de *Web services* e baixo acoplamento;

- Software acima do nível de um único dispositivo, ou seja, não está mais limitado a uma plataforma PC;
- Aproveitamento da Inteligência Coletiva.

Todas essas características formam o que se refere hoje à Web 2.0, que marca a segunda fase de desenvolvimento da web, no que abrange em sua arquitetura, em suas aplicações e, sobretudo, em suas formas de uso. Dessa forma, o autor demonstra através de um gráfico desenvolvido especialmente para caracterizar o termo Web 2.0, a existência de um núcleo central e suas ramificações, que marcam as especificidades dessa segunda fase da web, que foram comentadas acima.

Figura 8: Mapa que contém os esboços dos conceitos primordiais da Web 2.0 (O'REILLY, 2005), que aponta as muitas ideias que se irradiam para fora do núcleo da Web 2.0.

De acordo com O'Reilly, não há uma linha exata que divida a Web 1.0 da Web 2.0; porém, ele marca a existência de um ponto central no qual giram em torno um conjunto de princípios comuns a esses aplicativos, que os diferenciam do período anterior. Na figura abaixo, temos alguns exemplos das aplicações e tecnologias da Web 2.0:

Figura 9: Esquema sintetizado sobre a Web 2.0, seus conceitos, características, tecnologias e algumas de suas aplicações e exemplos. (O' REILLY, 2004).

Antes do surgimento da Web 2.0, os sites em sua maioria eram estáticos, não havendo uma atualização frequente como se presencia hoje na web. Com isso, em um piscar de olhos, a notícia pode já não ser a mesma, devido à facilidade e velocidade nas atualizações. O espaço discursivo da Internet, que já apresentava uma topologia associativa e desdobrável, passou a ser mais flexível e fluído ainda, mais instável e sujeito a rupturas dos dizeres antes mesmo que eles possam ser repetidos ou regularizados. O sujeito-navegador pode inclusive receber as atualizações de sites e blogs que deseja em uma única interface através do RSS.

O RSS (*Really Simple Syndication*) é um recurso desenvolvido na linguagem XML, que permite que os responsáveis por sites e blogs divulguem suas notícias ou novidades. O link e o resumo das notícias (ou a notícia na íntegra) é armazenado em um arquivo de extensão conhecido como *feed* RSS. O internauta que desejar obter as notícias ou as novidades deve incluir o link do *feed* do site ou do blog que deseja acompanhar em um programa leitor de RSS. “Esse software (ou serviço, se for um site) tem a função de ler o conteúdo dos *feeds* que indexa e mostrá-lo em sua interface”. (ALECRIM, 2005, p.1).

Figura 10: RSS¹⁴

O RSS é um recurso muito útil para que o internauta possa acessar conteúdos que deseja em sites específicos, de maneira simples e rápida. Através de uma única interface, é possível ver notícias ou conhecer novidades das mais variadas fontes e ler somente aquelas que lhe interessam. Atualmente, muitos sites e blogs oferecem esse recurso, caracterizando o grande movimento dos fluxos informacionais na web, que eram mais estáticos no período anterior a Web 2.0.

Além disso, os sites também não eram interativos, o internauta não tinha a facilidade de postar comentários, colaborar com o conteúdo da página e até mesmo modificar esse conteúdo, o que é possível realizar na Web 2.0, através de um *wiki*, recurso criado em 1995 por Ward Cunningham. A nomeação "wiki" foi inspirada na palavra havaiana *wiki* ou *wiki-wiki*, traduzido como "rápido" e é geralmente utilizada como um termo para taxis e ônibus expressos. Essa ferramenta permite que um grupo crie uma comunidade para acessar e editar trechos de textos, e qualquer navegador pode realizar esse processo de uma maneira simples e rápida. Dentre todos, o *wiki* mais conhecido da rede é o Wikipédia, a enciclopédia livre que já conta com mais de 738 805 mil artigos (junho de 2012), em sua versão em português, configurando-se como um dos grandes exemplos dos efeitos da arquitetura de participação da qual estamos falando. Segundo Primo (2007, p.6):

É nesse sentido que a chamada “arquitetura de participação” de muitos serviços online pretende oferecer não apenas um ambiente de fácil publicação e espaços para debate, mas também recursos para a gestão coletiva do trabalho comum.

Pode-se inferir que a produção dos discursos foi afetada por esse novo contexto, que é calcado na coletividade onde o outro é chamado a todo tempo para retroalimentar a rede. Os aplicativos da Web 1.0 possuíam como característica

¹⁴ Fonte: - <http://www.nhm.ac.uk/>

aplicativos fechados, nos quais há aplicativos de software que podem ser baixados pelos navegadores, porém, eles não são autorizados a ver como o aplicativo funciona e nem alterá-lo. Um aplicativo de Web 2.0 é normalmente um programa de fonte aberta, isto é, todos podem ter acesso ao código-fonte do programa; assim, os sujeitos podem ver como o software funciona e modificá-lo, ou até mesmo construir novos aplicativos com base em programas antigos. Um exemplo é o *Netscape Navigator* que era um aplicativo fechado da era da Web 1.0; hoje existe o navegador Firefox que segue aos moldes de cooperação da Web 2.0 e oferece aos criadores de software todas as ferramentas de que eles necessitam para criar novos aplicativos para o próprio Firefox.

Figura 11: Mozilla Firefox¹⁵

Para exemplificar os conceitos abordados até aqui, ilustramos a seguir uma tabela baseada nos preceitos apresentados por O'Reilly (2004) sobre as aplicações da Web 1.0 e da Web 2.0.

¹⁵ <http://pt-br.www.mozilla.com/pt-BR/firefox/about/>

Web 1.0		Web 2.0
Notícias	-->	RSS
Ofoto	-->	Flickr
Lista de favoritos	-->	Delicious
Mp3.com	-->	Napster
Britannica Online	-->	Wikipédia
Sites pessoais	-->	Blogs
Diretórios (taxonomia)	-->	Tagging ("folksonomia")

Figura 12: Tabela comparando Web 1.0 e Web 2.0.

Um dos pontos mais fortes exaltados por O'Reilly sobre a Web 2.0 é o seu conteúdo colaborativo, já que a criação e a distribuição de dados na web passaram a ser realizadas pelo sujeito-navegador, realçando ainda mais o caráter heterogêneo da rede. Segundo Primo (2007, p.21): “A Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”.

Os sites construídos dentro do contexto da Web 2.0, instalam atos de linguagem produzidos pelo próprio sujeito-navegador (ROMÃO, 2007), no qual este, utilizando-se dos recursos tecnológicos de publicação ao seu alcance, vai construindo dizeres e arquivos, movendo as palavras de uma página para outra, deslocando-se entre palavras ditas e reditas em outros lugares.

Figura 13: “Produtos” da Web 2.0

Dessa maneira, sites como Youtube, Facebook, Delicious, Flickr, Wikipédia, Twitter, entre outros espalhados pela rede eletrônica, viraram um grande sucesso e arrastam milhares de seguidores. Nesse trabalho, mais a frente, será abordado o funcionamento discursivo do Delicious e do Twitter, que são dois grandes sites que marcaram a forma de compartilhamento das informações na rede. Pode-se dizer que os sites citados são exemplos de ambientes discursivos onde o sujeito pode inscrever e ordenar as palavras a seu modo (a partir dos esquecimentos), colocando em movimento e em circulação os sentidos.

Esse movimento de dizer em rede e de poder estar em um ponto da rede configura a net como algo em constante criação, aberta ao imprevisível, cuja produção, constituição e circulação da linguagem dão-se a (des)conhecer de modo sempre incompleto e em uma página além, mais adiante ou mais atrás, ou seja, algo que está fugidamente em trânsito. Conforme Lévy (2004, p. 202),

Qualquer um terá sua página, o seu mapa, o seu site, o seu ou os seus pontos de vista. Cada um se tornará autor, proprietário de uma parcela do ciberespaço. Entretanto, essas páginas, sites e mapas dialogam, interconectam-se e confluem através de canais móveis e labirínticos.

Considera-se relevante marcar, aqui, que a Web 2.0 permitiu a construção de um espaço materializado, conduzido e remexido pela voz do sujeito-navegador com as diversas páginas e arquivos que ele vai criando e compartilhando, (des)construindo e (des)fazendo que, por sua vez, são linkados, costurados e presos por fios, pontos de encontro e nós. Chartier (2002, p.25) afirma que:

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo, desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica.

Além de promover a interação do sujeito-navegador com os arquivos digitalizados e potencializar a publicação e a circulação de informações na Internet, a Web 2.0 introduz ainda um novo processo de produção, constituição e organização dos discursos na rede eletrônica. Esses movimentos fazem falar a questão do coletivo em rede, como também a reunião de saberes a partir de uma inteligência coletiva, que é

considerada também um dos pilares que sustentam toda essa abertura ocasionada com o contexto da Web 2.0, e que iremos abordar agora.

3.4 Inteligência coletiva: a reunião de sujeitos e de saberes

Antes de propormos inserir esse tópico, a noção de inteligência coletiva era apenas um parágrafo em meio às discussões de Web 2.0; porém, ao investigarmos mais sobre esse conceito, vimos o quão importante ele seria para o nosso estudo, tendo em vista a própria constituição de nosso objeto de análise, que foi pensado dentro dessa perspectiva do coletivo em relação também às formas de organização do conhecimento a partir das ferramentas da Web 2.0. A partir dos estudos de Lévy (1999a,2004) pretendemos fazer uma breve reflexão acerca desse conceito, colocando também em diálogo os estudos de Jenkins (2009) sobre o referido tema.

Como foi possível observar nas discussões realizadas até aqui, a estrutura tal como os mecanismos em funcionamento na era da informação, se encontram cada vez mais (des)organizados sob a forma de redes. Essas redes vão sendo tecidas sob o aspecto de uma (nova) estrutura, técnica e organização social, e isso pode variar de acordo com as condições de produção na qual ela é tecida; lembrando também que essa (nova) estrutura é enfeixada a partir de várias outras estruturas e técnicas de forma rizomática¹⁶ (DELEUZE; GUATARRI, 1995). A sua construção baseia-se também a partir da proliferação de sua lógica de funcionamento, para que haja a conexão dos nós. Dessa forma, cabe acrescentar que tais processos podem sempre atravessar por transformações. A partir do princípio da multiplicidade conectada, Lévy (2004, p.148) explica que:

[...] uma tecnologia intelectual irá sempre conter muitas outras. É o sistema formado por essas múltiplas tecnologias que precisamos levar em conta. Por exemplo, em uma máquina de processamento de textos, há a escrita, o alfabeto, a impressão, a informática, a tela catódica...Não satisfeitos em combinar várias tecnologias que se transformaram e se redefinem mutuamente, os dispositivos técnicos de comunicação criam redes. Cada nova conexão contribui para modificar os usos e significações sociais de uma dada técnica.

¹⁶ O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos.(DELEUZE, GUATARRI, 1995, p.14).

Podemos acrescentar, que isso é algo que infere diretamente na potência dos nós á formarem as redes, o que altera substancialmente o seu modo de funcionamento, como também o volume de seus fluxos informacionais, e a maneira como o sujeito se posiciona nesse emaranhado de nós dentro de um ambiente. Isso implica considerar também a experiência de imersão dos sujeitos, as relações de poder, e das formas de produção e disseminação das informações, que fazem parte dessa dinâmica que garantem as conexões da rede.

Assim sendo, a noção de inteligência coletiva (LÉVY, 1999a) aparece no contexto da web como uma forma qualitativa de valorização e otimização que traz a cooperação entre as competências, imaginações, e das energias intelectuais dos sujeitos, e que perpassam os nós da rede, e que podem até garantir sua potência a fim de expandir suas conexões. De acordo com Lévy (1999a, p. 28), uma inteligência coletiva: “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Esse conceito trabalhado pelo autor não se limita aos processos cognitivos da inteligência, ela é calcada a partir da ideia do reconhecimento do outro, na heterogeneidade, na multiplicidade de saberes, ampliada pela extensão das ligações em rede no ambiente da web.

Assim, esse ambiente da web é o lugar no qual a inteligência coletiva se perpetua, pois nela há um grande espaço coletivo de circulação de saberes, que estão constantemente em movimento, incitando a inserção de novos dizeres, novos arquivos, e competências, tal como a significação desses dizeres e arquivos. Sobre o princípio da interpretação, Lévy (2004, p. 148) coloca que: “cada ator, desviando reinterpretando as possibilidades de uso de uma tecnologia intelectual, atribui a elas um novo sentido”. Assim, na dinâmica do coletivo inteligente, os sujeitos interagem entre si dentro do espaço do saber, alimentam-se a partir das palavras postadas por outros internautas, como também as significam. A relação dos saberes com os discursos inscritos no ambiente da web estão ligados ao trabalho da memória como também do arquivo (PÊCHEUX, 1994), esses que se configuram como peças fundamentais nos processos discursivos e que permitem aos sujeitos o acesso aos dizeres relativos aos saberes que constituem um determinado objeto. Posto isso, Lévy (2004) acrescenta que o “eu” nunca pensa sozinho, e dessa forma pode-se apostar na heterogeneidade do sujeito e de seus dizeres que são sempre atravessados pelo outro.

Portanto, essa concepção de inteligência abordada pelo autor é concebida sob uma perspectiva de construção de conhecimento coletiva. “A inteligência do todo não resulta mais mecanicamente de atos cegos e automáticos, pois é o pensamento das pessoas que pereniza, inventa e põe em movimento o pensamento da sociedade” (LÉVY, 1999a, p.31). Assim, podemos inferir que as ferramentas da Web 2.0 potencializam um espaço de intercâmbio entre o coletivo sob as formas de aprendizagens, seja personalizada e cooperativa, através dos movimentos e do posicionamento dos sujeitos em ambientes de saberes, onde há também a interação entre diversas comunidades espalhadas pela rede.

Essa idéia do intercâmbio de saberes em comunidade é discutida principalmente a partir dos estudos de Jenkins (2009), e para esse autor a inteligência coletiva é tida como ilimitada e interdisciplinar, em que “deslizam e escorregam através de fronteiras e induzem o conhecimento combinado de uma comunidade mais diversa” (2009, p. 87). Por ser tomada como interdisciplinar, e construída por diversos sujeitos, a inteligência coletiva é tomada também por heterogênea, posto que: “Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades”. (JENKINS, 2009, p. 28).

Portanto, para o autor a inteligência coletiva é uma forma de habilidade que tem como intento reunir saberes. No ambiente da rede, muitos internautas se unem em torno de interesses em comum a partir de comunidades, blogs, sistemas de rede sociais, e inscrevem dizeres, postam arquivos, com o intento também de agregar novos conhecimentos a inteligência coletiva formada em grupo, esses que muitas vezes não encontram informações desejadas nas formas e lugares tidos como tradicionais de estudo ou de busca de informações. Posto isso, Jenkins (2009) afirma que a inteligência coletiva se manifesta a partir de determinados grupos de internautas espalhados pela rede, que trabalhando em conjunto dominam certos campos do saber por meio de interesses em comum. Para compreender essa relação do saber (economia, política, literatura, etc.) que se constrói a partir dos discursos de um determinado grupo, é necessário compreender o papel da ideologia e da memória como peças fundamentais na formação desse quebra-cabeça virtual. Assim como as suas condições de produção, que dão margem a compreensão da constituição dos processos discursivos e dos sentidos, e da maneira pela qual os saberes são acionados por entre os dizeres que passam a circular no ambiente da web.

O autor chama a atenção para o fato de que, o que realmente vêm consolidar a

inteligência coletiva não é ela em si, mas o processo social de aquisição dos saberes, que funciona de forma dinâmica e interativa.

O que consolida uma inteligência coletiva não é a posse do conhecimento – que é relativamente estática –, mas o processo social de aquisição do conhecimento – que é dinâmico e participativo –, continuamente testando e reafirmando os laços sociais do grupo social (JENKINS, 2009, p.88).

O processo de aquisição do conhecimento torna-se mais atraente a partir da possibilidade de interação com os outros sujeitos-navegadores com interesses semelhantes, e que é facilitada pelo ambiente desterritorializado da/na web. É então nesse ambiente que os sujeitos vão encontrar um espaço para experimentação, como também de uma grande tagarelice on-line. Nessa linha, um dos papéis das redes digitais na construção da inteligência coletiva é também o de desempenhar um espaço de compartilhamento de informações e arquivos. Sobre isso, retornamos em Lévy (1999a) que afirma que o espaço da web é o lugar no qual é possível juntar e armazenar a inteligência coletiva, por configurar-se como um ambiente coletivo de saber baseado na produção, circulação e troca de informações, arquivos, discussões e competências.

A partir do exposto, pode-se propor que a folksonomia configura-se também a partir de uma forma de inteligência coletiva, na qual o sujeito inscreve dizeres e insere arquivos de forma dinâmica em tempo real, e os organiza a partir de sua linguagem. Além disso, as novas tecnologias e suas ferramentas simplificam também os processos de produção, apropriação, arquivamento, e a distribuição de dizeres. Pelo viés da Análise do Discurso, temos que os sujeitos ao construírem uma *tag*, por meio da folksonomia, posicionam-se discursivamente a partir do que a ideologia e a memória os permitem ocupar, para que assim eles signifiquem seus arquivos e informações; e isso possui uma relação com o saber. Segundo Henge (2009, p. 36):

[...] a formulação do sujeito (interpelado pela ideologia e dotado de inconsciente) o lugar de encontro da língua com a história, seus sentidos são estabelecidos pelas famílias de discursos postos em relação, assim, cada elemento de saber passa a ter sentido quando materializado no fio do discurso.

Isso nos permite inferir que dentro desse contexto coletivo da web podem emergir diversos outros sentidos a uma informação e ou arquivo, para além das palavras e das *tags*; produzindo também novas formas de socialização da cultura. A partir do que

foi discutido, colocamos que a folksonomia é uma forma de inteligência coletiva, que vêm disseminando-se a cada abertura na produção e circulação de arquivos ocorridos no ambiente da web. Portanto, no contexto da cultura da convergência, tem-se um aumento na produção e circulação de arquivos e dizeres, logo uma maior abertura para o sujeito indexar “livremente” seus dizeres, atuando também dessa forma como coletivos inteligentes.

3.5 Cultura em convergência: (des)territorializações em dis-curso

O conceito de cultura da convergência, a partir dos pressupostos de Jenkins (2009), caracteriza-se como um processo cultural, social e mercadológico, que ocorre somente a partir das interações entre os sujeitos. Inferimos que os sujeitos dispersos em posições-sujeito e nos lugares discursivos nos quais ele vem a ocupar estão sempre envolvidos no social. Dessa forma, a tecnologia não é a responsável pela socialização do sujeito e causadora única das formas de estruturação da sociedade, “[...] as mudanças enfrentadas hoje nos âmbitos econômico, político, social e cultural derivam de uma união de múltiplos fatores que são fortemente condicionados a apropriação e a atuação dos sujeitos” (SILVEIRA, 2010, p.41). Porém, a tecnologia deu aos sujeitos a opção de escolhas (pelo menos a ilusão), e permitiu a desterritorialização, facilitando o intercâmbio cultural, como o das informações, mercadorias, entre outros. Abrindo dessa forma espaços de compartilhamento e interação, como aquele propiciado pela web.

A abertura aos processos de convergência midiática, de acordo Jenkins (2009), vai além das trocas de informação e da interação entre os diferentes dispositivos tecnológicos existentes e da então chamada “convergência” anunciada por muitos sobre o fato de um celular e ou um computador poder agregar vários dispositivos tecnológicos e midiáticos. Pelo exposto, um exemplo seria o celular que agrega rádio, TV, câmera digital e player de músicas, e a Internet que disponibiliza *videocasts* e webrádios. Então a convergência segue, além disso, configurando-se pela interação do sujeito com os diversos dispositivos tecnológicos e midiáticos; acrescentamos que temos, nessa convergência, o início da abertura para outras discursividades, permitindo, assim, a assunção de outra forma de subjetividade. Portanto, por meio do:

[...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009, p. 29).

Desse modo, o sujeito traça suas rotas de dizer costurando e emendando velhos e(m) novos sentidos, já que, ao entrar na Internet, diferentes palavras já estão. Assim, a convergência de que estamos tratando aqui é configurada pela “convergência dos meios de comunicação, da cultura participativa e inteligência coletiva” (JENKINS, 2009, p. 29). Trata-se de uma comunicação interativa evidenciada cada vez mais através das ferramentas das redes sociais na rede eletrônica, passando a influenciar (in)diretamente em diversos outros processos, práticas e discursos na sociedade, quais sejam, na sociedade on-line e na off-line.

Um dos efeitos dessa mudança do significado do mundo e que abrange a relação do sujeito com o conhecimento e com a linguagem, é a mudança da nossa relação com o tempo. A ela dizem respeito as novas formas de afetividade configuradas no ciberespaço, as novas formas de relação com o conhecimento, em rede, as novas formas de escritura, hipertexto, as novas formas de subjetividade, as novas formas de identidade, simulacro, as novas formas de “leitura de arquivo”, digital. (DIAS, 2005, p. 42)

Um exemplo sobre a convergência seria o microblog Twitter¹⁷, onde constantemente seus navegadores promovem mobilizações sociais através dos conteúdos altamente disseminados no sistema, influenciando até na produção e circulação das informações na mídia impressa e televisiva e produzindo efeitos fora da tela do computador.

3.6 As atualizações e convergências no Twitter

Nos últimos anos, a sociedade em rede tem crescido, e, conseqüentemente, a utilização das redes sociais virtuais tem ganhado seus dias de fama. Com isso, o cotidiano de muitos sujeitos-navegadores passou a ser discursivizado na rede com o efeito de relatar experiências pessoais, trocar e divulgar informações de uma localidade ou comunidade específicas, fazer falar posicionamentos sobre temas cotidianos e ainda estabelecer laços afetivos. Os microblogs são exemplo disso. Apresentam como traço a particularidade de colocar em circulação dizeres simples e curtos, desenhados pela rápida e curta troca de formulações que, a todo momento, são atualizadas e com acesso que pode ser realizado por diferentes suportes e dispositivos tecnológicos, por meio da

¹⁷ <http://twitter.com/>

convergência midiática (JENKINS, 2009).

De acordo com Java et al. (2007), *microblogging* é uma variação de *blogging*, sistema em que os internautas escrevem em pequenos *posts* para um tipo de blog com um conceito diferenciado, que subsequentemente é distribuído para seus amigos e outros leitores por meio de mensagem de texto, sistemas de mensagens instantâneas e email. Os sistemas de *microblogging* apareceram nos meados do ano de 2006, com o Twitter e a partir daí tem crescido e se multiplicado, tornando-se uma efervescência na rede. A partir daí, surgiram também diversos outros sistemas, incluindo Jaiku¹⁸, Pownce¹⁹, Plurk²⁰, entre outros, sendo o Twitter o mais popular dentre os sistemas citados (JAVA, et al. 2007). Os microblogs podem ainda ser definidos como um pequeno blog em que os dizeres são atualizados frequentemente, replicado, retornado a ser re-dito e estruturado por um pequeno número de caracteres, utilizando, na maioria das vezes, até mesmo pela limitação do espaço para a escrita, no caso do microblog Twitter, 140 caracteres no máximo. Inscrevem-se aí diversas abreviações e a linguagem passa a ter um funcionamento muito próximo do discurso da oralidade (GALLO, 1992), sendo estruturados em uma ordem cronológica inversa.

Como analistas do discurso, vemos nesse traço de dizer com poucas letras a inscrição da temporalidade do on-line na própria língua, ou seja, o instante de um clique, de um toque na tela, de abertura e passagem a outro link e de apressamento da própria navegação dá-se a conhecer no Twitter pelo próprio modo de dizer, rápido, curto e apressado. Com o espaço de dizer comprimido, é preciso dizer o máximo com menos número de letra possível, fazendo falar o ritmo dos acessos cada vez mais ligeiros, agora instalado na ordem da língua. Do ponto de vista da AD, temos um espaço um espaço discursivo heterogêneo, em que o sujeito-navegador marca, pela inscrição da história na língua, seu modo de dizer telegráfico, atribui-se a si mesmo uma formulação descritiva como atrativo ao outro na rede e reclama, o tempo todo, a resposta de navegadores que podem segui-lo para continuar a alimentar o torvelinho de sua palavra. Conectado à rede social, levando em conta que há uma interação social do sistema, é possível ao sujeito-navegador criar perfis pessoais e possuir uma lista de contatos a quem ele pode endereçar a sua voz e a quem pode seguir.

Esse formato promoveu a abertura aos processos de convergência tecnológica

¹⁸ <http://www.jaiku.com/>

¹⁹ <http://pownce.com/>

²⁰ <http://www.plurk.com/t/Brazil>

e midiática (JENKINS, 2009), no qual o sujeito passa a interagir através dos diversos dispositivos de forma instantânea, e reunir diversas informações provindas de diversos tantos outros lugares e transmiti-las de forma veloz e de modo desterritorializado. Assim, é possível postar mensagens instantâneas, disponibilizar links de arquivos, fotos, vídeos, e interagir com os outros internautas do sistema e, mais, consideramos que o sujeito tem a possibilidade de interagir com os sentidos de vários arquivos discursivos (PÊCHEUX, 1994) como campos de documentos sobre uma dada questão, ocupando a posição de escritor e leitor. Dessa forma, ele pode acrescentar pequenos fragmentos de sua voz, produzindo outros efeitos de sentidos sobre as palavras que já foram escritas, fazendo surgir uma teia onde vários fios já estão tecidos, mas podem ser reordenados, desarranjados e deslocados, repetindo, replicando e/ou repassando o que foi discursivizado em outra mensagem, marcando, assim, o caráter heterogêneo do dizer na rede e da própria constituição do sujeito. Os sistemas de *microblogging* possuem como característica o enovelamento de várias vozes e de diversos tantos outros dizeres, constituídos em uma discursividade tida como aberta e participativa, ocasionada pelas ferramentas da Web 2.0.

Dentro desse contexto de publicação rápida, coletiva e interativa, os sistemas de *microblogging* acabaram ganhando seu espaço e conquistando milhares de navegadores em seus sistemas, funcionando como um dispositivo muito eficiente na produção e na divulgação de notícias e acontecimentos sobre fatos ainda em curso. Agora, focando no funcionamento do Twitter, podemos dizer que este é uma ferramenta de *microblogging* (JAVA et al., 2007), que permite a troca de rápidas e curtas mensagens (conhecidas também por “*tweets*”) entre os navegadores de até 140 caracteres. Ele foi criado em março do ano de 2006, quando Jack Dorsey, @jack, trabalhava em uma empresa chamada Odeo Inc. localizada em South Park, São Francisco, EUA.

A ideia surgiu quando a empresa atravessava difíceis momentos, devido à forte concorrência no mercado; assim, a diretoria propôs uma estratégia de “*rebooting*” e ou reinventar a empresa. A equipe de Dorsey, durante uma sessão de *brainstorming*, descreveu o serviço SMS (mensagens curtas por celular) que utilizava para se comunicar com pequenos grupos, com a seguinte frase “O que você está fazendo?”. O projeto original sofreu algumas modificações, inclusive no nome, que inicialmente era “*twtr*”, inspirado também pela onda do website Flickr e pelo fato de que os SMS dos EUA tinham como padronização de códigos apenas cinco dígitos (ISRAEL, 2009). Após certas modificações, além da alteração do nome, o sistema foi ganhando forma e

sua popularização veio a partir de março de 2007 e tornou-se o que conhecemos hoje.

Figura 14: Página inicial do Twitter²¹

De acordo com a descrição do website do Twitter, ele é caracterizado como: “um serviço para amigos, família, e colegas de trabalho, para se comunicarem e estarem conectados na troca de rápidas e frequentes perguntas a uma simples questão: O que você está fazendo?” (TWITTER, 2009). Em 140 caracteres ou menos, os sujeitos-navegadores partilham dados, perguntam e respondem a questões. Em um estudo (JAVA et al., 2007), foi constatado que a maior parte da comunicação dos navegadores do Twitter pode ser considerada pela tagarelice diária de trivialidades cotidianas, conversações, compartilhamento de informações e arquivos/URLs, e a disseminação de notícias. Os navegadores do Twitter postam suas contribuições através de *short message service* (SMS), *instant messenger* (IM), pelo website do Twitter na web, ou através de e-mail, telefone celular, por Internet móvel ou por diversos outros aplicativos API (Interface de Aplicativos) do próprio sistema, o que garante em tese uma circulação imediata dos dados ali inseridos. Tudo isso faz com que o Twitter seja uma ferramenta de poderoso alcance e conveniência, “gerando um ambiente micro partilhado e

²¹ Fonte: <http://twitter.com/>

controlado pela comunidade” ²²(DRAPEAU, 2009, p. 1).

As interações no Twitter são realizadas a partir dos *tweets* escritos e enviados pelos navegadores; porém, essa ação depende de quem o sujeito segue/“*follow*” e de quem escolhe segui-lo/ “*follow you*”. Toda essa comunicação acontece em tempo real; dessa forma, a troca de mensagens é imediata, sendo a todo tempo atualizada.

Ainda que a ferramenta tenha constantemente sido apropriada para a difusão de informações, o caráter de rede social encontra-se presente, na medida em que essas informações são distribuídas para os seguidores, os quais podem se apropriar dessas informações e respondê-las ou “retwitá-las”, repassando-as para suas redes. Além de tornar públicas as conexões entre os usuários, portanto, o Twitter ainda permite que as trocas de informações entre os usuários possam ser acompanhadas, o que torna esse site de rede social propício para o estudo da difusão de informações. (RECUERO; ZAGO, 2010, p.71)

No Twitter há um campo denominado “*Trending Topics*” (TTs), ou seja, os assuntos mais comentados pelos internautas no momento. Os TTs que aparecem são geralmente do país de origem do internauta e ou do seu estado (quando há essa opção), mas há uma alternativa do internauta escolher se ele prefere visualizar o TTs “*WorldWide*”, conferindo dessa forma os assuntos mais comentados entre os internautas que navegam pelo Twitter no mundo. Destacamos que geralmente nos TTs do Twitter, aparecem as *#hashtags*, que são configuradas como *tags* para a organização das informações em seu sistema, e que iremos abordar nesse próximo capítulo. Isso implica na maneira como os dizeres e arquivos são circulados na rede eletrônica; e que mais a frente veremos como eles são organizados dentro do sistema do Twitter.

Colocamos que, no Brasil, o Twitter é considerado um sucesso e virou motivo de investigação, ganhando inclusive uma matéria de grande repercussão na rede pela revista *Time*, que discursiviza que o público internauta brasileiro faz-se presente em diversas ferramentas sociais, inclusive no Twitter. De acordo com essa matéria, um estudo publicado, em outubro de 2010 pela empresa de marketing digital *comScore*, constatou que 23% dos internautas no Brasil estão conectados no Twitter, comparado com 11.9% nos EUA. A alta participação dos brasileiros no website chamou a atenção, cerca 65% do tráfego no site, segundo a vice-presidente de vendas e marketing internacional do Twitter, Katie Stanton. Inferimos, então, que os brasileiros têm se

²² Termo original: “community-controlled microsharing environment” por Drapeau, 2009.

comportado com grande voracidade em tal microblog, algo que despertou também a nossa atenção para investigarmos mais a fundo essa materialidade, como também de analisá-la como corpus desse trabalho a partir das *hashtags*, que serão abordadas nesse próximo capítulo.

4. NÓS E FUROS NA (DES)ORGANIZAÇÃO DA REDE NA PERSPECTIVA DO SUJEITO

As categorias do pensamento humano nunca são fixadas de forma definitiva; elas se fazem, desfazem e refazem incessantemente: mudam com o lugar e com o tempo.

Durkheim

Nesse capítulo, apresentamos o objeto discursivo de nossa análise, as *tags*, desenvolvidas a partir do processo da folksonomia, que também será abordado na discussão, e que faz parte da constituição do nosso objeto; e que está intrínseco a ele. Pontuamos que o processo da folksonomia tem um caráter inaugural na web, como também nas pesquisas acadêmicas, o que nos levou a investigar afincamente suas condições de produção, e a historicidade dos sentidos que circulam a seu respeito. Foi um trabalho de garimpo, no qual concentramos as nossas atenções a fim de encontrar bibliografias a respeito do tema; e no meio dessa busca, fomos realizando grandes navegações na rede, dentro dos sites que se utilizavam dos sistemas de *tagging*, com o propósito de investigar o seu funcionamento discursivo. A cada leitura realizada, e a cada rota desbravada e percorrida, fomos montando o nosso próprio percurso discursivo, que nos levou a considerar a multiplicidade dos dizeres que permeiam a rede, e que lhe é constitutiva.

Desse modo, antes de analisarmos os efeitos de sentidos instalados a partir *tags* nos dizeres e arquivos eletrônicos, a partir do posicionamento do sujeito-navegador através do processo da folksonomia, investigaremos as possibilidades de leitura dos dizeres e arquivos, como também os efeitos de sentidos instalados nos processos de organização das informações e arquivos. Será realizada, também, uma discussão sobre as formações discursivas que sustentam esses processos, quais sejam, a taxonomia e a folksonomia, e as pegadas dos sujeitos que constituem esses processos, como ele se posiciona discursivamente para ler, nomear, indexar os dizeres. Observaremos como a ideologia está sempre presente, tornando os sentidos transparentes ao sujeito, assim como as formas de esquecimento elucidadas por Pêcheux (1988). Por último, serão tecidas algumas considerações acerca das formas de organização das informações e arquivos eletrônicos, sua constituição e contribuições no ambiente digital.

4.1 Efeitos de organização no arquivo: possibilidades de leitura

Ao iniciar a escrita desse capítulo, especificamente nesse tópico, não pudemos deixar de discutir algumas questões referentes ao arquivo, especialmente sobre as considerações colocadas por Pêcheux (1994) no texto "Ler o arquivo hoje". Ao introduzir essa discussão, gostaríamos de realizar uma breve reflexão sobre o arquivo (muito breve pois este não é o foco da nossa investigação aqui), suas formas de leitura e

organização, com vistas de conduzir uma reflexão sobre o arquivo disposto na rede eletrônica.

O arquivo é abordado como principal objeto de estudo de uma disciplina, a Arquivística, também chamada de Arquivologia, tendo seus estudos iniciados na antiguidade através da documentação. Por muito tempo os arquivos foram considerados como algo da ordem do institucional, a fim de armazenar atos administrativos (SILVA et al., 1998, p. 116), na qual a Arquivística tinha seus status como detentora da ordem e do acesso as informações contidas nos arquivos.

Reportando-nos, *en passant*, à historicidade da Arquivologia, lembramos que, quando os homens aprenderam a consignar por escrito os atos necessários a sua vida social, política e econômica, procuraram logo assegurar a conservação dos documentos. Nas escavações do palácio de Assurbanípal (rei da Síria, de cujo reinado restaram-nos esculturas e importante acervo), os arqueólogos atualizaram numerosas tabuinhas cuneiformes e descobriram em Ugarit (antiga cidade da costa fenícia na região da Ásia Menor) um arquivo organizado. (DUARTE, 2007, p.148).

O arquivo concebido desde a antiguidade era, então, caracterizado pela custódia e pela ordem, ligados a atos administrativos e políticos. Porém, com o advento da revolução tecnológica acompanhada de uma grande explosão informacional, esse conceito de arquivo concebido desde a antiguidade foi sendo desconstruído, e tem sido alvo de apontamentos na área da informação, e tem gerado diversas discussões na área da Arquivística,

No entanto, o tratamento arquivístico dos documentos é coordenado pela técnica, política, ética, legislação e direito. Essa é uma configuração que tem promovido debates sobre a teoria e a prática da Arquivologia. As normas impõem aos arquivos certa impossibilidade de serem vistos conforme anunciam os estudos contemporâneos (DUARTE, 2007, p.142).

Os estudos contemporâneos sobre arquivo buscam investigar as variadas formas de acesso à informação explorando diversas questões, tais como as de suporte informacional. Isso nos leva a inferir que está havendo uma grande preocupação em relação à materialidade do arquivo e suas condições de produção, porém dentro dos estudos em arquivologia as diversas normas e regras instituídas fazem com que os estudos sobre arquivo continuem ainda a contemplar uma visão mais fechada e

metódica sobre sua constituição. Pode-se dizer que essa visão contempla não apenas os estudos da área de Arquivística, mas também os estudos referentes às disciplinas da área da informação,

[...] no campo da informação e da documentação, há uma regularidade de pensar o arquivo em sua materialidade física de acervo institucionalizado e organizado, o que reclama guarda, tratamento, catalogação, disponibilização e recuperação de dados (ROMÃO, 2011, p. 100).

Essa regularidade em se pensar o arquivo, impede com que se leve em conta a sua movência, fluidez, e a própria opacidade constitutiva dos arquivos, assim como sentidos que dele derivam-se, tratando-os por assim de forma sistematizada, por meio de métodos concebidos a priori, e que “No final, ter-se-á concebido um documento de arquivo, que deverá receber tratamento a partir dos mecanismos que lhe facilitem o acesso e a recuperação da informação guardada e por ele contextualizada” (DUARTE, 2007, p. 144).

O processo de tratamento do arquivo, que leva em conta a sua leitura, classificação, organização, guarda e recuperação, são etapas realizadas por profissionais, que seguem manuais e regras dadas a priori, o que nos faz inferir que “Tal passagem nunca acontece de modo tranquilo, visto que é constituída por cortes, escolhas, seleções e descarte de certos materiais; ou seja, a mostrar alguns sentidos correspondentes e silenciar outros” (ROMÃO, 2011, p. 102). Temos a partir daí a problemática sobre a leitura de arquivo, que guia os processos de tratamento, estando presente em todas as suas etapas.

Pêcheux (1994) em “Ler o Arquivo Hoje” coloca questões referentes à leitura ao arquivo, fazendo um percurso desde a antiguidade, buscando problematizar as formas de se conceber o arquivo. O autor discute que na Idade Média, havia uma divisão de leitura de arquivo entre os clérigos, que se posicionavam a partir de diferentes ordens, ocupando espaços distintos no gesto de leitura. Dentro desse contexto, alguns eram autorizados a ler, falar e escrever (portadores de leituras e obras próprias) enquanto a outros cabiam a função de meros copiadores, gestos operacionais, de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação, codificação dos textos, etc.; porém, mesmo sendo designados a funções mais operacionais eles não deixavam também de ter sua leitura. A leitura ao arquivo agia de forma impositiva frente ao sujeito-leitor, realizando um apagamento atrás da instituição à qual pertencia, “[...] na

prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, ou de uma empresa”. (PÊCHEUX, 1994, p.57).

Essa tentativa de controle, preservação, e organização do arquivo exerce a função de sistematizar o próprio acesso ao arquivo pelos sujeitos, sob o manto de neutralidade diante dos textos que analisa e disponibiliza. Sabemos que nem todas as regiões do discurso são igualmente acessíveis; sendo algumas inclusive proibidas. Conforme ilustra Foucault (2006, p.36),

[...] trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, á disposição de cada sujeito que fala.

A leitura do arquivo era vista como uma prática de leitura silenciosa, designada também aos escrevões, copistas, “contínuos” e funcionários anônimos, que estão à serviço de um órgão regulador, seja a Igreja, o Estado, ou da ordem privada. Assim, de um lado tinha os “literatos”, que dividiam a prática de leitura de arquivos com os “escreventes”, e de outro os cientistas que surgiam com o interesse de investigar a leitura dos documentos discursivos-textuais. A ciência aparece, nesse momento, inscrita sob a lógica matemática (como teoria das línguas unívocas), e a estatística a partir da “ciência dos grandes números”, com o intuito de se impor como uma evidência. Isso inclui o desenvolvimento da linguagem lógica artificial²³, e da informática nas décadas de 1950 a 1970. Ocorre, então, nesse momento, a separação entre o que é tido como ‘literário’ e o que é ‘científico’ a respeito da leitura de arquivo, assim:

[...] este divórcio cultural entre o ‘literário’ e o ‘científico’ a respeito da leitura de arquivo não é um simples acidente: esta oposição, bastante suspeita em si mesma por sua evidência, recobre (mascarando esta leitura de arquivos) uma divisão social do trabalho de leitura, inscrevendo-se numa relação de dominação política: a alguns, o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local); a outros, a tarefa subalterna de preparar e

²³ Herança leibniziana do Círculo de Viena.

de sustentar, pelos gestos anônimos do tratamento ‘literal’ dos documentos, as ditas ‘interpretações’... (PÊCHEUX, 1994, p.58)

Podemos ver que o funcionamento da leitura de arquivo é um processo ideológico, e não pode ser visto como um processo claro, transparente. Os documentos que compõem o arquivo, mesmo que aparentando certa regularidade, não são homogêneos, completos, pois o arquivo é sempre configurado pela falta, pelo furo, que mostra que os sentidos nunca estão fechados, e não são somente aqueles determinados e autorizados pelas instituições políticas de arquivos.

[...] a questão da leitura quase sempre permaneceu implícita: há, entretanto, fortes razões para se pensar que os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes, ou mesmo contraditórias, de ler o arquivo (PÊCHEUX, 1994, p. 57).

Há então sempre outras maneiras de se ler e conceber o arquivo, mostrando que é possível descobrir algo mais além, fugir do que nos é imposto, ir pela surdina, pelas trilhas subterrâneas, que nos levam a “compreensão de que algo funciona (no arquivo) para além do literal, para além da leitura autorizada pelas instâncias oficiais de arquivos, para além da ordem do repetível” (ROMÃO, GALLI, PATTI, 2010, p. 130).

Consideramos que a construção das taxonomias realizadas através de profissionais da informação, enquanto analistas documentários e leitores de arquivos, promovem seus gestos de leitura a partir de métodos e regras, delimitando os conteúdos, criando palavras-chave, descritores, na tentativa de conduzir o leitor em seu percurso pelo arquivo. Os profissionais da informação têm uma posição a ocupar que visa à organização e sistematização da informação, e através das metodologias dadas a priori, ele busca organizar o conhecimento, realizando atividades como o controle terminológico, almejando a neutralidade e a homogeneização das linguagens por meio das linguagens documentárias (taxonomias, tesauro, terminologias).

Pêcheux coloca que para a Análise de Discurso “a questão crucial é construir interpretações sem jamais neutralizá-las nem no “não-importa-o-quê” de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal” (PÊCHEUX, 1994, p.16). Marcamos que no processo de construção das taxonomias, há a necessidade de apreensão do sentido uno, homogêneo, buscando anular a plurivocidade das palavras, a fim de delimitar os sentidos do arquivo, inscrevendo cada

arquivo em uma determinada formação discursiva, delimitada pela instituição, pelo político, ou seja, pela ideologia.

Nesse caminho, questionamos as formas de leitura trazidas pela análise documentária, que se caracteriza como parte do processo de criação das taxonomias, e que nos remete àquela divisão de trabalho de leitura assinalada por Pêcheux que divide os leitores de arquivos entre o gesto literal e o interpretativo. Concordamos com Galli (2008, p.53) que:

[...] ler é interpretar, produzir sentidos relacionados a outros sentidos, embora nem sempre esse processo seja evidente para o sujeito. Pensar em leitura, na perspectiva discursivo-desconstrutivista, significa pensar em interpretação, uma vez que o sujeito interpretante realiza sua leitura a partir de uma posição-sujeito, deixando sua marca ao acrescentar fios no discurso e atribuindo sobrevida ao texto.

Ocupando a posição de analistas do discurso, descartamos a ideia de univocidade da língua, marcando os nós e os furos constitutivos da linguagem e do discurso: “É esta relação entre língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo” (PÊCHEUX, 1994, p.63). Assinalaremos agora o arquivo na rede, problematizando sua leitura e organização nesse novo espaço, como também a nova divisão de trabalho que a informática traz ao campo da organização das informações na rede eletrônica.

Diante da multiplicidade, fluidez e fugacidade da/na rede, as regras e normas para tratar os arquivos esvaecem-se com a multidão de dados e informações que são criadas e dispostas na web todos os segundos. Essa volatilidade que a rede apresenta coloca em xeque cada vez mais os modelos fechados de classificação e indexação das informações e arquivos, assim como a tentativa de neutraliza-los. O arquivo imerso a fluidez, escapa-nos a todo momento, se (des)faz em milésimos de segundos, conforme coloca Galli (2012, p. 14):

Os arquivos eletrônicos, pela fluidez que os constitui, constituem-se marcados pelos efeitos de permanência e instabilidade, inscrevem outra relação (de desestabilização) com o tempo e o espaço, funcionam discursivamente como lugares provisórios e de ancoragem para o sujeito. Nessa tensão, dão-se os movimentos do sujeito e o jogo dos sentidos já-dados e cristalizados, bem como o vir-a-ser de novos sentidos.

Dentro desse contexto aparece a folksonomia, como forma do sujeito tentar colocar uma “suposta” ordem nos arquivos, sem se deter a regras, e metodologias fechadas, em reação a uma nova conjuntura que envolve o tratamento a diferentes materialidades. Como também, porque a rede reclama uma escrita, uma organização rápida e ligeira, a fim de garantir seu fluxo, não podendo mais se deter a processos inflexíveis, que demandam tempo. Segundo Romão, Galli e Patti (2010, p. 132):

O culto ao arquivamento, a preocupação com a guarda tem hoje seu excesso medido justamente porque algo falta, é da ordem do “mal de arquivo” e nos escapa a cada (nova) tentativa de produção e organização de campos de documentos.

Pode-se dizer que a folksonomia, se trata de mais uma alternativa para tentar “amenizar” esse “mal do arquivo”, tentando passar certa autonomia para o sujeito organizá-los, para que ele tenha uma suposta ilusão de controle e guarda dos arquivos produzidos ou encontrados por ele. Mas como vimos, o arquivo é algo que sempre nos escapa, da ordem da incompletude.

Esse arquivo que se faz presente na rede é tido então como (im)possível, esburacado, instável e incompleto, no qual todo momento ele é (re)construído, (re)organizado pelo sujeito-navegador, que tem a ilusão de completude do arquivo ao organiza-lo em um determinado site, uma pasta e ou link. Seria como colocar um arquivo etiquetado em uma prateleira em um imenso armário, tendo a ilusão por um momento de ter fechado os sentidos desse arquivo, o ter estabilizado (por meio do processo ideológico) dentro daquela prateleira, o lugar o qual aquele arquivo pertence e deve significar. Porém, como estamos tratando da rede eletrônica, essa prateleira poderá não mais existir, em um clique ela pode mudar de lugar, e o arquivo poderá ser (re)mexido, trocado de prateleira, de uma forma mais veloz do que em uma instância física (por assim dizer). Assim, não se trata mais de colocar os arquivos em uma prateleira tendo a certeza que eles estarão sempre lá. Segundo Romão (2012, p. 301):

Trabalhar com o que é arquivo é puro movimento, curso de sentidos estabilizados e re-conhecidos como naturais, embora possam sempre vir a ser outros (PÊCHEUX, 1975); a errância de conceber a informação no ponto intervalar entre um discurso de outrem e outro que virá inaugurando o ainda não-sabido. Errância de considerar a provisoriedade do agora no arquivo, sempre prestes a se desmontar ou reordenar, de reafirmar que o que era não voltará a ser do mesmo

modo, e que o que será não é garantia posto que pode ser engolido pela “roda viva que leva a roseira pra lá”.

A partir dos pressupostos da Análise do Discurso nos é deixado um convite a problematizar as maneiras de se conceber e de ler o arquivo, a investigar a pluralidade dos gestos de leitura, estes que podem ser demarcados e (re)conhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivos. Nesse trabalho, aceitamos esse convite, de não se contentar em analisá-lo de forma fechada, a partir de uma “leitura literal” dentro de padrões já dados a priori. Nosso objeto, as *tags*, nos coloca frente a uma diferente realidade, composta por (novas) diversas materialidades, onde temos a construção de um arquivo vivo, dinâmico e plural, assim como a língua; e que será analisado em nosso trabalho.

4.2 Taxonomias: a (re)organização das informações e arquivos

O termo taxonomia vem do grego (*taxis* = ordem e *onomia* = nome), sinônimo da palavra classificação, e é essencialmente uma classificação sistemática, com o propósito de ordenação/organização das informações e dados. Tradicionalmente, as taxonomias são conhecidas pela classificação em ciências naturais, por ordenar espécies em botânica e zoologia, adotando uma nomenclatura binária.

Porém, apesar de as taxonomias serem derivadas da Biologia, nos ambientes digitais seu aparecimento e uso, segundo autores como Edols (2001), Adams (2000) e Plosker (2005), estão relacionados com as formas automatizadas de criação da informação, tornando-se alvo de estudos da Ciência da Informação”. (VITAL, 2007, p. 46).

O resgate da taxonomia nos sistemas de informação considera a unidade sistemática (taxon) não mais família, gênero, espécie, mas conceitos. Aqui, as classes se apresentam segundo uma ordem lógica, apoiada igualmente em princípios classificatórios. (CAMPOS; GOMES, 2008, p. 4).

A taxonomia passou a ser adotada na web para a recuperação e disseminação das informações, tendo como característica o funcionamento através de um esquema considerado lógico em um sistema de navegação. A taxonomia fornece estruturas de conceitos através de uma hierarquia de categorias, subcategorias, com o intuito de auxiliar o internauta em sua navegação:

(...) o uso de taxonomias tem sido adotado por permitir acesso através de uma navegação em que os termos se apresentam de forma lógica, ou seja, em classes, sub-classes, sub-sub-classes, e assim por diante, em quantos níveis de especificidade sejam necessários, cada um deles agregando informação sobre os documentos existentes na base. (CAMPOS; GOMES, 2008, p. 1).

A taxonomia fornece ao sujeito-navegador toda a construção de uma estrutura hierárquica sobre um determinado assunto e ou área do conhecimento, o que pode vir a auxiliá-lo na busca pela informação desejada, percorrendo do tópico/categoria mais genérica a mais específica. Sobre a sistematização das áreas de conhecimento, Henge (2009, p. 54) coloca que: “Isto é, a própria significação atribuída ao conhecimento humano distribuído por grandes áreas é o efeito na língua (das práticas que a significam) do trabalho de reprodução e transformação da instância ideológica sobre objetos ideológicos distintos”. Inferimos que, nesse processo, a posição de leitura, estabelece lugares de interpretação, no qual vão se configurando pontos de estabilização e cristalização do sentido sobre um determinado assunto. De acordo com os estudos apresentados por Vital (2007), com base teórica na área da Ciência da Informação, foram identificadas as seguintes etapas na construção de modelos de representação do conhecimento a serem aplicadas a taxonomias:

1. Estabelecimento das categorias gerais.
2. Coleta dos termos.
3. Análise dos termos selecionados.
4. Controle da diversidade de significação.
5. Construção dos relacionamentos semânticos.
6. Indexação.

O estabelecimento das categorias gerais é realizado por meio de um processo chamado de categorização, algo muito utilizado para organizar sites na web, pois ele exerce a função de definir um termo que possa reunir outros documentos com significados próximos, ou seja, “determinar as classes de maior abrangência dentro da temática escolhida” (CAMPOS; GOMES, 2008, p. 5). Um exemplo é o site Mercado

Livre²⁴, que é organizado por diversas categorias; ou seja, se o internauta entrar no link informática, ele terá acesso a diversas subcategorias que estão relacionadas a esse tema de maior abrangência, tais como: Computadores PCs, Cartuchos, Toners e Tintas, Pen drives, entre outros.

The screenshot displays the Mercado Livre website interface. At the top, there is a navigation bar with links: Cadastrar, Perguntas, Home, Vender, Minha Conta, Mapa do Site, and Entrar. Below this is a secondary navigation bar with links: Navegar, Vender, Buscar, Meu MercadoLivre, MercadoPago, Comunidade, and Contato. A search bar is located below the navigation bar, with a 'Buscar:' label and an 'Ok' button. To the right of the search bar is a checkbox labeled 'Só nesta categoria'. Below the search bar, there are three product listings: 'Placa De Vídeo Geforce' by Evga, 'Monitor Lcd 22" - Poa-Rs' by Hd Ext, and '3 X 1 Cabo Adaptador' by Conversor Usb 2.0 P/ Sata/Ide. Below these listings is a section titled 'Informática' with a subcategory list on the left and a 'Produtos Especiais' section on the right. The subcategory list includes: Alimentação para PCs, Apple, Cartuchos, Toners e Tintas, Computadores PCs, PC Tuning, Palms e Handhelds, Pen Drives, and Periféricos e Acessórios de PC. The 'Produtos Especiais' section features images and prices for various products: 'plotter mimaki iv2' (R\$12000), 'mini pen drive gold' (R\$79.9), 'mini pen drive gold' (R\$129.9), 'pino c/ 25 pcs. dvd+r' (R\$64.99), 'cartucho hp 21 9351' (R\$22.99), and 'sistema de email marketing v. R\$1'. A 'Ver todos os produtos especiais' link is at the bottom of this section. At the very bottom, there is a banner for 'PECHINCHAS ESPECIAIS'.

Figura 15: Mercado Livre²⁵

A primeira noção de categorias em sistemas de classificação foi introduzida pelo indiano Ranganthan no ano de 1933, ele fundou a concepção de que a forma tem relação com os modos como um conceito pode ser analisado, configurando-se por cinco categorias fundamentais (CAMPOS et al., 2006):

²⁴ <http://www.mercadolivre.com.br>

²⁵ Fonte: <http://informatica.mercadolivre.com.br/>

- **Personalidade:** Essa é considerada a categoria fundamental e de grande dificuldade de identificação. Ranganathan propõe o método do resíduo para identificar sua manifestação: não é "Tempo", não é "Espaço", não é "Energia", ou "Matéria", portanto "é considerada uma manifestação da Categoria Fundamental "Personalidade". Aqui ele aplica o princípio hindu "Não é isso, não é isso".
- **Matéria:** suas manifestações são de duas espécies - Material e Propriedade, da constituição de um objeto.
- **Energia:** referem-se às manifestações, operações, técnicas, agentes dos processos. As ações podem ser entre e por todas as espécies de entidade, inanimada, animada, conceitual, intelectual e intuitiva.
- **Espaço:** pode-se entender o local de pertencimento de um dado objeto, seja ele indivíduo, coisa, idéia, fenômeno, entre outras entidades.
- **Tempo:** Refere-se a períodos.

O método de categorização é tido, a partir da literatura, como uma forma para organização do raciocínio de forma lógica, tendo como princípio a organização e reunião das classes que são denominadas facetas. Em uma navegação, a categorização tem a função de auxiliar o sujeito-navegador a se localizar em um site, pois esse método estabelece formas de organização perante uma análise de assunto por facetas reunindo informações pertinentes em uma mesma categoria, “[...] além de se constituírem em princípio para organização do raciocínio, as categorias fornecem uma ordem para a disposição dos tópicos numa taxonomia” (MARTÍNEZ, A. 2004 apud CAMPOS; GOMES, 2008, p. 6). A leitura a ser realizada pelos profissionais da informação, a fim de estabelecer as categorias, demonstram a utilização de regras, padrões, técnicas e esquemas, a fim de guiá-los por caminhos de leitura tidos como “adequados”, como também a redução dos possíveis sentidos que possam vir a surgir, a partir da utilização desses mecanismos estabelecidos a priori, como estratégias de leitura. O que fica

evidente nesse processo é que “[...] a obsessão explícita é de transpor mais rápido os obstáculos da ‘língua natural’” (PÊCHEUX, 1994, p. 63).

Depois de estabelecidas as categorias, o segundo passo no processo é a coleta dos termos que serão inclusos nas categorias; depois de coletados os termos relevantes, é realizada a análise desses termos selecionados. Segundo Cintra et al. (2002), os elementos descritores precisam estar devidamente filtrados e depurados, salientando sobre a necessidade do controle da significação dos termos escolhidos. Essa tentativa de controlar a significação dos termos selecionados visa identificar e conter as ambiguidades, na ilusão de enc(t)errar a possibilidade de uma palavra e/ou um enunciado gerarem mais de um sentido. Então, temos pelas vias da AD, que a ideologia como mecanismo que naturaliza e estabiliza sentidos para um sujeito em dada posição, cria essa relação imaginária de evidência (PÊCHEUX, 1997) ao sujeito, que apaga as pegadas de outros gestos de interpretação, fixando apenas um sentido, tido como uno e dominante, de tal modo a promover um efeito de colamento das palavras à realidade do pensamento e do mundo.

Como uma luz forte que cega, a falsa transparência oculta-nos que há opacidade, como se sujeito e sentido fossem tão estabilizados que não poderiam ser de outro modo. Quer dizer, sendo X não poderia ser Y, na “lógica do ou... ou” (PÊCHEUX, 1990b, p. 30). Enquanto isso, os sentidos, alheios a essa lógica e a toda ilusão de controle e estabilidade, deslizam em deriva. (MITTMANN, 2010, p.87).

O vocabulário controlado construído no processo das taxonomias visa colocar barreiras na significação, sinalizando os diversos fatores que podem permitir o deslizamento de um sentido, quais sejam, a polissemia, homonímia e a sinonímia. A polissemia é caracterizada quando uma palavra em uma expressão emerge significados distintos, sendo assim, um único signo linguístico pode assumir uma pluralidade de significados em diferentes contextos. A ambiguidade também pode ser gerada por meio de palavras homônimas, as quais têm a mesma ortografia e/ou a mesma pronúncia, porém significados diferentes. Exemplos: canela (especiaria), canela (parte do corpo); banco (Instituição financeira), banco (assento). A sinonímia é a capacidade de duas ou mais formas linguísticas diferentes apresentarem o mesmo ou quase o mesmo significado: casa/lar, carro/automóvel. Colocamos que essa tentativa de conter a multiplicidade dos sentidos que são constitutivos da linguagem, não são objetos de estudo da AD, pois:

[...] as ambigüidades, metáforas e deslizamentos próprios às línguas naturais são propriedades incontornáveis do campo da análise de discurso, que se diferencia por essa razão mesma de toda perspectiva estritamente informacional, documentária ou “intelectiva”. (PÊCHEUX, 2011, p. 281).

Continuando as etapas que se seguem na tentativa de controle de sentidos da linguagem, na linguagem documentária procura-se transformar a palavra ambígua em um termo monossêmico²⁶. A linguagem documentária é concebida através dos pressupostos que:

A denominação linguagem documentária, além de referir-se ao conjunto dos diferentes tipos de instrumentos especializados no tratamento da informação bibliográfica (sistema de classificação enciclopédicos ou facetados e tesouros), designa, de modo mais amplo e completo, a linguagem especialmente construída para organizar e facilitar o acesso e a transferência da informação. (LARA, 2004, p. 232)

Os termos extraídos das linguagens documentárias são utilizados para representar os assuntos dos documentos, de modo que cada termo tem seu significado estabelecido nas relações e, mais importante, cada termo só pode ter um conceito. Entretanto o sujeito está a lidar “com a opacidade – da língua, da história, do sujeito – a aparência da transparência” (MITTMANN, 2010, p. 87-88). Ao considerar os sentidos transparentes, claros e evidentes, há um apagamento da sua materialidade, da sua historicidade. Cabe ressaltar, aqui, a forma de esquecimento número 1 (PÊCHEUX, 1997) no qual o sujeito é tomado, ao ser afetado pela ilusão de ser a origem do seu dizer, acreditando que suas palavras designam exatamente aquilo que ele nomeou. Ocorre, então, o apagamento de tudo ao que remete ao exterior de sua formação discursiva (FD). Portanto, os significados já circulados anteriormente por aquele termo é escamoteado da condição do retorno da memória ao sujeito.

Na construção das linguagens documentárias, existe também a contribuição da Terminologia para a representação dos conceitos. Sobre isso, Lara (2004, p.91) afirma que a “Terminologia oferece referenciais metodológicos para sustentar a estruturação dos campos lógico-semânticos das Linguagens Documentárias”, pois

²⁶ Segundo Lara (2005, p.19), a monossímia é a relação entre designações e conceitos na qual uma designação representa apenas um conceito.

coloca-se que é necessário que haja uma construção dos relacionamentos semânticos para que se estabeleça uma consistência das relações. E nesse processo, isso se dá por meio da organização e representação dos termos e conceitos, na qual “a falta de um sistema de conceitos compromete a indexação e a atividade documentária, o que afeta o significado e a compreensão dos termos” (CINTRA et al., 2002, p. 45). Pelo viés da Análise do Discurso, Pêcheux evoca essa questão dos sentidos lembrando que:

[...] o *fato da língua* foi, e permanece, consideravelmente subestimado em todos os projetos de leitura de arquivo “literárias” tenham acreditado quitar sua dívida no que concerne a linguística, transportando em seu próprio campo tal e tal conceito linguístico (PÊCHEUX, 1994, p. 63).

Pode-se dizer que nos projetos de leituras de arquivos os leitores “quitam sua dívida”, deslocando para sua própria área conceitos da linguística, tais como o de “estrutura” ou de “transformação” (LUCAS, 1996), ou ainda até mesmo ocupando-se de introduzir fragmentos da semântica, da morfologia ou da sintática em seus procedimentos. Após as etapas descritas acima, aponta-se que a aplicação da taxonomia no processo de representação e recuperação das informações pode ser realizada por meio da indexação. Terra e Gordon (2002) apud Vital (2007, p.72), “apontam a indexação como processo interligado à categorização”, que, por sua vez, faz parte do processo da taxonomia.

Observou-se, através dos pressupostos teóricos referentes à categorização, que a mesma envolve a indexação como parte do processo para a organização dos termos nas relações mais pertinentes (DIAS, 2001). A indexação é definida como ação de descrever e identificar um documento de acordo com seu assunto (UNISIST, 1981, p.84). Dessa forma, o processo de indexação tem como objetivo assegurar a recuperação de qualquer documento ou informação no momento em que o sujeito realiza uma busca por um assunto em um sistema de informação. Os procedimentos necessários para uma indexação, segundo a Norma 12.676, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (1992, p. 2), consistem em três estágios:

- 1) Exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo;
- 2) Identificação dos conceitos presentes no assunto;
- 3) Tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação.

Não iremos nos estender mais a fim de explicitar as etapas acima, posto que, grande parte desse processo é realizado por meio dos procedimentos que já elucidamos anteriormente, das linguagens documentárias. O nosso interesse foi de demonstrar os efeitos de sentidos acerca da leitura realizada no processo da taxonomia, bem como a sua constituição, e a forma de posicionamento do sujeito nesse processo dentro de uma determinada FD, a partir das regras e manuais. Chamamos a atenção, aqui, para a questão do assujeitamento, que faz com que o sujeito assuma um lugar no conjunto das formações ideológicas, que faz com ele se reconheça como detentor do saber, das regras e procedimentos metodológicos que asseguram a organização do conhecimento.

Agora passamos para as formas de circulação e funcionamento das taxonomias na web, levando em conta a discussão abordada até aqui, para que então possamos adentrar no processo da folksonomia nas malhas do digital.

4.3 As taxonomias na web e a con-fusão das linguagens

Após o percurso pela elaboração da taxonomia, pode-se inferir que a taxonomia na web é baseada nos modelos mentais de organização das informações. A aplicação das taxonomias na rede eletrônica tem sido utilizada com grande frequência em portais dos ambientes digitais, principalmente no que se diz respeito à arquitetura da informação nos *websites*, para que o internauta tenha mais facilidade em encontrar as informações durante a sua navegação. Na própria área da informação são apontados alguns problemas referentes ao uso das taxonomias na rede, o que concerne sobre a sua estrutura rígida, já que segundo Piedade apud Vital (2007, p.80), “nem sempre a especificidade é uma vantagem, pois dificulta a recuperação de toda a documentação existente no acervo sobre determinado assunto”. Os internautas podem ter dificuldade de entender as classificações muito especializadas, de definir um objeto dentro das classes pré-programadas da hierarquia. Sabemos que, a falta de conhecimento dos sentidos que uma palavra possa vir a ter dentro de um determinado contexto para o sujeito não se define simplesmente como um engano e ou desentendimento, pela via da ocultação de sentidos; mas sim é ocasionado pela falta de acesso a regiões de memória, que é construído também através dos processos discursivos (históricos), que são passíveis de observação na materialidade linguística. E como vimos anteriormente, essa tentativa de normatização da linguagem, com vistas de fechar a significação das palavras, encobre a historicidade dos sentidos que acompanham um determinado termo.

Outro problema apontado pelos profissionais da informação é falta de flexibilidade no uso das taxonomias, e também a dificuldade em sua manutenção, pois se o navegador necessitar de uma outra categoria para um objeto em uma classe inexistente na hierarquia, deverá aguardar a sua inserção por pessoas que fazem a manutenção da taxonomia, o que não acaba sendo prático principalmente em uma época em que a informação multiplica-se a cada dia. Como também o caráter movente da língua, no qual os sentidos escorregam e deslizam no movimento da navegação dos sujeitos.

Pontuamos que esses foram alguns dos motivos que colaboraram para o desuso dos diretórios, pois por dependerem de pessoas para atualizá-los, eles demoram mais que os robôs das ferramentas de busca para a atualização. Além disso, manter um sistema por meio de classificação manual é um processo de alto custo, pois exige mão-de-obra especializada. Nesse contexto, aparece também o desenvolvimento de “métodos de tratamento em massa do arquivo textual, com fins estatais ou comerciais, supunha torná-los facilmente comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis” (PÊCHEUX, 1994, p. 57). Assim, a questão da divisão de trabalho de leitura (re)surge mais forte com o avanço da informática, e do outro lado têm-se os profissionais da informação, lutando para se manterem na posição de profissional da leitura na rede eletrônica. A leitura interpretativa parece contrapor essa nova realidade do tratamento informático das informações, elas tornam cada vez mais vulneráveis a influência das linguagens matemáticas e lógicas, de uma memória que quantifica, que soma, e acumula, o que vêm acarretar no desaparecimento e no naufrágio da própria materialidade da língua.

Logo, nos encontramos diante de uma nova divisão do trabalho de leitura, uma verdadeira reorganização social do trabalho intelectual, cujas consequências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica (PÊCHEUX, 1994, p. 59).

A linguagem da informática busca, por meio de algoritmos, construir procedimentos automatizados de um sistema de leitura-tradução, e através da lógica e da semântica almejam extrair o sentido unívoco dos textos, enunciados, e das palavras, idealizando uma linguagem homogeneizada, legível, interpretável pelas máquinas. Vimos que essa tentativa de cercear os sentidos da linguagem natural, a fim de se estabelecer um sentido homogêneo, veio muito antes da informática. Porém, atualmente os esforços para se promover a estabilização dos sentidos partem principalmente da

informática e do desenvolvimento da inteligência artificial, com vistas de transformar a rede eletrônica, em um espaço logicamente estável.

O projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita de coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea, a ideia de uma possível ciência da estrutura desse real, capaz de explicitá-lo fora de toda falsa-aparência e de lhe assegurar o controle sem risco da interpretação (logo uma auto-leitura científica, sem falha, do real) responde, com toda evidência, a uma urgência tão viva, tão universalmente “humana” (PÊCHEUX, 2006, p.35).

Enquanto a informática busca desenvolver mecanismos para realizar tal feito, observamos que devido às dificuldades encontradas na utilização de taxonomias, os profissionais da informação buscam formas de se analisar a linguagem presente na rede a fim de se estabelecer um vocabulário controlado, como um mapa de navegação. Enquanto a informática exerce um tipo de leitura e sistematização e os profissionais da informação uma outra forma, surge uma abordagem que se destacou recentemente para categorizar recursos na web, que é realizada a partir da linguagem natural, por meio das *tags*. Para Mai (2011, p. 115):

Folksonomies have come about in part in reaction to the perception that many classificatory structures represent an outdated worldview and in part from the belief that since there is no single purpose, goal, or activity that unifies the universe of knowledge²⁷.

Com vistas de ampliar a colaboração, organização e disseminação do conhecimento, sem prender-se a modelos fechados que não cabem mais para tratar as informações na rede, tem-se a popularização da folksonomia. Esta que ocorreu de forma rápida, devido à facilidade, por parte dos internautas, de associar termos para organizar a informação de forma livre, sem depender de hierarquias pré-definidas, sistema de algoritmos; isso dando origem às chamadas *tags*, nome que será explicado agora.

²⁷ Folksonomias surgiram como parte de uma reação à percepção de que muitas estruturas classificatórias representam uma visão de mundo ultrapassada, e em parte da crença de que não há um propósito único, objetivo, ou atividade que unifica o universo do conhecimento (tradução nossa).

4.4 Folksonomia: a (des)organização coletiva na web

A folksonomia surge no contexto da Web 2.0, como uma alternativa para os internautas organizarem e recuperarem suas informações e arquivos na rede. Segundo Neal, (2007, p.7): “Folksonomies are one of today’s hottest Internet trends. They are but one part of Web 2.0, which, in part, refers to the ability of Internet users to add, change and improve World Wide Web content”²⁸. O termo folksonomia é um neologismo criado por Thomas Vander Wal, no ano de 2004, em meio a discussões sobre Arquitetura da Informação. Esse neologismo foi desenvolvido através da junção das palavras *folk* (povo, pessoas) com *taxonomia* (classificação).

Many Web 2.0 components, such as folksonomies, are not simply singular technologies, but rather technically based manifestations of human tendencies. When Vander Wal created the word folksonomy, he combined the words folk and taxonomy. In a folk taxonomy, members of a society create words, categories and classifications for things in order to describe the world in a way that holds relevant meaning for them. (NEAL, 2007, p.9)²⁹

A folksonomia pode ser considerada a prática de classificação/categorização/indexação colaborativa de conteúdos na malha digital, realizada pelo próprio sujeito-navegador, a partir de sua navegação. No processo da folksonomia, o sujeito-navegador rotula, nomeia, designa suas palavras, a dados e arquivos de forma ‘livre’, não existindo nenhuma metodologia e/ou etapas a serem realizadas para a organização das informações de seu interesse. Para Joseph (2006) apud Catarino e Baptista (2007, p.11) “a folksonomia é uma taxonomia dinâmica que representa as categorias que os usuários individuais empregam para organizar suas informações em um determinado espaço”.

Através da folksonomia, é possível notar os movimentos do sujeito-navegador na rede eletrônica, pois, segundo Castells (2001, p. 255), a Internet: “é um meio de

²⁸ “A Folksonomia é uma das tendências mais quentes de hoje na Internet. Mas elas são uma parte da Web 2.0, que se refere a habilidade dos usuários de adicionarem, mudarem e melhorarem o conteúdo da World Wide Web” (tradução nossa).

²⁹ “Muitos componentes da web 2.0, tal como a folksonomia, não são simplesmente tecnologias singulares, mas antes, são tecnicamente baseadas em tendências das manifestações humanas. Quando Vander Wal criou a palavra folksonomia, ele combinou as palavras folk e taxonomia. Em uma folk taxonomia, membros de uma sociedade cria palavras, categorias e classificações para coisas a fim de uma ordem para descrever o mundo de uma forma que compreende em significados relevantes para eles.”(tradução nossa).

comunicação, de interação e de organização social”; e a folksonomia tem mostrado o modo como o sujeito-navegador organiza seus arquivos e informações na web e também estabelece uma (relativa) ordem, contorno e borda na rede, que se apresenta fluída o suficiente para promover a imersão, a navegação e a dispersão de dizeres. Dessa maneira, estamos diante de marcas linguísticas e ideológicas que, no funcionamento discursivo, instalam sentidos que o sujeito atribui aos (seus) dizeres que circulam na malha digital. Segundo Valongueiro (2006) apud Catarino e Baptista (2007, p. 8),

A folksonomia pode ser vista como um novo paradigma de classificação, pois respeita as diferenças culturais e características pessoais de quem utilizou e classificou determinada informação. Ela possibilita que os próprios usuários da informação atribuam os termos para a indexação colaborativa dos conteúdos como eles os vêem.

HSIEH et. al. (2009, p. 9515) pontuam que existem três elementos básicos envolvidos no processo da folksonomia:

1. O sujeito que está criando as *tags*;
2. O objeto que está sendo nomeado por meio dessa *tag*; e
3. As *tags* que estão sendo aplicadas aos objetos.

Assim, por meio desses três elementos básicos, a folksonomia permite que as informações sejam organizadas de forma simples e flexíveis feitas por qualquer pessoa que se habilite a criar uma *tag* (etiquetas/rótulos de identificação) para organizar conteúdos de seu interesse na rede.

Gostaríamos, aqui, de ilustrar uma figura que contempla o campo onde as *tags* são inseridas, o exemplo foi retirado do website Flickr³⁰. O site é um álbum de imagens classificadas por *tags* criadas pelos próprios leitores do sistema por meio do processo da folksonomia. A organização das fotos dentro do Flickr começa a partir do momento em que o sujeito-navegador insere uma foto no sistema e a nomeia, podendo inserir *tags*, para indexar de forma livre o conteúdo da foto. Destacamos, aqui, a importância da palavra, essa matéria que sempre devemos ao Outro (sobre isso falamos no nosso

³⁰ <http://www.flickr.com>

remetimento a Pêcheux e Authier-Revuz) para a entrada nesse ponto do arquivo do sistema.

Descreva este upload

Você também pode [abrir suas fotos no Organizr](#) para ter mais controle sobre elas.

Operações em lote

Adicionar tags [?]

ADICIONAR

Separar cada tag com um espaço:
blog urbano celular com câmera.
Ou, para juntar duas palavras em
uma tag, utilize aspas duplas:
"telefone celular".

Adicionar a um álbum

[Criar um novo álbum...](#)

Escolher um álbum

Títulos, descrições, tags

Título:

Descrição:

Figura 16: Passos do processo de adicionar tags no sistema Flickr

4.4.1 Tags: sentidos em movimento

As *tags* podem ser definidas como palavras-chave atribuídas pelo sujeito-navegador para indexar /classificar de forma ‘livre’ os arquivos e dados da web, e atribuir sentidos que ele deseja em arquivos e informações da malha digital. “A tag is a word or a phrase that is associated with or assigned to a resource for describing information”. ³¹(HSIEH et al. 2009, p.1). Colocaremos aqui as *tags* que foram utilizadas para indexar a fotografia da figura acima (figura 16), com vistas de demonstrar as *tags* na web:

³¹ “A tag é uma palavra ou uma expressão que está associada com/ou atribuída a um recurso para descrever a informação” (tradução nossa).

Figura 17: As tags no sistema Flickr

A folksonomia é também descrita por alguns pesquisadores como “*Collaborative tagging systems*” (Sistema colaborativo de rotulação). Segundo Vander Wal (2005, p.12),

The folksonomy is a means for people to tag objects (web pages, photos, videos, podcasts, etc., essentially anything that is Internet addressable) using their own vocabulary so that it is easy for them to refind that information again.³²

O processo de criação das *tags* é realizado diferentemente do processo da taxonomia, pois o sujeito, ao criar uma *tag*, utiliza-se da linguagem natural, ou seja, sua linguagem e vocabulário “próprio”, não se preocupando em estabelecer uma ordem hierárquica entre as *tags* que são criadas, nem mesmo criar uma normatização ou controle do vocabulário a partir de uma metodologia. Por essa razão, é possível deparar-se com alguns textos que tratam a folksonomia como um vocabulário descontrolado, devido ao fato de ela não ter como princípio o controle terminológico, que visa delimitar os significados dos termos, tentando controlar os sentidos das palavras sinônimas e quase sinônimas, das ambiguidades, e dos termos homógrafos, fenômenos muito comuns na linguagem natural. Segundo Moreiro González et al. (2007, p.8),

La asignación de estas etiquetas públicas se realiza sin ánimo de lucro y sin la supervisión de un organismo centralizador, de manera que una de las características de este lenguaje libre es la ausencia de estructuración entre los términos, salvo la formada por el conjunto que describe determinado objeto o concepto, si bien es cierto que cada término tiene sentido de forma individual³³.

³² “A Folksonomia é um método para as pessoas etiquetarem objetos (sites, fotos, vídeos, podcasts, etc., basicamente tudo que possui um endereço na Internet) usando seu próprio vocabulário, então dessa forma é fácil para eles acharem aquela informação novamente” (tradução nossa).

³³ “A alocação dessas etiquetas públicas é realizada sem ao intento lucrativo e supervisão de um organismo central, de modo que uma das características desta linguagem livre é a ausência de estrutura

O ato de criar uma *tag* envolve uma certa ordem em relação as informações, mesmo que não tenha um método pronto e uma estrutura, nomear um objeto, um arquivo, um documento é estabelecer uma forma de organização. De acordo com Mai (2011, p. 115): “[...] giving objects names we simultaneously give the entities identities and impose a certain structure on reality; in this sense, naming is a sort of ordering”³⁴.

Pensando do ponto de vista discursivo, as *tags* são nomeações que abarcam os sentidos disponíveis ao sujeito na posição que ocupa, ou seja, implicam a formação discursiva à qual ele está filiado e também a memória discursiva a qual ele retornou para poder designar. Pontua-se, então, no âmbito desse trabalho, que o sujeito ao designar uma palavra-chave (*tag*) a um arquivo e/ou informação na rede eletrônica, por meio do processo da folksonomia, pode evocar diversos (sempre outros) sentidos para aquela informação, imagem ou notícia, pois a interpretação está ligada à posição que o sujeito ocupa e às redes de memória às quais ele está afiliado. Por isso, faz-se necessária a compreensão de que as *tags* inscrevem-se a partir da memória discursiva dos sujeitos-navegadores, já que é ela que permite compreender a pluralidade dos gestos de leitura, de escrita e de interpretação.

Acrescentamos, então, se a memória discursiva permite a ancoragem do dizer do sujeito nas *tags*, também o silêncio lhe é constitutivo, posto que há sentidos que não foram ditos e ficaram interditados nas *tags* e, mesmo calados, eles significam e reclamam interpretação, situados entre a tensa e permanente relação entre o dizer e não dizer. Uma *tag* condensa e silencia os sentidos de diversos arquivos e dizeres que estão carregados de tantos outros sentidos. O sentido marca um lugar de onde se diz uma palavra e se deixa de marcar outras possíveis que poderiam estar ali, mas que foram silenciadas. Nessa direção, dizer é também é silenciar, deixar de dizer, calar e desviar do dito, visto que significar de um modo é não significar de outro. Para ampliar essa reflexão, mobiliza-se a noção de silêncio fundador cunhada por Orlandi, (1997, p. 23) do seguinte modo:

Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É

entre os termos, salvo a qual é formada pelo conjunto que descreve determinado objeto ou conceito, embora que é certo que cada termo tem um sentido individual” (tradução nossa).

³⁴ [...] dando nomes aos objetos, nós simultaneamente damos identidade e impomos uma certa estrutura da realidade, nesse sentido, nomear é uma espécie de ordenação (tradução nossa).

silêncio significante. (...) o silêncio não é mero complemento da linguagem. Ele tem significância própria. E quando dizemos fundador estamos afirmando esse seu caráter necessário e próprio. Fundador não significa aqui originário, nem o lugar do sentido absoluto. Nem tampouco que haveria, no silêncio, um sentido independente, auto-suficiente e preexistente. Significa que o silêncio é garantia do movimento dos sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio.

Essa noção de silêncio fundador é explorada porque ela problematiza o modo como os sujeitos nomeiam seus dizeres e arquivos na rede, especialmente as palavras “escolhidas” (e também silenciadas ou apagadas) nas *tags*. Considerando que “a linguagem é a passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras” (ORLANDI, 1997, p.72), investigamos nesse trabalho o percurso dos sentidos na rede eletrônica, flagrando nas *tags*, a inscrição das redes de memória já ditas e filiadas em outros sites, como também a inscrição do sujeito-navegador nesse espaço.

Tal reflexão só é possível em um lugar teórico que não se contenta com uma leitura fechada e que se propõe analisar os possíveis percursos de sentidos que as palavras, na rede, podem produzir e espalhar. Assim, marca-se juntamente com Pêcheux (1994) que o discurso é efeito de sentidos, movimento e fluxo, que ele se instala em “clivagens subterrâneas” onde o sentido sempre pode vir-a ser- outro. Na navegação, uma *tag* pode evocar um sentido ao sujeito e, ao clicar na *tag*, ele pode vir a descobrir algo novo entre os links que vão aparecendo; ocorre a possibilidade de o sentido inicial que o sujeito interpretou, esperou ou antecipou, na *tag*, escapar, remetendo o sujeito a um outro discurso que não estava afiliado a rede de memória.

Assim, inferimos que existem *tags* (e em um discurso utilitarista, servem) para o próprio sujeito criador da *tag* localizar seus links e documentos na rede; sem dúvida, isso problematiza e complexifica o trabalho de recuperação da informação para os outros navegadores do sistema de compartilhamento. Não sem razão, alguns desses tipos de *tags* são chamadas por Kipp (2007) de “*affective tag*”, ou seja, *tags* de cunho afetivo, tais como: legal, interessante, bonito; pois possuem o conteúdo muitas vezes recuperado somente pelo sujeito que o nomeou. Segundo Kipp e Campbell (2010, p. 241): “[...] the world of folksonomies includes relationships that would never appear in

a library classification or thesaurus, including time and task related tags, affective tags, and the user name of the tagger”³⁵.

Alguns pesquisadores têm se debruçado sobre as formas de apresentação da folksonomia; para Lipczak (2008), a folksonomia pode ser apresentada por duas formas: a individual e a coletiva. O primeiro tipo é caracterizado pelas *tags* que são criadas para guardar e orientar o sujeito-navegador a encontrar suas próprias informações, não havendo uma preocupação de o sujeito orientar outros navegadores a encontrarem as informações e arquivos postados e inseridos por ele; dessa maneira, podem existir muitas “*affective tags*” visto que, segundo Lipczak (2008, p.2), “this type is referred to as folksonomies oriented towards individual users”³⁶.

O segundo tipo de folksonomia pode ser representado pelas *tags* encontradas frequentemente em blogs, tais como do sistema de blog *Technorati*, *Wordpress*, as quais consistem em um repositório de compartilhamento de informações e documentos, na qual as *tags* após serem instaladas são utilizadas para compartilhamento com vistas à recuperação das informações e ou arquivos através dos campos de busca, tendo como característica o compartilhamento das informações entre os leitores na web, para Lipczak (2008, p.2): “this type is referred to as folksonomies oriented towards broad audience”³⁷. Pode-se inferir que nesse tipo de folksonomia, o sujeito é afetado pela ilusão de que *tags* criadas por ele, para designar um arquivo, estabelece o sentido exato entre a *tag* e o objeto designado, isto é, ele acredita que estabeleceu uma relação que interliga a *tag* e o sentido, para que assim outros navegadores encontrem a informação postada e ou inserida por ele na rede. Essa ilusão é o que Pêcheux denominou por esquecimento número dois, o enunciativo, no qual o sujeito ao empregar uma *tag*, esquece de outros sentidos possíveis, outras *tags* que poderiam estar também ali.

Outra questão importante a se falar é sobre os efeitos de literalidade dos sentidos nesse processo, no qual pela perspectiva discursiva não há um sentido pronto, sedimentado, pois o sentido pode sempre vir-a-ser outro, principalmente em se tratando do ambiente da rede eletrônica e seus hiperlinks. Dessa forma, colocamos que essa

³⁵ “[...] o mundo das folksonomias incluem relações que nunca aparecerão em um sistema de classificação de bibliotecas ou tesouros, incluindo o tempo e o emprego de tags relacionadas, tags afetivas, e o nome do classificador” (tradução nossa).

³⁶ Este tipo é referido como folksonomia orientada para usuários individuais (tradução nossa).

³⁷ Este tipo é referido como folksonomia orientada para uma vasta audiência (tradução nossa).

noção de homogeneidade, literalidade e transparência da linguagem configura-se somente a partir de “um sentido dominante que se institucionaliza como produto da história: o literal” (ORLANDI, 1996, p. 144). O processo de institucionalização de um sentido fixa-o como o sentido dominante, cristalizado e estabilizado, como sentido oficial (literal). Esse postulado é bastante cabível, nessa afirmação de Lacerda e Valente (2007, p.65) que colocam que: “Além do classificador egoísta há também os que se preocupam em manter a coesão das *tags* dentro de um determinado domínio ou pensam nos termos que podem ser usados pelo máximo de pessoas”.

Ao levantar essas questões sobre as palavras que podem ser utilizadas pelo máximo de pessoas em um determinado espaço, trazemos o exemplo das *hashtags*, que são denominadas *tags* utilizadas pelos navegadores do sistema de *microblogging* Twitter. As *hashtags* são *tags*, precedidas do símbolo # (*hash*, em inglês) que são utilizadas pelos sujeitos-navegadores para identificar e ou contextualizar um assunto em específico ou algum tema em evidência no *microblogging* Twitter, seja para organizá-lo e ou polemizá-lo.

Figura 18: Hashtags no Twitter no TTs Brasil

Durante a análise discursiva do corpus desse trabalho, investigamos o funcionamento discursivo das *hashtags*, mas podemos já inferir que as *hashtags* caracterizam-se mais pela ordem da folksonomia orientada para o coletivo, seguindo o raciocínio de Lipczak (2008), pois elas são utilizadas com vistas do compartilhamento e difusão das informações, como também uma forma de recuperação dos *tweets*, através do campo de busca do sistema. Quando algum assunto está em voga, os internautas lançam uma *hashtag* a fim de condensar os dizeres sobre aquele assunto, na tentativa de organizá-los, sistematizá-los, tentando contornar as bordas do discurso dentro da janela do Twitter. E também de promover o acesso a determinada região da memória sobre

algum assunto aos outros internautas que navegam pelo sistema. De acordo com Mai (2011, p. 116):

For certain purposes, in certain contexts, in specific times, and so on, people will name the same entities in similar fashions. In other words, given a set of constraints, people will agree on how to name entities—the more constraints, the higher the agreement; the fewer constraints, the less agreement³⁸.

Como vimos no capítulo anterior, às taxonomias, bem como os sistemas de informação, buscam fixar os sentidos, sedimentá-los, e assim podemos inferir que o segundo tipo de folksonomia, voltada para o coletivo, procura certa regularidade na linguagem para criar as *tags*. Assim, quando o internauta utiliza-se das *affective tags* nos sistemas que dispõem de ferramentas de busca por *tags*, podem ocorrer certos problemas referentes à recuperação das informações, posto que as *affective tags* referem-se a efeitos de memória do próprio sujeito-navegador e das condições de produção daquele arquivo e ou dizer a que somente ele tem acesso, dificultando a recuperação das informações para outros navegadores. Trata-se de um índice do particular no heterogêneo, o acesso “particular” a um recorte, um fragmento. Sabemos, pela AD, que o gesto de interpretação materializa-se a partir da inscrição do sujeito em uma determinada formação discursiva, e está relacionado à produção de sentidos a partir da ideologia, que age para a instalação do sentido, trabalhando a divisão do modo de interpretação.

O movimento de significar e interpretar, realizado pelo sujeito vem carregado de uma memória (que mesmo negada pelo sujeito a partir dos esquecimentos), faz com que os sentidos apareçam a ele e que signifiquem as “coisas a saber” ao ser atualizado como já-lá. Assim, se o sujeito não compartilha da mesma FD, não possui acesso à memória discursiva que o outro navegador retornou para significar os arquivos, não há como ele recuperar tais informações pelas *tags* utilizadas. Essas *tags* também são consideradas, pelos profissionais da informação, como um dos grandes problemas da folksonomia no ambiente coletivo, assim também como o vocabulário diversificado empregado nas *tags*, que consiste em muitos termos homônimos e sinônimos, palavras

³⁸ Para certos propósitos, em certos contextos, em momentos específicos, e assim por diante, as pessoas irão nomear coisas de formas semelhantes. Em outras palavras, em um dado contexto, as pessoas irão concordar sobre como nomear coisas - o mais restrito, o mais alto nível de concordância, o menor e o mais baixo nível de concordância (tradução nossa).

no plural e no singular, diversidade de idiomas em um único sistema, como também as abreviações e siglas empregadas.

A falta de termos compostos para a indexação por meio das etiquetas dificulta bastante também o processo de recuperação das informações em alguns *websites*. Em alguns sistemas como o Flickr, por exemplo, não é permitido que o sujeito indexe a palavra Rio de Janeiro, por ser uma palavra composta; assim, o sistema solicita ao sujeito que ao inserir essa *tag*, ele coloque entre aspas, para que o sistema reconheça que é uma palavra composta (exemplo na figura 16). Porém, em alguns sistemas, ou até mesmo no Flickr, se o sujeito inserir a palavra composta sem seguir as recomendações das aspas, pode gerar um sério problema quanto à recuperação das informações dentro do sistema de busca do site, o que acarreta também o surgimento de diversas abreviações e siglas, na tentativa de condensar a palavra, estando assim o sistema sempre aberto ao furo.

Outro ponto colocado por Hsieh, et. al. (2009) é a susceptibilidade das *tags* inseridas por internautas tidos como “mal-intencionados” que atribuem *tags* comuns categóricas: como notícias, esporte etc., a links falsos, conhecidos também como sites maliciosos, nos quais o internauta, ao entrar no link, pode adquirir algum tipo de vírus em seu computador. A folksonomia no ambiente coletivo pode surtir às vezes efeitos inesperados, porém ela também pode fornecer toda uma forma de organização coletiva e compartilhada do conhecimento na rede, por meio dos navegadores.

		Functional perspective	
		Organization	Communication
Social perspective	Individual	Individual knowledge organization: <i>searching for contents, categorization, retrieving resources</i>	Self-communication: <i>documenting one's own views, ideas, memories, and contexts</i>
	Group	Group-related knowledge organization: sharing resources with others and/or drawing attention to one's own contents	Group communication: storing descriptions and re-views for others, fostering, and expressing group cohesion

Figura 19: Perspectiva funcional e social da folksonomia (AMES; NAAMAN,2007).

O quadro acima (AMES; NAAMAN, 2007) ilustra a perspectiva funcional e social da folksonomia em relação à organização e à comunicação sob as ordens do individual e do coletivo. A inscrição de sentidos de caráter individual pela folksonomia é colocada como aquela que possui uma relação com os gestos de leitura que o sujeito inscreve nos seus próprios arquivos. Assim, ele põe em discurso por meio das etiquetas, ideias, memórias e contextos para classificar suas informações e poder visualizá-las de forma mais simples e rápida, sem que haja a preocupação de filiar os sentidos de uma informação em uma determinada FD, ao invés de outra, como também de incluir descrições e *tags* detalhadas com vistas a fornecer acesso a certa região da memória. A organização das informações, por meio da folksonomia na ordem do coletivo, dá-se através da busca por informações, categorização e recuperação dos conteúdos, em prol da inteligência coletiva, como postula Lévy (2011). Isso coloca em movimento descrições e as inspeciona para que tenha utilidade para outros navegadores, visando ao aprendizado e efeitos de coesão em um grupo, sob o manto de uma suposta uniformidade. Porém, essa, “longe de ser um apagamento das diferenças, é na verdade uma identificação de traços discursivos comuns que permeiam e determinam alguns discursos do universo discursivo em questão” (HENGE, 2009, p.45). O sujeito, dentro desse processo, pode vir a posicionar-se a partir de uma FD dominante para construir às *tags*, o que pode auxiliar em uma organização presa à ordem do repetível, próxima as categorizações. Pode-se dizer que isso está próximo ao que Lévy (2011, p.45) chama de alfabetização da inteligência coletiva:

Falo de uma alfabetização da inteligência coletiva, porque cada ato de classificação ou avaliação, cada emissão de informação, cada retransmissão de dados, cada registro em uma memória pessoal (que agora está contida em "nuvens" coletivas), cada envio de links de um site para outro, tudo isso contribui para informar e transformar a memória coletiva. Os participantes da nova esfera pública não são apenas autores, eles também são potenciais editores, bibliotecários, curadores e críticos. Por meio de cada uma de suas ações online, eles contribuem para a orientação dos outros participantes.

Essa tentativa de organizar as informações e arquivos com vistas a orientar os internautas, partindo de uma FD tida como dominante, pode sempre furar, romper; principalmente em se tratando da folksonomia que não se utiliza de um manual fechado, e/ou de uma metodologia. Colocamos que os sujeitos posicionam-se discursivamente a

partir do que a ideologia e a memória o permitem ocupar, para que assim ele signifique seus arquivos e informações. Porém, ressaltamos que é uma possibilidade se pensar nessa alfabetização, posto que os sujeitos-navegadores precisam ser inclusos nos processos de organização do conhecimento no ambiente da web, e não somente máquinas e algoritmos.

Com o uso de um vocabulário comum, criado pela Folksonomia, o usuário pode ter acesso a uma identificação do documento, facilitando sua recuperação em um processo de busca. O usuário, também, é livre para navegar nas palavras-chave fornecidas por outros usuários que sejam similares às suas, ou que lhe despertem algum interesse. (PAVAN et al, 2007, p.81).

Portanto, inferimos que a folksonomia fornece valiosas informações sobre o modo de interação e organização dos saberes na rede, permitindo traçar o perfil dos navegadores na web, “[...] folksonomies thus provide rich information for building more accurate and more specific user profiles for use in various applications.” (YEUNG et al., 2008, p. 1)³⁹. Diversos sites têm utilizado a folksonomia para saber mais sobre o perfil de seus internautas, buscando também aperfeiçoar a forma de busca e organização dentro do site. A *Amazon*⁴⁰ que é um site de vendas online renomado na web, utiliza *tags* para que o internauta possa classificar os produtos do site e posteriormente recuperá-los através das palavras-chave que são inseridas no sistema. Esse sistema também permite o uso coletivo das *tags* criadas entre os navegadores do site, permitindo o acesso aos seus produtos pelas diversas *tags* inseridas pelos diversos navegadores; nesse site, foi possível encontrar a seguinte formulação: “Tags for Amazon search are intended to improve Amazon search by helping people find relevant items which otherwise wouldn't appear in search results”⁴¹.

Segundo dados publicados pelo *Instituto Pew Research* (2007) em um projeto denominado *Internet & American Life Project*, 28% dos sujeitos conectados à Internet têm utilizado o método da folksonomia para organizar conteúdos particulares na web

³⁹ “ (...) folksonomias fornecem ricas informações para a construção de perfis de usuários de uma forma mais acurada e mais específica para o uso em várias aplicações” (tradução nossa).

⁴⁰ <http://www.amazon.com/>.

⁴¹ “As tags para busca no site da Amazon são intencionadas a melhorarem a busca na Amazon visando a ajudar as pessoas a encontrarem itens relevantes que em outra circunstância não apareceria nos resultados de busca” (tradução nossa).

por meio das *tags*. Para Neal (2007, p.10): “In the end, many online users need and want control over the representation of their own documents”⁴². Por tudo isso, a folksonomia tem se mostrado como uma opção interessante para organização, recuperação e compartilhamento das informações na web, desde que os sites sejam organizados e cumpram com pelo menos algumas diretrizes de usabilidade⁴³ (NIELSEN; LORANGER, 2007) para que consigam cumprir a sua finalidade (comércio, entretenimento, etc.) do que é denominado “informar” os leitores. Essa formulação que escrevemos tem relação com o modo como a Ciência da Informação e os teóricos da Informática produzem seus saberes e discursivizam o processo de recepção e transmissão de informações na rede. Os estudos de Nielsen e Loranger (2007) indicam que o tempo médio gasto por um internauta de baixa experiência em uma página eletrônica é de 35 segundos e de um internauta com alta experiência é de 25 segundos. Dessa forma, o site teria no máximo 35 segundos para seduzir o leitor além de mostrar atrativos em relação a sua proposta e finalidade; e se a página oferecer o que o sujeito-navegador está procurando, ele irá permanecer mais tempo na referida página. Esse contexto caracteriza-se pelo tempo-espaco de um clique, isto é, de movimentos rápidos de deslocamento do sujeito-navegador, de apostas ligeiras e de sentidos de leitura e escrita construídos perante a sua própria relação com as palavras.

Como estratégia para conter o espalhamento dos sentidos, e dos discursos, como também da suposta fuga escorregadia do sujeito por outros links, muitos sites e *blogs* tem utilizado uma nuvem de *tag*, conhecida também por *tags* do momento e ou populares, ou seja, um campo discursivo de fígamento do sujeito por meio de palavras que conseguiriam mostrar, em um curto espaço, quais são os assuntos principais abordados pelos sujeitos-navegadores naquela página. Essas palavras teriam a função de facilitar a navegação, indicando ao modo de algumas placas de trânsito, por onde o navegador poderia caminhar. Para Lévy (2004, p. 37), navegar na web “é como se explorássemos um grande mapa sem nunca podermos desdobrá-lo, sempre em pedaços minúsculos”. As *tags* podem, então, ser consideradas como alguns desses “pedaços minúsculos” no ambiente da rede, que tentam indicar rotas, para que o sujeito-

⁴² No final, muitos usuários precisam e querem controlar a representação de seus próprios documentos (tradução nossa).

⁴³ Definição da norma ISO 9241-11 “A extensão a que um produto pode ser usado por usuários específicos para conseguir determinados objetivos com eficácia, eficiência, e satisfação em um específico contexto de uso” (tradução nossa).

navegador tenha ainda que imaginariamente um contorno de onde supostamente está e para onde está indo.

4.4.3 Nuvens de tag: condensação dos dizeres

Uma “*tag cloud*” é um termo traduzido para o português como “nuvem de *tag*”, e é onde se concentram as *tags* mais utilizadas e/ou mais vistas pelos internautas no momento, ou seja, as palavras mais populares, mais cobiçadas pelos inúmeros acessos dos sujeitos que por ali passaram, e também deixaram suas marcas. Em geral, as *tags* funcionariam ao modo de um campo discursivo de destaque, indiciário do repetível, da regularidade e do que teria prestígio na página acessada; tal destaque paira como uma nuvem que, pela importância que escreve, fica acima, dentro da qual as palavras com letra maior marcam o que teve maior ocorrência no momento. Sobre isso, temos que as: “Tag clouds, or visual representations of the most popular tags on a website utilizing folksonomies, provide insight into the collective knowledge, or at least the collective interests, of the users”⁴⁴ (NEAL, 2007, p.8).

Através da nuvem de *tag* e ou *tags* do momento, podem-se condensar quais os assuntos e/ou informações (ou dados e arquivos) estão em foco dentro de um site ou *blog*; aqui, como exemplo (figura 20), temos as *tags* mais utilizadas no momento pelo website de armazenamento de imagens, Flickr⁴⁵.

Figura 20: Nuvem de tag do website Flickr

⁴⁴ “Nuvens de tag, ou representações visuais das tags mais populares em um website que utiliza-se da folksonomia, provê uma percepção do conhecimento coletivo, ou até mesmo interesses coletivos dos usuários” (tradução nossa).

⁴⁵ <http://www.flickr.com/photos/tags/> Acesso em 21 de julho de 2011.

Através de um clique em qualquer etiqueta, é possível ter acesso a uma página onde há várias imagens que utilizaram essa *tag*; enfim, através de uma palavra, é permitido, ao sujeito, deslocar-se para tantas outras imagens e links em um movimento de espalhamento pelos nós do sistema. Ao clicarmos na *tag* “old”, foi possível visualizar uma outra página, repleta de imagens, na qual através de um clique tivemos acesso a página com a imagem e outras informações sobre a mesma, além de outras *tags* que foram utilizadas pelo sujeito-navegador para classificarem as imagens:

Figura 21: Página das imagens com a tag “old” no Flickr

Posto isso, a nuvem de *tag* ainda pode instalar um componente de busca dentro do próprio site que está sendo acessado, pois na nuvem estão situados os assuntos mais procurados e visitados; ela então pode vir a funcionar até como uma consulta pronta para os próximos navegadores. Segundo Nielsen e Loranger (2007, p.258),

A *web* é um meio direcionado aos usuários, em que estes adotam estratégias de busca de informações para economizar tempo. Eles não tendem a buscar informações de uma maneira linear. Em vez disso, contam com pistas visuais que fornecem uma indicação mais forte (...).

Assim, quando o sujeito-navegador entra no site para saber as novidades, ele

pode visualizá-las através da nuvem de *tag* que fornece uma indicação visual bem interessante, ou seja, marca o nome que esteve e está em evidência. Anotamos que ao ser marcada uma palavra, há um apagamento de tantas outras que poderiam estar ali.

Uma outra forma de aglomeração de *tags* pode aparecer como uma lista de *tags* relacionadas a um assunto e/ou a algum arquivo; aqui já não se trata mais das *tags* populares e mais vistas do momento, porém de etiquetas que estão mais próximas, relacionadas a uma outra etiqueta. Na figura acima (21) no canto esquerdo é possível notar um campo descrito como “Tags relacionadas”. Dessa forma, quando os sujeitos navegadores indexavam suas imagens juntamente com a *tag* “old” eles utilizavam-se de outras etiquetas, como “car”, “vintage”, “building”, “city”, entre outras. As *tags* em destaque, com a cor mais forte, são as que foram mais utilizadas, relacionadas com a *tag* “old”. Cabe ressaltar que, se realizarmos esse mesmo processo de busca nos próximos dias, ou até horas, as *tags* em evidência na nuvem podem vir a ser outras, como também as *tags* que estão relacionadas a “old”.

Inferimos que os “*Trending Topics*” no Twitter tem o funcionamento próximo a nuvem de *tag*, porém o seu formato não se configura a partir de uma nuvem, mas sim a partir de uma lista, como é possível visualizar na figura 18 desse trabalho. Esse espaço é formado pelos assuntos que estão em destaque no Twitter no momento, seja como *hashtags*, frases e palavras. Dessa forma, nos TTs não existem somente *hashtags*, porém o seu funcionamento se baseia enquanto aglutinador de dizeres que estão espalhados em outros cantos do Twitter. Assim, gostaríamos de sinalizar que tanto a nuvem de *tag*, e os *Trending Topics* do Twitter funcionam sob a metáfora de uma nuvem (MOREIRA; ROMÃO, 2009) que condensa gotículas de água que antes estavam em outros lugares. Assim, acrescentamos que é somente por meio desse processo de reunião de dizeres que ela se constitui, a partir da água que antes era rio, lago e do mar. A nuvem se forma a partir do que é fluido, líquido, ela também não tem rigidez de ficar estática, em um lugar apenas, tampouco na mesma posição e com o mesmo formato sempre: é movente e errática (MOREIRA; ROMÃO, 2009). Da mesma maneira, a nuvem de *tag*, como os TTs, são marcas do que se constitui no discurso a partir do outro, do já falado antes em outro lugar e só é possível de ser acessada devido ao caráter hipertextual da web, feita dos incontáveis nós que vão se interligando.

Aproveitando uma metáfora que já apresentamos anteriormente de maneira resumida, nosso gesto de leitura sinaliza que a nuvem de *tag*

funciona ao modo de uma nuvem de gotículas de água: primeiro, promovendo a condensação dos dizeres que estão dispersos em vários outros arquivos, retendo as tags predominantes do sistema, segundo, a nuvem de tag inscreve efeitos de espalhamento de sentidos (e silêncios) sobre a página digital e, ao modo de uma chuva irradiadora, provoca o respingo em muitos outros arquivos, de modo inimaginável (MOREIRA; ROMÃO, 2009, p. 18).

Inferimos que esse processo só é permitido pela topologia labiríntica da web, composta por uma superfície aberta, porosa e composta pelos fios, redes e tecelagens dos sujeitos-navegadores em permanente movimento, e que por tudo isso, permite desdobramentos.

4.5 Taxonomia x Folksonomia: modos de organizar o grande arquivo da/na rede

Então, como foi possível observar, o processo da folksonomia difere-se do processo de construção de uma taxonomia. O quadro abaixo traz comparações referentes aos dois processos.

Comparison of taxonomy and folksonomy.

Feature	Taxonomy	Folksonomy
Structure	Hierarchical	Flat
Vocabulary	Controlled	Inclusive
Evolve based on interests	No	Yes
Facet of description	Single	Multiple
Scalability	Low	High
Information need description	Accurate	Vague

Figura 22: Comparação entre a taxonomia e folksonomia. (HSIEH, et al., 2009)

A taxonomia possui como característica a estrutura hierárquica, dotada de um vocabulário controlado e não possui seu desenvolvimento baseado nos interesses específicos dos sujeitos. Em oposição, a folksonomia não apresenta uma estruturação hierárquica, seu vocabulário é livre e seu desenvolvimento é baseado nos interesses específicos dos sujeitos, pois são os mesmos que realizam todo o processo. Isso é considerado um ponto positivo para alguns teóricos, visto que: “The ability to create tags that hold personal meaning is important to Internet users. We are probably more likely to remember our own tags for searching than terms belonging to a predetermined

system. (NEAL, 2007, p.9)”.⁴⁶ A taxonomia possui uma única faceta na descrição, devido seu caráter hierárquico; por isso, a sua escalabilidade (capacidade de um sistema lidar com o crescimento no volume de tarefas solicitadas num certo intervalo de tempo) é baixa, visto que não é retroalimentada todo o tempo. Conforme Pêcheux (1990, p. 68): “Com efeito, a análise documental supõe fundamentalmente que as classes de equivalência sejam definidas, a priori, pela própria norma institucional [...]”. Assim, pode-se afirmar que o processo de formulação das taxonomias é mais fechado, estanque, posto que eles devam ser definidos a priori de acordo com padrões estabelecidos, e qualquer mudança nas classes já definidas leva a um longo processo novamente. Já a folksonomia possui formas de facetas múltiplas de descrição, por ser realizada de forma livre; assim, a escalabilidade da folksonomia é alta, pois o processo está sendo sempre retroalimentado pelos usuários em tempo real. Para Lévy (2004, p. 119): “a exigência de reorganização em tempo real visa também os agenciamentos cognitivos pessoais”.

A descrição das facetas (denominados informações pela área da CI) na taxonomia é realizada de forma mais precisa, tentando fazer um delineamento e um cerceamento dos sentidos que estariam contidos em um documento. Ressaltamos que esse processo intenta regular as (denominadas) falhas da linguagem, funcionando como “uma espécie de coerência, ilusão necessária para que o processo funcione” (MITTMANN, 2008, p. 118). Na folksonomia, ocorre ao contrário a forma de descrição das facetas, assim ela é tida como vaga, por justamente não ter uma preocupação em estabelecer uma normatização do vocabulário e nem em conter os sentidos dos documentos, de acordo com Makani e Spiteri (2010, p. 75) no processo da folksonomia: “There is also no control of polysemy, that is, words with multiple related meanings, and synonymy, multiple words with the same or similar meanings”⁴⁷. Isso porque a folksonomia visa contemplar os movimentos do sujeito na web, sua inscrição através dos dizeres, nas etiquetas, nos arquivos, de acordo com a sua posição e o que a memória discursiva lhe permite acessar.

Colocamos que tanto no processo da folksonomia como no processo de classificação pela taxonomia, há essa ilusão de controle dos sentidos; porém, na

⁴⁶ “A habilidade de criar tags que contemplem significados pessoais é importante para os usuários da Internet. Nós estamos propensos a lembrar de nossas próprias tags para busca do que termos pertencentes a um sistema pré-determinado” (tradução nossa).

⁴⁷ Não há também nenhum controle da polissemia, nas palavras com múltiplos significados relacionados, sinonímia, e nas diversas palavras com o mesmo ou significados similares (tradução nossa).

folksonomia não há uma metodologia a ser seguida, como no processo da análise documentária nos sistemas de classificação das taxonomias. Pode-se dizer que os processos de folksonomia e taxonomia são paradigmáticos em suas características e metodologias, e imprimem modos antagônicos de definir os caminhos para a descrição e o arquivamento dos dizeres e das informações; enfim, ambos mostram-se como caminhos possíveis para organizar os recursos na rede.

5. Delicious: arquivos guardados de outro modo

Figura 23: Home do site Delicious⁴⁸

A folksonomia é um dos recursos para que o internauta sinta-se à vontade para se situar, organizar seus arquivos de interesse e investir atenção sobre os efeitos disponibilizados por outros sujeitos. De acordo com Moreira González et al. (2007, p.8),

Las folksonomías muestran mucho interés para mejorar la navegación y recuperación de todo tipo de materiales. Ejemplos de folksonomías se pueden ver en las etiquetas para blogs en *Technorati*, *Delicio.us social bookmarks*, para etiquetar sitios Web, o *Flickr* para fotografías⁴⁹.

⁴⁸ Fonte: <http://delicious.com/>

⁴⁹ As folksonomias mostram muito interesse para melhorar a navegação e recuperação de todos os tipos de materiais. Exemplos de folksonomias que podem ser vistos, são as etiquetas em blogs como os da Technorati, Bookmarking Delicious para etiquetar sites da web, e o Flickr para fotografias (tradução nossa).

O termo folksonomia tornou-se conhecido por meio do site de social *bookmarking* Delicious e o site de fotos Flickr. Na época em que foram lançados os referidos websites, os internautas ficaram instigados sobre a estratégia de organização inovadora que o Delicious e o Flickr adotavam; então, a partir das ferramentas da Web 2.0 e sua arquitetura participativa, o termo folksonomia passou a ser disseminado na rede.

O Delicious foi desenvolvido a partir de necessidades pessoais de seu criador, Joshua Schachter, que possuía cerca de 20.000 links guardados num arquivo de texto organizados sistematicamente através de etiquetas (*tags*), quando ele queria alguma informação que constava em seus arquivos, era possível somente recuperar os links. A ideia foi crescendo e tomando dimensões até que Schachter construiu um website chamado Muxway para compartilhar seus links com amigos e abriu o site para que seus amigos também pudessem compartilhar seus próprios links. No ano de 2003, Schachter, satisfeito com os resultados do Muxway, lança o site Delicious, definido como um serviço de social *bookmarking* de armazenamento de links favoritos. Segundo Lomas (2005) apud Coutinho (2008),

[...] o social bookmarking acrescenta uma enorme mais-valia ao processo de recolha e categorização da informação, uma vez que permite também a partilha e seleção dos recursos entre uma rede de utilizadores, modificando por completo a forma como se processa a interação entre utilizadores da web, e entre estes e os recursos informativos.

O Delicious permite que o sujeito-navegador armazene e acesse seus links favoritos, como a ferramenta “favoritos” do *Internet Explorer*, mas existem algumas diferenças que modificam não apenas o modo de organização dos dizeres, mas também o modo de constituição e circulação dos mesmos, visto que o sujeito passa a ter uma outra relação com as palavras, como veremos a seguir. Através desse social *bookmarking*, o sujeito-navegador pode acessar seus links favoritos de qualquer computador, desde que o mesmo esteja conectado à rede, bem como ter acesso aos links favoritos armazenados por outros sujeitos-navegadores do sistema, que possibilita que o sujeito-navegador verifique quais outros internautas também utilizaram o mesmo link como favorito. A organização desses favoritos é feita a partir das *tags* criadas pelo sujeito-navegador, por meio da folksonomia. Segundo Schachter, (2008):

Delicious is a Social Bookmarking service, which means you can save all your bookmarks online, share them with other people, and see what other people are bookmarking. It also means that we can show you the most popular bookmarks being saved right now across many areas of interest. In addition, our search and tagging tools help you keep track of your entire bookmark collection and find tasty new bookmarks from people like you.⁵⁰

Assim posto, o Delicious é um sistema gratuito de armazenamento de sites favoritos que permite ao sujeito-navegador cadastrar-se e criar uma conta. A partir daí, ele pode armazenar links de seu interesse e criar *tags* que nomeiam e inscrevem sentidos aos links escolhidos. Não há limite para o número de *tags* e isso vai depender de quantas etiquetas o sujeito-navegador julgar necessários para descrever, designar, nomear ou situar o (seu) link favorito. Os leitores do sistema podem possuir os mesmos links em seus favoritos, mas não necessariamente nomeando-os do mesmo modo, o que implica dizer que uma mesma página eletrônica pode ser discursivizada de diferentes modos, ou seja, o mesmo arquivo digitalizado pode receber diferentes nomes. O sujeito-navegador pode clicar na *tag* de outro leitor do sistema e ver se ele utilizou o mesmo nome para descrever os links no seu favorito, ou se o fez com outras palavras.

Ocorre, então, que os mesmos arquivos eletrônicos passam a circular nomeados de diferentes (ou iguais) modos, que permite ao leitor atribuir uma *tag* a um site e ver essa mesma *tag* na lista ao lado direito de seus próprios favoritos. Caso o sujeito-navegador queira (re)utilizar essa *tag* para descrever o conteúdo de outro site dentro de seu próprio favoritos, ele poderá fazê-lo. Existe uma opção no Delicious, na qual o sujeito-navegador pode criar suas *tags* e ter acesso aos seus links favoritos sem que eles sejam expostos e vistos por outros sujeitos que se inscrevem no sistema; isso nos permite inferir que há muitos arquivos no Arquivo (ROMÃO, 2012).

Considerando o pressuposto de que o Arquivo seria a grande rede eletrônica, e os arquivos seriam aqueles que estão inseridos dentro dessa rede, e que acabam por compor o grande Arquivo, inferimos que o Delicious seria então uma parte minúscula, um contorno imaginariamente traçado de uma divisória em uma gaveta, em uma enorme

⁵⁰ “Delicious é um serviço de Social Bookmarking, o que significa que você pode salvar seus marcadores online, compartilhá-los com outras pessoas, e ver o que as outras pessoas estão marcando. Isso também significa que nós podemos mostrar a vocês o marcador mais popular, que vem sendo salvo agora nesse momento, em várias áreas de interesse. Complementando, nosso sistema de pesquisa e ferramentas de etiquetagem, ajuda você a guardar sua trajetória na coleção de marcadores e a achar novos marcadores de pessoas como você” (tradução nossa).

prateleira que contém outras milhares de gavetas. Acrescentamos que essa prateleira não é fixa, não tem um desenho milimetricamente traçado, gavetas sistematicamente organizadas, sincronizadas e divididas, mesmo que o sujeito tenha essa ilusão de um contorno, de uma suposta organização nas gavetas, o que sempre existirá são fragmentos, arquivos móveis e líquidos que deslizam-se, e podem ser (des)feitos a todo momento pelo sujeito no momento da navegação.

[...] temos na rede eletrônica uma articulação imensa de arquivos em movimento, arquivos que podem ser inseridos, retirados, envelhecidos, deslocados, adulterados e modificados ao modo como o sujeito discursivo estabelece com eles uma relação de leitura e escritura. (ROMÃO; BENEDETTI, 2008, p.6.).

Colocamos que o Delicious tem como intuito o compartilhamento de arquivos, de textos de diferentes materialidades. Esse lugar discursivo permite que o sujeito possa realizar pesquisas, capturar links de seu interesse, dizer a outros por meio dos seus próprios favoritos, instalar(-se) na rede eletrônica um ambiente em que várias vozes entrecruzam-se de modo heterogêneo. No Delicious, o sujeito navegador tem a impressão de estar percorrendo a sua subrede privada (LÉVY, 2004) e não a grande malha digital, o que cria um efeito de familiaridade com um caminho tido como conhecido dentro da Internet, tão imensa quanto inalcançável. É como se ele criasse um mapa pessoal com as suas próprias coordenadas ao navegar na rede, marcando, com as *tags*, seus pontos de parada e produzindo um efeito de caminho conhecido e seguro para as suas rotas online. Ou o desenho de uma divisória de uma gaveta, traçado por ele, para percorrer seus dedos e encontrar seus arquivos “favoritos” que foram selecionados. Temos, então, no site Delicious, um sentido de ordenamento discursivo marcado pelos movimentos dos sujeitos, o que para nós é bastante significativo, já que, como vimos antes, sentidos e sujeitos movimentam-se ao sabor das redes de memória.

Nesse capítulo, tivemos o intuito de apresentar noções que sustentam a folksonomia, seus princípios e mecanismos a partir da voz do sujeito-internauta. Como também os efeitos de arquivo condizentes com essa outra forma de ler, organizar e nomear os dados na rede digital. Segundo Nunes (p.374, 2007): “os efeitos de arquivo se produzem por meio de diversos mecanismos linguísticos, que servem de base para os processos discursivos”, assim como a inscrição histórica que sustenta a produção de sentidos sobre os arquivos. A partir de agora, damos início à discussão sobre a composição do corpus de análise e as análises discursivas de dados.

5. UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A FOLKSONOMIA: O(S) OUTRO(S) E(M) REDE

Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção.

Marshall McLuhan

Nesse capítulo, realizamos as análises discursivas do nosso trabalho, as quais são tecidas a partir das *tags* criadas pelos sujeitos-navegadores por meio do processo da folksonomia na rede eletrônica. Partimos do pressuposto de que essas *tags* instauram diversos efeitos de sentidos sobre os dizeres que circulam na rede, posto que os sentidos das palavras estão sempre em movimento, deslizando-se de um link para outro. Ao investigar esses movimentos que se materializam na rede a partir do processo da folksonomia com as *tags*, pensamos a respeito da multiplicidade, as aberturas, as rupturas de sentido, como também nos efeitos de literalidade e singularidade, o que, no entanto, não se configura a partir dos efeitos de vontade do sujeito, mas sim, a partir de um modo único com que a ideologia o afeta.

Nosso objetivo é refletir sobre a produção dos efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito, considerando que tais efeitos podem ser observados nas *tags*, enquanto objeto discursivo.

E, por nosso objeto de análise ser um objeto teórico, é preciso ressaltar que a teorização determina o procedimento metodológico, e ambos levam à constituição do corpus, o que significa dizer que o corpus não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar. (MITTMANN, 2008, p. 1).

Dessa forma, ilustramos a forma como nosso objeto foi constituído, a partir desse gesto reflexivo teórico-metodológico promovido pela AD. Ao entrarmos nesse grande labirinto que é a rede, buscamos websites que utilizam-se da folksonomia para organizar suas informações, seus arquivos, imagens, vídeos, como também na seleção da *tag* a ser analisada. Nesse percurso, trilhamos por diversos links, e posicionando-nos como analistas do discurso, partimos de uma leitura a fim de teorizar e interpretar o nosso objeto sob a perspectiva do discurso, adotando o texto não como uma sequência linguística fechada sobre si mesma; mas sim o considerando como um “*conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1990, p. 79). Pois, sabemos que o que existem são efeitos de sentidos, posicionamentos, modos de se interpretar, como também produtos de discursos. Dessa forma, a interpretação sempre é passível de outras interpretações, como também de falhas e equívocos, pois sabemos que não há ‘verdade’ absoluta, um sentido literal, mas sim, muitas e diferentes definições, modos de se dizer e nomear. Assim, não estamos em busca de uma ‘verdade’, de um sentido uno, posto que ela nem poderia ser considerada como objetivo de nossa análise. Como analistas do discurso, nos

posicionamos nesse difícil lugar, que nos coloca sempre em uma contradição, pois somos sempre afetados pelo ideológico e pelo inconsciente, não somos isentos dessa condição, e isso nos coloca:

[...] na ilusão necessária, na denegação, como se ambos estivessem fora de nós, analistas, e presentes apenas no outro, o analisado. Ou seja, estarmos não conscientes é a condição para estarmos cientes. Nosso paradoxo. Tão mais simples seria nosso trabalho se negássemos nossa condição subjetiva. Tão menos desafiador. Quantos sobressaltos deixaríamos de sofrer. Quantas descobertas deixaríamos de fazer... (MITTMANN, 2005, p.1)

Com isso, entramos nesse desafio, a fim de teorizar e analisar o nosso objeto, nos aprofundamos sobre alguns aspectos discursivos que julgamos serem pertinentes à análise realizada. Tomamos o nosso objeto como sequências linguísticas abertas, porosas, tecidas por entre os nós e os furos, que são constituintes tanto do sujeito como da linguagem.

5. 1 Sobre o corpus da pesquisa

Nosso trabalho se desenvolve a partir do corpus constituído de materiais discursivos retirados de fontes documentais primárias e secundárias; sob uma investigação preliminar (MARCONI, LAKATOS, 2005) – de caráter exploratório - relativos a dois tipos de situação de produção das *tags* pelo processo da folksonomia:

1. Coleta de *tags* (*hashtags*) no sistema de *microblogging* Twitter a partir da inscrição do sujeito-navegador nos *tweets*, e dos arquivos das páginas ligadas aos links que foram inseridos nos *tweets* pelos sujeitos;
2. Coleta de *tags* no sistema de favoritos on-line, o *bookmarking* Delicious, e das entradas discursivas que acompanham as *tags*, como também das páginas ligadas aos links que foram indexados/classificados pelos sujeitos;

Em trabalho anterior⁵¹, analisamos o sistema de *bookmarking* Delicious e o álbum de imagens Flickr, e nesse segundo momento, para a dissertação de mestrado, buscamos, em princípio, listar websites que utilizassem sistemas de *tags*, dentre eles apareceram diversos blogs, *microbloggings*, como o Twitter, sistemas de armazenamento de artigos científicos, como o CiteUlike⁵², Connotea⁵³; além dos sistemas que já tínhamos analisado em situações anteriores. Assim, optamos em utilizar o *Twitter*, dada a sua popularidade na rede e o grande fluxo de informações e arquivos que circulam nesse ambiente; e o sistema de favoritos on-line Delicious, pelo seu pioneirismo em utilizar a folksonomia como forma de organização dos dizeres e links na rede.

Para constituir o corpus desse trabalho, foi feito um arquivo, que foi sendo construído a partir dos *print screen* das páginas do Twitter e do Delicious, em vários períodos ao longo dia, que compreenderam os dias: 31 de janeiro de 2011 ao dia 13 de fevereiro de 2011. Retomamos a definição que Pêcheux (1994) chamou de arquivo⁵⁴ como já citamos anteriormente nesse trabalho, nos prendendo particularmente pelo significativo “pertinente”, posto que tal palavra nos remete a região de sentidos sobre algo tido como apropriado e que vêm a propósito a uma determinada situação, e ou lugar. O que relacionamos com o conceito de FD, do que pode ser falado em um determinado lugar, no caso aqui, o que pode ser armazenado (*tweets*, links, notícias) em nosso arquivo. Dessa forma, o “campo de documentos” que foi reunido a partir dos websites citados, passou por um processo de seleção que delimitou o que era pertinente, ou não, estar lá; no caso, os *tweets* e os marcadores do Delicious que não continham a *tag* Egito não compuseram nosso arquivo de análise. Após o arquivo construído, foi realizado um gesto metódico de leitura, a fim de ir re-construindo um arquivo menor, descartando *tweets* faltando letras, e links que estavam incompletos em ambos os sistemas investigados.

Consideramos que é pela materialidade discursiva que o arquivo vai se (trans)formando, assim ele nunca será completo, os nós e os furos no arquivo sempre

⁵¹ Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Graduação em Ciências da Informação e Documentação FFCLRP/USP, intitulado “Movimentos do sujeito na rede eletrônica: uma análise discursiva sobre a folksonomia” de 2009.

⁵² <http://www.citeulike.org/>

⁵³ <http://www.connotea.org/>

⁵⁴ “‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’” (PÊCHEUX, [1982] 1994, p.57).

estarão presentes (ROMÃO, GALLI, PATTI, 2010). Por isso, começamos a construir nosso arquivo, levando em conta essa falta, o de não poder se dizer, guardar e ter tudo, principalmente no âmbito da rede eletrônica.

5.1.1 O caso do Egito: escolhendo ou escolhido por uma tag

A *tag* “Egito” nos interessou especialmente porque em janeiro de 2011, quando estávamos a pensar na composição do corpus desse trabalho, teve início no Egito grandes manifestações a fim de exigir reformas políticas no país. Considerando que o nosso objeto de análise não é constituído a partir de textos, mas sim de discursos, faz-se necessário aqui remeter essa materialidade ao seu contexto sócio-histórico e ideológico. Assim é importante considerar os acontecimentos ocorridos no Egito no ano de 2011, para explicitar a “escolha” da *tag*.

Os protestos no Egito tiveram início no dia 25 de janeiro de 2011, na Praça de Tahir no Cairo. O protesto intitulado pelos internautas do Egito como o “Dia da revolta” teve a participação em massa da população egípcia, que foi às ruas mostrar a insatisfação contra o governo do presidente Hosni Mubarak, que estava no poder há três décadas. As manifestações tiveram como objetivos principais: suspender a lei de emergência que vigora permanentemente no país (e que viola liberdades civis), forçar a saída do ministro do interior e impor um limite temporal ao mandato presidencial, com vistas a por um fim ao governo do presidente Mubarak. As manifestações no Egito foram desencadeadas, também, pelos acontecimentos que ocorreram na Tunísia, na qual uma onda de protestos levou à renúncia do presidente Zine El Abidine Ben Ali, no dia 14 de janeiro 2011.

A mobilização da população estava sendo inicialmente realizada pela Internet, nos primeiros dias de protestos foram circuladas as datas e o local das manifestações em páginas sociais da rede, e cerca de 87 mil pessoas anunciaram numa página da rede social, o Facebook⁵⁵, a participação no dia 25/01/2011. Os organizadores também vinham utilizando o Twitter para organizar e difundir as manifestações, mas os serviços dessas redes sociais foram bloqueados pelas autoridades logo no início dos protestos. E no dia 28, três dias depois do início dos protestos, os provedores de acesso a Internet pela população foram bloqueados também, na tentativa de impedir a organização de

⁵⁵ <http://www.facebook.com/>

novos protestos pelo Egito. Os ativistas também utilizaram as redes sociais na web como forma de divulgar vídeos e fotos e relatar situações enfrentadas pela população. Os protestos seguiram até a queda do governo de Mubarak, em 11 de fevereiro de 2011.

Escolhemos, então, a *tag* “Egito” devido a sua grande circulação na web, e por configurar-se como um grande acontecimento histórico, marcado por uma atmosfera de luta pela liberdade sob efeitos de uma luta organizada em rede, o que julgamos extremamente envolvente e empolgante, capaz de produzir diversos efeitos de sentido, tanto nas *tags* sobre os arquivos e dizeres nas malhas do digital, quanto no discurso midiático e histórico.

O recorte foi realizado após o gesto metódico de (re)leitura aos arquivos selecionados a partir do Twitter e do Delicious, o ir e vir, entre os links, e ao referencial teórico que sustenta esse trabalho, que nos levou ao recorte final para costurarmos e tecermos as análises.

E é a possibilidade do novo que nos faz perceber que o percurso metodológico não é linear. Não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das seqüências discursivas que formam nosso corpus discursivo. As passagens somente se dão pelo retorno constante à teoria e, por vezes, pelo deslocamento/surgimento de sentidos, de noções, de percursos... (MITTMANN, 2008, p. 2)

Assim, realizamos a seleção dos *bookmarkings*, que continham a *tag* “Egito” no Delicious, como também nos *tweets* que continham a referida *tag* “#Egito”, recortes que foram analisados nos próximos itens.

5.2. Análise discursiva: atualizações e re-significações no Twitter

Os materiais correspondentes ao *microblogging* Twitter foram obtidos através do sistema de busca dentro do site, no qual foi inserido o símbolo # seguido da palavra “Egito”, que se configura como uma *tag* (*hashtag*) dentro do sistema de *microblogging* em questão. Os dados referentes à situação de produção citada foram coletados nos dias 31 de janeiro a 13 de fevereiro de 2011, a partir de visitas diárias realizadas ao website do Twitter. Devido à rápida atualização do sistema, não conseguimos recuperar os arquivos referentes a um certo período (como de janeiro a fevereiro como foi realizado no Delicious).

As *hashtags* relacionadas aos conflitos no país árabe ganharam destaque entre

as mais citadas nos *Trendings Topics* (TTs) do Twitter no mundo. Através dos gráficos abaixo⁵⁶, é possível visualizar o alto fluxo de informações sobre o Egito circulados no Twitter, como também por onde os internautas egípcios navegaram na rede, antes do bloqueio à Internet ocorrido no país:

Figura 24: Gráficos que indicam o fluxo de informações sobre/no Egito

Observamos que as redes sociais configuradas como um espaço de fluxo intenso de dizeres calcado pelo cenário da convergência das mídias, foram os lugares nos quais os internautas mais navegaram um dia antes do bloqueio a rede de Internet, que começou no dia 27 de janeiro. O Twitter aparece, aqui, como um espaço discursivo, no qual o sujeito-navegador inscreve dizeres sobre o social e o político. O número de *tweets* com a *hashtag* #Egypt foi utilizado cerca de 50 mil vezes no sistema pelos sujeitos-navegadores, como também outras *tags* relacionadas ao assunto, como ilustra a figura abaixo⁵⁷:

⁵⁶ Fonte: Sysomos e Zscaler. Retirado do endereço - <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2011/02/02/cresce-numero-de-tweets-sobre-egito-populacao-pesquisa-como-burlar-bloqueio-da-web.jhtm>

⁵⁷ Fonte: Sysomos. <http://blog.sysomos.com/2011/01/31/egyptian-crisis-twitte/>

ao seu arquivo. A forma como o sujeito mobilizou as *tags* em questão mostram possibilidades de indexar o *tweet*, deixando em evidência a palavra “Egito” e o site de notícias “G1”, como forma de organizar o *tweet*, fornecendo aos outros navegadores duas possibilidades de acesso ao arquivo por meio das *hashtags*.

O #Egito, evoca aqui sentidos sobre os acontecimentos ocorridos no país, mais especificamente sobre o acesso a Internet no Egito. Assim, nesse primeiro momento, as manifestações políticas contra o governo de Mubarak são silenciadas; pois, devido ao encurtamento da língua, grande parte das notícias jornalísticas veiculadas no Twitter são dispostas somente pela sua entrada discursiva, essa entrada que acompanha um link, que exerce a função de mostrar a trilha ao sujeito, como o fio de Ariadne dentro do labirinto de Dédalo. Nesse movimento incessante e fugaz promovido na/pela rede, existem os fios de memória que sustentam e atravessam todo dizer e que são constitutivos da linguagem e do sujeito. Porém, os navegadores que possuem acesso aos discursos que circularam sobre a situação no Egito romperam com silenciamento que permeava os links, sobre a situação política do país. Conforme Orlandi, (2008, p. 1): “O silenciamento deixa seus vestígios e o real dessa história lateja no jogo das versões. Presença-ausente”. Ou seja, sempre há possibilidades de outros sentidos irromperem, os que estão além dos links, das palavras e que são latentes no que não foi dito.

Último provedor cai, e Egito fica sem internet, diz site de monitoramento

Queda foi relatada no Twitter e confirmada pela empresa Renesys.
País enfrenta sétimo dia de protestos contra o governo Mubarak.

Figura 26: Manchete retirada do website do G1⁵⁸ sobre a queda do provedor de Internet no Egito

No dizer: “Último provedor cai, e Egito fica sem Internet”, que aparece logo na entrada discursiva sobre a matéria, o verbo cair, que pode evocar diversos sentidos, o mais recorrente é da rede de Internet estar muito carregada com os diversos acessos e não suportar, e cair interrompendo a conexão com os provedores. Porém, outros sentidos podem vir a surgir, como o de ser atacado de algum mal súbito e cair, como também de ser aprisionado, como se tivesse caído numa armadilha, ou cair em mãos

⁵⁸ Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/ultimo-provedor-cai-e-egito-fica-sem-Internet-diz-site-de-monitoramento.html>

inimigas. Tais sentidos podem ser atualizados para o contexto do Egito, no qual o “país enfrenta sétimo dia de protestos contra o governo Mubarak”, e assim, quem teria interesse em atacar e derrubar a Internet, que é tratada como todos nós, seria o Governo Mubarak, que estava na posição de detentor do poder, e que poderia romper com os nós da malha do digital no Egito, mas não com os nós que formaram grandes correntes da Praça de Tahir no Cairo, local onde se concentrou a população egípcia nos dias de protestos. Para legitimar a notícia sobre a ‘queda da Internet’, que já tinha sido relatada pelo Twitter, foi acrescentado o dizer de uma empresa americana de monitoramento dos fluxos da rede, a Renesys.

betooliveira: RT @luparhan: Google dribla bloqueio à rede no **#Egito** e cria acesso ao Twitter via fone <http://t.co/quXAF4T> on Jan. 31 at 09:20 p.m.

O segundo *tweet* foi circulado a partir de um RT, no qual o sujeito-navegador repassou a mensagem de outro navegador, afirmando a heterogeneidade da rede. Nesse *tweet* aparece também um link, a partir da entrada discursiva da notícia, como também a *tag* #Egito, para se referir aos acontecimentos sócio-políticos no país. Observamos que, mesmo em se tratando de uma notícia retirada do website do G1, não aparece a *tag* do site, como no *tweet* anterior. Dessa forma, a única entrada permitida pelos navegadores ao *tweet* em questão pelo sistema de *tag*, é a #Egito.

Nesse *tweet*, a questão do acesso a rede no Egito é descrita como bloqueada. E o poderoso da web Google driblou o bloqueio a rede, marcando que não é qualquer um que consegue driblar e ter sucesso nesse movimento. Os sentidos instalados pelo significante drible nos remete à região da memória sobre os sentidos do vocábulo usado no contexto do futebol, onde o jogador desvia-se do oponente, enganando-o, tomando outro caminho, caminho no qual o Google criou formas de acesso ao Twitter aos navegadores a partir do telefone. Marcamos aqui, a convergência midiática tecnológica, que une a Internet ao telefone, como formas do sujeito enunciar, discursivizar sobre as situações atravessadas nesses dias de manifestações no Egito. Ao clicarmos no link, tivemos acesso ao arquivo discursivo sobre a notícia:

31/01/2011 21h12 - Atualizado em 31/01/2011 21h26

Google dribla bloqueio à rede no Egito e cria acesso ao Twitter via fone

Mensagem deixada por voz será gravada e enviada para microblog.
Serviço foi criado após internet do país ser desconectada.

Altieres Rohr
Especial para o G1

imprimir

SayNow

Message

Voice Message from Voice of Egypt

01/31/11 02:53 PM, 00:02

Serviço grava mensagens e posta links no Twitter com a hashtag #Egypt. (Foto: Reprodução)

O Google anunciou nesta segunda-feira (31) a criação do serviço **@speak2tweet** ("fale para tuitar"), integrado à rede de microblog Twitter. O programa grava mensagens deixadas na caixa postal de um telefone internacional e posta o conteúdo no Twitter usando a hashtag "#egypt", junto a um link para o arquivo de áudio.

O speak2tweet foi criado a partir de uma cooperação com os engenheiros do Google e da SayNow, uma empresa que integra serviços de voz e redes sociais que a gigante de buscas

adquiriu na semana passada.

Figura 27: Manchete retirada do website do G1⁵⁹ sobre o acesso ao twitter via fone

Nessa notícia, pelo efeito ideológico, a palavra “desconectado” parece agir como sinônimo de “bloqueado”, para se referir ao serviço de Internet. Porém, o significante “desconectado” é uma forma “mais branda” para enunciar a situação da Internet no país, pois quando algo é desconectado, deixa simplesmente de estar conectado, ou seja, desligado; enquanto o significante “bloqueado” emerge sentidos sobre utilizar o poder e ou força para impedir algo, como bloquear o território inimigo. Dessa forma, na entrada discursiva da notícia, o significante “bloqueado” funciona discursivamente de modo o produzir efeitos de chamamento ao leitor. O enunciado traz informações sobre as formas de acesso criadas pelo Google, para que os internautas egípcios pudessem relatar os últimos acontecimentos no país pelo Twitter. Na tentativa de reunir os dizeres sobre o Egito nessa nova forma de acesso, o internauta deveria utilizar a *hashtag* #egypt; visando dessa forma a criação de uma *tag* construída a partir do processo da folksonomia voltada ao coletivo, para que, assim, pudesse ser facilitada

⁵⁹ Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/01/google-dribla-bloqueio-rede-no-egito-e-cria-acesso-ao-twitter-fone.html>

tanto a organização, quanto o acesso a esses discursos. É também uma forma de normatizar as FDs referentes aos *tweets* que vierem a circular através dessa *tag*. Cabe ressaltar que esse sistema criado implica diferentes formações discursivas, que tem como intento aglutinar os dizeres e filiá-los a uma certa região da memória discursiva.

Sendo assim, colocamos que, ao falar de discurso (PÊCHEUX, 1990), devemos sempre considerar suas condições de produção, ou seja, a exterioridade que constitui a própria linguagem. Assim, o discurso não é isento de uma data, ele é marcado e datado sócio-historicamente, e isso nos faz considerar as formações sociais e os lugares sociais em que as palavras foram enunciadas. Aqui, no caso, seriam as manifestações ocorridas no Egito entre os dias 25 de janeiro de 2011 a 11 de fevereiro de 2011, quando a tensão e a luta pelo poder davam-se a ver de modo escancarado pelas manifestações populares em oposição ao regime ditatorial. Apontamos que as formações sociais que determinam as formações ideológicas marcam o que pode e deve ser dito por meio da *tag* #egypt. As condições de produção inscrevem, dentre todos os sentidos possíveis, uma palavra, algum ou alguns sentidos que seja(m) dominante(s) ou pareçam óbvios, em detrimento de outros. Dessa maneira, vários sentidos acabam sendo silenciados, pois nunca é possível dizer tudo, algo que nos leva a considerar a opacidade da linguagem.

Figura 28: Speak to Tweet – serviço de voz utilizado no Twitter para atender a população egípcia

No serviço de voz *Speak to Tweet*, há uma mensagem veiculada pelo próprio sistema que consta a *tag* #egypt e #jan25, como também o link que direciona os internautas à página onde está localizada a mensagem de voz. A *hashtag* #25jan utilizada juntamente com #egypt coloca em evidência as condições de produção do discurso em uma dada formação social, datada em 25 de janeiro, o dia que deu início as manifestações no Egito, na Praça de Tahir no Cairo, e que foi intitulado pelos

internautas como o “Dia da revolta”. Isso vem mostrar que história e língua são inseparáveis e imbricam-se na tessitura dos discursos.

Blue Bus: **#Egito** começa a devolver a Internet e pede para cidadãos irem pra casa.
on Feb 2 at 09:08 a.m

alinemuguet: **Egito** volta a acessar Internet após maior interrupção da história **#Egito #Internet** <http://t.co/CAdFgFe> via [@idgnow](#)
on Feb. 2 at 02:18 p.m.

As formulações acima carregam a *hashtag* #Egito, para indexar os dizeres em questão, porém colocamos que o primeiro *tweet* ‘Egito’ aparece como aquele que “devolve” a Internet, enquanto na segunda formulação é o ‘Egito’ que “volta a acessar a Internet”. Dessa forma, o ‘Egito’ abordado pelos *tweets* são de ordens diferentes. Quanto um evoca sentidos sobre o Governo, o outro remete aos sentidos de população, dos cidadãos egípcios. Mesmo então que a *hashtag* #Egito esteja sendo utilizada para organizar e classificar os dizeres relacionados aos acontecimentos no país, não significa que elas sejam homogêneas, e tenham sempre o mesmo sentido, pois sabemos pela AD que isso não é possível. No segundo *tweet*, aparece um link, que nós acessamos para adentrar ao arquivo:

Figura 29: Notícia veiculada pela IDG News Service na página da UOL, sobre a volta do acesso à Internet no Egito⁶⁰

⁶⁰ Fonte: <http://idgnow.uol.com.br/Internet/2011/02/02/egito-volta-a-acessar-Internet-apos-maior-interrupcao-da-historia/>

Os sujeitos-navegadores quando retomaram o acesso à Internet voltaram a circular através das redes sociais, como o que ocorria antes do bloqueio. Assim, eles aproveitaram para registrar seus dizeres e imagens, inscrevendo-se discursivamente na rede.

Jacqueline Lafloufa: As placas de protesto mais criativas em apoio ao #Egito, veja aqui algumas <http://bbus.biz/t/101488/> on Feb 2 at 10:41 a.m.

No *tweet* acima, o sujeito-navegador insere a *tag* #Egito para enunciar as placas de protesto feitas pelos manifestantes em apoio ao país. Através do link⁶¹ que acompanha a mensagem, tivemos acesso a essas figuras, que foram placas instaladas no urbano pelos manifestantes e deslocadas para a rede eletrônica por meio de fotografias.

Figura 30: Placa em protesto ao ex-presidente do Egito Hosni Mubarak

⁶¹ Fonte:

http://www.bluebus.com.br/show/1/101488/as_placas_de_protesto_mais_criativas_em_apoio_ao_egito_veja_aqui_alguma

Figura 31: Placa sobre o Twitter tirada entre os manifestantes

Figura 32: Placa de ícones relacionados á Internet

Essas imagens apresentam marcas do funcionamento da memória discursiva do computador e da rede, que se deslizaram do eletrônico para o urbano (ORLANDI, 2009), gerando efeitos de sentidos sobre a resistência política, e a inscrição da luta contra o governo de Mubarak a partir dos símbolos das redes sociais e ícones de comandos do computador. Sobre isso, Orlandi (2001, p. 44) sinaliza que “a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos, mas porque pratica sentidos, ação simbólica que intervém no real”.

Assim, as placas instalam atos de linguagem por meio de símbolos e ícones que nos remetem à historicidade dos sentidos sobre os acontecimentos no Egito, em geral, e, em particular, sobre o início das manifestações; como também a interrupção do acesso às redes sociais à priori (como o Facebook e o Twitter), e depois o bloqueio ao acesso de toda a Internet como efeito de medo do poder linha dura do Estado. A web por meio do seu caráter colaborativo, calcado pelo cenário das convergências midiáticas fez com que a revolução no Egito tivesse grande repercussão e participação dos sujeitos, de acordo com Jenkins (2009, p. 386): “Essas mudanças colocam recursos para o ativismo e a crítica social nas mãos de cidadãos comuns, recursos que já foram de domínio exclusivo dos candidatos, dos partidos e dos meios de comunicação em massa”. Isso fez com que os impactos dessa revolução fossem marcantes na história. Pode-se notar que mesmo após o corte da Internet no país, os símbolos das redes sociais, os ícones do computador, estavam ainda presentes através das placas, que foram tomando as ruas e as praças do país, entre o que está on-line e off-line, assim o dentro e o fora que constituem os discursos “é possível a partir das dobra-duras, que promovem o retorno do já-dito por meio de “nós”” (GALLI, 2012, p.15). Esses “nós” a fim de garantir os fios que comportam a rede e retornam a memória.

Assim, sustentados através dos fios da memória temos os efeitos de luta, de protesto e insatisfação de um povo, através das marcas trazidas placas,

[...] que lhes permite expressar o ceticismo em relação à “política de sempre”, a escapar da linguagem excludente por meio da qual são conduzidas as discussões sobre política pública e a encontrar uma linguagem comum de imagens emprestadas que mobilizam o que eles conhecem como consumidores, para refletir sobre o processo político (JENKINS, 2009, p. 368-369).

Esse sujeito consumidor das mídias e da informação é o sujeito afetado pela língua e pela ideologia, e que resulta no processo da “forma histórica do sujeito capitalista” sustentado pelo jurídico (ORLANDI, 2009), que ao ser individualizado pelo Estado por meio das instituições (ORLANDI, 2009), torna-se um sujeito ao mesmo tempo livre e responsável. Temos então que, a partir da maneira como esse sujeito irá se individuar nas relações com as instituições e os discursos, ele assumirá uma determinada posição na sociedade, incluindo a política. “Assim, a noção de sujeito individuado não é psicológica, mas política, ou seja, a relação indivíduo-sociedade é uma relação política” (ORLANDI, 2009, p. 219). A partir daí, pode-se inferir nas

análises das placas que, o sujeito individualizado pelo Estado, livre e responsável, assume uma diferente posição para refletir sobre o processo político em seu país, de uma maneira diferente da qual lhes é colocada, e das quais circulam por meio de discussões que resultam na “política de sempre”. O sujeito ao filiar-se a diferentes formações discursivas empresta de outros lugares imagens, discursos, para legitimar suas reflexões e se posicionar de forma livre e ao mesmo responsável pela condição de seu país; assim obtemos “a constituição do sujeito e do sentido no confronto do político com o simbólico” (ORLANDI, 2010, p.6).

BrittoBlessed: RT @sobraljunior: a Jaqueline ganhou a liderança do #BBB11. ok, e o #Egito continua sendo destruído.
on Feb. 4 at 09:03 a.m.

O sujeito-navegador, ao inserir a *tag* #BBB11, instala um confronto de sentidos sobre os efeitos de mudança de contexto sócio histórico ideológico, onde de um lado temos um programa de televisão, *Big Brother Brasil*, transmitido pela rede globo de televisão; no qual o sujeito discursiviza sobre os últimos acontecimentos no programa, aqui especificamente, qual participante do *reality show* ganhou a liderança. Do outro lado, a *tag* #Egito, que remete sentidos sobre os últimos acontecimentos no país, e no qual o sujeito instala o significante “destruição” para discursivizar a situação do país. Tal significante, remete à região de sentidos sobre algo que está se desfazendo, ruindo, demolindo. Ao inserir o significante “ok”, após a primeira formulação, o sujeito instala um jogo com as palavras e os sentidos das duas frases, chamando a atenção para o fato da ‘destruição do Egito’, e não pela ‘liderança’ de um participante do *Big Brother*.

klebsonValencio: @underlinePV Mano #egito nos TT's do Brasil, só se for jogo entre as duas seleções, fora isso a maioria desconhece, o que é uma pena
on Feb. 5 at 10:03 p.m.

Acima, temos o *tweet* que enuncia que a *tag* #egito está em lugar de destaque no Twitter como um dos assuntos mais comentados no *Trending Topics* (TTs) do Brasil. O internauta inscreve que para o #egito ter lugar de destaque nos TTs brasileiros, teria que estar ligado ao futebol, colocando que maioria dos internautas brasileiros desconhece outros sentidos que poderiam circular com a *tag* em questão.

Pela AD, sabemos que a ideologia, ao naturalizar os sentidos para um sujeito em dada posição, acaba criando uma relação imaginária de evidência e naturalidade (PÊCHEUX, 1997); assim, o internauta coloca que, para a *tag* #egito estar ali, só seria possível se estivesse ligada ao futebol, tido pelo internauta como o sentido dominante para os sujeitos brasileiros. Assim, o Egito passa a funcionar discursivamente ligado a outras redes de memória completamente desimplicadas de qualquer tom reivindicatório, e ligado a um sentido dominante instalado sócio-historicamente sobre a preferência do brasileiro pelos assuntos relacionados ao futebol. Isso faz considerar que o sujeito, ao inserir esse *tweet*, antecipa-se lamentando que não haja outros gestos de interpretação, para os brasileiros, para a *tag* #egito no Twitter.

marcioapviana: RT @rebellioncom: Faltou bom senso - Estilista tentou promover sua marca c/ tweet sobre o **#Egito** e se deu mal <http://tinyurl.com/6hwfvu5> on Feb. 6 at 10:04 a.m.

O *retweet* acima coloca que “estilista tentou promover sua marca c/ tweet sobre o #Egito”, e assim marcamos que no período que compreendeu o início até o fim das manifestações, as notícias e informações sobre o #Egito foram altamente disseminadas nas diversas mídias, como também no Twitter. Dessa forma, um estilista viu a oportunidade de divulgar sua marca por meio desse acontecimento, desarranjando os sentidos das palavras que estavam sendo veiculadas a partir de uma determinada FD para falar sobre o Egito. Nesse caso, temos o quanto a língua é sujeita e porosa a deslizamentos, rupturas e deslocamentos de sentidos. Ao entrarmos no link disposto pelo internauta, encontramos o *tweet*, que causou a polêmica:

Figura 33: Tweet sobre a hashtag #Cairo por @KennethCole

O sujeito-navegador descreve que “faltou bom senso” de quem inseriu o *tweet* acima, e que esse “se deu mal”. Ao analisar o *tweet* em questão, observamos a presença da *tag* #Cairo, e Cairo é a capital do Egito, e local que foi palco das manifestações, e que na rede foi também utilizada nos dias de protestos para circular e armazenar os dizeres sobre a situação atravessada pelo Egito em seu contexto de fervor sócio-político. Porém, os sentidos da *tag* #Cairo colocados pelo internauta ressaltam a questão da localidade geográfica, em que milhões de pessoas estariam lá, pois ouviram rumores da nova coleção de primavera da grife estar disponível on-line.

Assim, isso viria então a ressaltar o caráter sócio-político de uma ação simbólica por meio da rede, através das *hashtags* no Twitter que discursivizam as manifestações contínuas dos sujeitos, dentro de uma corrente do assujeitamento tido como “harmônico” no Twitter a partir das *hashtags* relacionadas ao Egito; é possível também encontrar os furos que perpassam essa corrente, na qual se instala uma posição-sujeito de outra ordem. De acordo com Pêcheux, sob o pseudônimo de Thomas Hebert: “A cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, identificando-o a um certo ponto de cadeia (o significante no qual ele se representa)” (HEBERT, 1995, p. 75); porém, colocamos que sempre há uma forma de romper com os significantes dessa cadeia, e de uma corrente tida como “harmônica”, pois na linguagem se instalam também efeitos de conflitos, lutas, rompimentos e furos. Dessa forma, o estilista que postou o *tweet* se representa a partir do significante de sua grife, e não sobre a questão sócio-política do Egito. Ao romper com um significante dominante, e com os “mecanismos de identificação que se instala no “efeito sociedade” (HEBERT, 1995, p. 75) sobre os sentidos das *hashtags* e dos *tweets* sobre o Egito, o estilista tem a sua atitude considerada como “falta de bom senso”. Conforme pontua Dorneles (2005, p. 53):

[...] as formações sociais simbolizam a exterioridade que se apresenta como materialidade que regula as relações no grupo social e se refrata nas formações imaginárias. A constituição das formações sociais traz implicitado o processo civilizador.

A conduta do estilista é considerada então como não civilizada, frente a toda essa mobilização ocorrida nas teias do digital, nas praças, e em diversos outros lugares, no qual as pessoas estavam a reivindicar pelos seus direitos, e não de se auto-promover, prezando ao individual em detrimento do coletivo.

casaablanca: O problema no **#Egito** é a pirâmide social.
on Feb. 6 at 01:18 p.m.

Nesse *tweet*, o sujeito-navegador joga com os sentidos da palavra “pirâmide”, deslocando-a para o contexto social atravessado pelo #Egito. Investigando os fios da memória discursiva, vemos que o jogo dos sentidos está sempre presente na linguagem, e também, de como a memória age nos dizeres inscritos na história. Considerado o símbolo do Egito, as pirâmides egípcias são as únicas das sete maravilhas do mundo antigo restantes, elas se apresentam a partir do formato de uma base retangular e que possui quatro faces triangulares que convergem para um vértice, conforme os pressupostos da própria matemática e da geometria.

O conceito de “pirâmide social” é caracterizado a partir da ideia do próprio formato geométrico da pirâmide, no qual em sua base estão os mais pobres, ao meio estão os que se situam na classe média, e no vértice os mais ricos; porém, essa divisão pode ser bem irregular, na qual pode vir a existir mais pessoas na base, poucas ao meio, e quase nenhuma ao topo. Rastreamos através da memória discursiva, temos que esse conceito de pirâmide social era utilizado no Egito Antigo para segregar as diferentes classes, o sujeito joga então com o significante pirâmide social, e desloca-o para o contexto sócio-histórico e político do Egito atual, colocando que o problema social ainda se mantém, como a pirâmide social do Egito antigo. Colocamos, então, que a memória discursiva:

[...] muito mais que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma junção. Memória é tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo o momento fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir. (SCHERER, 2005, p. 122)

Assim, o discurso do Egito antigo sobre a pirâmide social é retomado pelo sujeito-navegador, no qual ele reúne os sentidos de escravidão e desigualdade social colocando-os como problema da atualidade no país. E mais uma vez é possível perceber que a *hashtag* #Egito foi utilizada para problematizar a situação do Egito e para formar um arquivo no Twitter.

daltonlg: RT @polipetroleo: @daltonlg EUA envia lobista do petróleo para negociar transição no **Egito** <http://tinyurl.com/48ynge6> #petrole **#Egito** #Mubarak #Wisner on Feb. 6 at 08:16 p.m.

Podemos observar no *tweet* acima, que vários ecos foram se perpetuando através do RT, e aqui temos a presença das *tags*: #petrole, como uma abreviação da palavra petróleo; #Egito, retomando alguns dos sentidos da FD sobre os dizeres dos acontecimentos no Egito, já instalada em outros *tweets* analisados nesse trabalho; #Mubarak, que é o presidente do país, que está há 30 anos no poder e #Wisner; o lobista do petróleo americano que foi enviado para negociar com o Egito. Essas *tags* indexam através da folksonomia o dizer instalado pelo internauta, envolvendo o sujeito-navegador em uma ciranda de dizeres e sentidos no qual ele sempre retornará ao arquivo, e a memória, para realizar a leitura. As possibilidades de entrada ao *tweet*, pelas *hashtags* são maiores que as que vimos anteriormente; como também a tentativa de conter um pouco mais os sentidos que são circulados a partir da FD dominante da *tag* #Egito, que abrange todos os acontecimentos ocorridos no país.

Nesse *tweet*, o sujeito-navegador coloca que os Estados Unidos, na tentativa de negociar a transição política no Egito, enviam um ‘lobista do petróleo’. Um lobista (derivado de lobby) é um profissional que atua dentre os bastidores, com o objetivo de interferir diretamente nas decisões do poder público, em particular do Legislativo; para que se prevaleçam os interesses de quem ele representa (iniciativa privada). Nos EUA, a profissão de lobista já é regulamentada, porém há uma série de exigências para o exercício dessa atividade, posto que a função ocupada por esse profissional envolve grande sigilo profissional e conhecimentos da lei. Os sentidos que giram em torno dessa profissão não são os dos mais “positivos”, pois através da memória discursiva a partir dos relatos da imprensa, é possível acessar os vários escândalos políticos que esses sujeitos envolveram-se. Em países como o Brasil, a atividade do lobista é considerada informal, o que pode dar margem a interpretações de corrupção, como já foi circulado pela imprensa.

Dessa forma, colocamos que os sentidos evocados no *tweet* em questão refletem sobre assuntos mais da ordem econômica do que política por parte dos EUA, pois o “lobista do petróleo” é um profissional americano da iniciativa privada, especificamente do mercado petrolífero (este que é forte na região egípcia); assim ele

está a negociar a transição no Egito, e não é o ministro das relações exteriores que aparece para a negociação, por exemplo.

Assim, os nomes do presidente Mubarak e do lobista do petróleo Wisner, juntamente com a *tag* #petrole aparecem como *tags*, para dar destaque aos acontecimentos do Egito no Twitter, os quais vão sendo retroalimentados pelos navegadores o tempo todo. E também na tentativa de fechar mais os sentidos, a fim de especificar mais o assunto que envolve a *tag* #Egito, o sujeito insere mais essas três *tags*. Ao mesmo tempo em que o sujeito insere mais *tags* na tentativa de facilitar a entrada ao arquivo, ele o fecha, pois ele especifica mais, e dessa maneira os sujeitos-navegadores que possuem acesso aos dizeres que já circularam sobre as negociações dos EUA com o Egito têm a possibilidade de encontrar esse *tweet* de maneira mais rápida.

isaac: Não é todo dia que vc pode assistir a história acontecendo ao vivo: http://english.aljazeera.net/watch_now/#egito
on Feb. 10 at 05:01 p.m.

carricas: RT @terraaovivo: **#Egito**: População comemora queda de Mubarak; assista **#aovivo** <http://ow.ly/3UInV>
on Feb. 11 at 01:13 p.m.

A história é um dos pilares da Análise do Discurso, pois “quando falamos em sujeito, já está posta a relação língua/sujeito/história. E, quando falamos em sociedade, estamos pensando a sociedade tomada na história”. (ORLANDI, 2011, p.1). Quando o sujeito-navegador coloca que “não é todo dia que vc pode assistir a história acontecendo ao vivo”, ele marca a importância do acontecimento no Egito para toda uma sociedade, pois a sociedade é concebida por meio da história. E isso implica nas questões relacionadas ao próprio sujeito, ao sentido, como também o político. Assinalamos também a importância das mídias como agência de poder, e não somente as grandes mídias corporativas, mas também o próprio sujeito como a mídia, a partir desse cenário calcado pelas convergências midiáticas. “No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada” (JENKINS, 2009, p. 29). A revolução ocorrida no Egito foi contada a partir de fotografias, vídeos, *tweets*, relatos em blogs pessoais, como também pela mídia corporativa, e tudo isso pode ser acompanhado em grande parte ao vivo; seja pela televisão, pela Internet e ou pelo celular. Dessa forma, o sujeito coloca em seu *tweet*, a *hashtag* #aovivo, juntamente com a *tag* #egito, para

marcar essa convergência, como nunca vista antes na história. “A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 44), possibilitando novas condições de produção e circulação do discurso, facilitadas também pela convergência das ferramentas tecnológicas.

No mês de abril de 2011, a editora *OR Books* lançou um livro que reúne diversos *tweets* circulados entre os meses de janeiro e fevereiro de 2011 sobre o Egito, e a partir deles, foi sendo contada a história desde o início dos protestos até a queda do ex-presidente Mubarak. Segundo Dias (2004, p.40): “A língua é um fluxo que se conjuga à história para significar”, e o livro intitulado “*Tweets from Tahrir*” conta a revolução em primeira pessoa, a partir de diversos *tweets*, como se formasse um grande mosaico, que viesse formar um quadro com milhares de peças de 140 caracteres sobre a revolução egípcia. Assim, diversos jovens, através de seus celulares/telemóveis, foram narrando cada passo da revolução à medida que ia acontecendo, através de relatos escritos, fotografias e vídeos. Pode-se inferir que esses dizeres, mesmo sendo escritos por diferentes sujeitos, filiam-se a certas regiões de memória, regionalizando uma FD, vinculando-os à historicidade dos sentidos que os acompanha, por meio da injunção com a história, e também dos “significantes e a dos sujeitos significado com e por eles” (VARGAS, 2008, p.198).

Dessa forma, pontuamos que o sujeito ao criar a *tag* #egito para indexar, organizar seus dizeres, ele tenta filiá-los a uma certa região da memória, instalando-o em uma determinada FD, e sendo afetado pelo “esquecimento” (PÊCHEUX, 1997) o sujeito tem a ilusão de estar no centro de seu dizer e de ter controle sobre ele, como também a impressão de “realidade” de seu pensamento com as palavras, como se a *tag* #egito estivesse restrita e fechada aquela FD. Porém, pela AD, sabemos que o discurso está sempre em formação, a produzir novos sentidos, assim sempre haverá dizeres que se rompem, e furam a cadeia de significantes tida como dominante, principalmente em se tratando do caráter movente da rede e suas condições de produção. As palavras então são passíveis de jogo, elas podem:

[...] dar ordem ao caos, prover de unidade o que é de natureza heteróclito, fragmentado e diverso. Nela também incide a dispersão do sentido. Sua pretensa capacidade de estruturar o real, de dar forma ao em forma, de unificar enfim o desagregado vê-se as voltas com a sua própria impossibilidade de nomear e ou designar as coisas do mundo com a precisão desejada pelo sujeito pragmático, que ignora e ou

abomina as diferenças, buscando sempre uma unidade que, apesar dos esforços, insiste em se revelar múltipla. (ERNST-PEREIRA, 2005, p.25).

Posto isso, continuaremos aqui o nosso percurso por entre os nós da rede, a fim de investigar essa tentativa do sujeito de unificar os fragmentos dos discursos espalhados na/pela web a partir da *hashtag* #egito.

calpacheco: RT @liaseixas: Viram o q a âncora de tv oficial **#Egito** fez? Indo p/o trabalho, ouviu manifestantes. Mandou SMS e se uniu a eles. <http://bit.ly/eTHTjD>
on Feb. 12 at 12:18 p.m.

Observamos no dizer acima, marcas de interação entre os sujeitos na rede, tanto a partir do RT (*retweet*), como também da pergunta instalada pelo sujeito-navegador, através de um movimento constante de retroalimentação na rede, como também dos sentidos e das palavras. Possibilitado pelas condições de produção a partir das ferramentas da Web 2.0 e a por meio da inscrição do sujeito na rede, no qual ele busca através da língua constituir sentidos a todo o momento. Nesse movimento, o sujeito ao significar, ele também significa a si próprio. De acordo Paulillo (2004, p.136), “[...] a construção do sentido vai ser função da necessidade de agir sobre o outro”, como também de marcar sua presença por meio dos nós da rede, atuar como parte desse processo que envolve o fluxo e a produção dos dizeres. Acrescentamos também a noção de completude do sujeito pela linguagem, “a necessidade de produzir mais-sentido, de mais-significar – conseqüentemente, mais dizer” (PAULILLO, 2004, p.243), que leva o sujeito se inscrever cada vez mais na rede.

Nesse *tweet*, podemos observar a convergência midiática a partir dos aparelhos tecnológicos, no qual uma âncora da televisão que passava pela rua envia uma mensagem de texto pelo celular (SMS) e se une aos manifestantes.

gefbaumgarten: @valtherosterman "Aqueles que negam liberdade aos outros não a merecem para si mesmos." (Abraham Lincoln) **#egito**
on Feb. 12 at 08:20 p.m.

Acima verificamos a forma de heterogeneidade do discurso mostrada e marcada de forma direta a partir de uma mobilização da região de sentidos tida como

legitimada, qual seja, a de um ex-presidente americano, que dialoga com uma posição de prestígio. O sujeito, para falar sobre Egito, acessa um dizer de autoridade considerado inquestionável, e partir daí inscreve efeitos de sentido sobre liberdade, que condena a ditadura e ao ex-presidente Mubarak em adesão aos manifestantes no Egito. Ao instalar a *tag* #egito para organizar seu *tweet*, o sujeito o inscreve a partir de uma região da memória que retoma os sentidos já instalados sobre a repressão do governo egípcio ao povo e também sobre a demissão de Mubarak e os rumores sobre sua prisão e julgamento. Ao inserir essa *tag*, o sujeito interpelado pela ideologia, na ordem dos esquecimentos pechêuticos em relação ao de número dois, o enunciativo, acredita estar relacionando a *tag* diretamente com o *tweet*, esquecendo-se que outras e ou mais *tags* poderiam estar ali, como por exemplo, a *tag* #Mubarak.

_wellDB: Antes de mais nada parabens ao povo do **#egito** mais uma vez a uniao fez a **#força**
on Feb. 13 at 09:23 p.m.

Também mobilizando a heterogeneidade mostrada, porém de forma não-marcada, o discurso se constituiu na/pela presença de outros discursos (ditados populares, provérbios, histórias) de uma forma implícita, não sendo marcado o nome do outro, apoiando-se na superfície da memória. Nesse recorte, a *tag* #egito introduzida pelo sujeito-navegador instala efeitos de sentido sobre um povo especificamente, o povo egípcio que se uniu para reivindicar seus direitos. O sujeito, ao cumprimentar o povo do Egito, justifica a causa do sucesso a partir de um lugar de dizer do senso comum, já esgarçado pelo uso excessivo. Assim, ele o faz, porém a partir de uma força da verdade, a partir da naturalização de evidencia ideológica do sentido popular. Força de verdade que existe nos ditos populares, nas sentenças já legitimadas na oralidade, como se a união sempre fizesse valer a força, reforçando o significante a partir da *hashtag* #força. Desse modo, o conjunto de pessoas reivindicando alguma coisa, fecha a significação, com o fechamento da polissemia, como se a união sempre resolvesse tudo. “Pois uma das características dos provérbios é de motivar a reflexão no sujeito, sob a forma de aforismos” (MOREIRA, SILVA, ROMÃO, 2010, p 16). Assim, colocamos que a maneira como as palavras são compreendidas está relacionado aos efeitos de sentido, no qual a memória e a ideologia são mobilizadas.

Alexia: There's a difference between Egypt and **#Egypt**.
on Feb 10 at 9:30 a.m

@alexia yeah one has a hashtag

@alexia And that difference is profound! **#egypt**

@alexia **#Egypt** is the voice of the new generation **#jan25**

A partir dessa conversa entre os sujeitos-navegadores através dos *tweets* listados, temos esse movimento de retroalimentação no sistema, no qual os sujeitos reclamam (*replays*) respostas, e de que seus dizeres se perpetuem na rede (*retweets*) como uma espiral. O sujeito @alexia enuncia que há uma diferença entre Egypt e #Egypt, e obtém três respostas na qual a primeira o sujeito-navegador, coloca que a diferença é que uma é *hashtag*.

Pelo acesso à memória sabemos que uma *hashtag* é utilizada para marcar um assunto em evidência, na tentativa de filiar os dizeres e os sentidos a uma mesma FD. Dessa forma Egito é discursivizado como o país, a República Árabe do Egito; e #Egypt (*hashtag*) está filiado à FD sobre os protestos ocorridos no Egito em janeiro-fevereiro de 2011, contra o governo ditatorial de Mubarak. Foi através dessa *hashtag* que os sujeitos se comunicaram via telefone pelo Twitter, durante o corte da Internet no país, e para marcar os dizeres sobre os acontecimentos no Egito, organizando-os a partir da folksonomia, permitindo que outras pessoas tivessem acesso a essas informações a uma certa região da memória e enunciassem a partir de suas posições-sujeito. Dessa forma, o sujeito que responde o dizer em seguida e infere que a diferença é profunda entre o Egito e #Egito. No último *tweet* de resposta, a *hashtag* #Egito é discursivizada como a voz da nova geração, uma geração que saiu às ruas, mobilizou o mundo através das redes sociais, contra Mubarak que estava há 30 anos no poder. E a *hashtag* #jan25, abarca os dizeres que foram filiados a FD sobre os protestos no Egito, marcando especificamente o dia do início dos protestos.

Podemos inferir, a partir desse diálogo especificamente, entre os sujeitos-navegadores no Twitter, que a *hashtag* #egypt é discursivizada a partir de uma outra ordem discursiva, que promove uma (re)organização do espaço discursivo sobre “Egito” no Twitter. Reconstruindo, então, outros espaços de memória, deixando em evidência novas formas de condições de produção sócio-históricas e a emergência de um outro efeito de sentido a partir dos acontecimentos no Egito com a *hashtag* #egypt. Assim, entendemos que nesse diálogo o sujeito instala efeitos, não somente sobre um acontecimento sócio-histórico a partir da *tag*, mas como também de um acontecimento

discursivo. Pêcheux (1990), ao investigar discursivamente em termos políticos o momento histórico vivido na França em 1981, com a eleição do então presidente François Mitterrand, propõe a analisar o enunciado “*on a gagné*”⁶². E assim o faz:

[...] oferece valiosas pistas para pensarmos o valor heurístico desse conceito de FD que se associa à dispersão das redes de memória e dos trajetos sociais dos sentidos. Tomando o trabalho discursivo realizado pela mídia sobre o acontecimento (a vitória de Mitterrand) – “em sua atualidade e no espaço de memória que ele convoca e já começa a reorganizar” (GREGOLIN, 2005, p.1).

Ao propor essa discussão a partir da noção de discurso como estrutura ou acontecimento, ele coloca que:

[...] o acontecimento discursivo, provando interrupção, pode desmanchar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma outra série sobre a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1990, p.52).

Portanto, ao analisarmos o diálogo nos *tweets* em questão, temos o surgimento de uma nova organização das redes de memória a partir de #egypt, em função do acontecimento que (des)estruturou a regularidade discursiva que estava presente na *tag* #egypt antes do dia 25 de janeiro de 2011. E, assim, novos efeitos de sentidos foram instalados e circulados a partir dessa *tag*. De acordo com Galli (2011, p. 45): “É também esse movimento de re-dizer que faz com que o sujeito-autor seja sempre sujeito na história”.

As *hashtags* que podem ser criadas no Twitter através do processo da folksonomia surgem como um dispositivo para tentar abarcar os dizeres filiando-os a uma mesma FD, porém sabemos que as palavras estão sempre em movimento, passíveis a todo o momento de serem (re)significadas. Sempre há possibilidade do imprevisível, do rompimento de uma FD, no qual as palavras podem passar a se filiar para tantas outras FDs. Inferimos, que as *hashtags* possibilitam a formação de um arquivo, mas que isso não quer dizer que os sentidos dentro desse arquivo sejam homogêneos, fechados

⁶² “Nós vencemos” (tradução nossa).

em si mesmos. O que queremos ressaltar é que a folksonomia voltada para o coletivo por meio das *hashtags*, nesse trabalho especificamente sobre a *tag* #egito, tem como intento não deixar os dizeres a deriva, soltos na rede, possibilitando ao sujeito um fio para caminhar dentro desse labirinto. Mostrando, assim: “A compreensão de que as palavras guardam a tatuagem caudatária dos lugares sociais que elas percorrem, onde elas circularam” (PACÍFICO; ROMÃO, 2006, p. 80), e onde o sujeito retorna ao já-lá para (re)significar os dizeres colocados em evidência e em circulação na rede.

O movimento de dizer no on-line está sempre em fluxo e em curso, e, no caso do Twitter, inaugurando uma trama de particularidades em convergência com as mídias, seja a televisiva, eletrônica, via telefone; permitindo ao sujeito diversas formas de posicionar-se discursivamente em uma única página. Percebemos também o sujeito como a própria mídia, produzindo informações sobre os acontecimentos, através de seus relatos via redes sociais, inserindo imagens e vídeos gravados por suas câmeras e celulares. Ou seja, temos diversas posições-sujeito nesse ambiente, o sujeito-leitor, sujeito-navegador, sujeito-escritor, organizador das informações.

5.3. Desdobramentos e re-significações: arquivos no Delicious

Realizamos a pesquisa no sistema de *bookmarking* Delicious, a partir da *tag* “Egito”, do dia 31 de janeiro de 2011 até ao dia 13 de fevereiro de 2011, e coletamos os *bookmarks* nos respectivos dias; porém, quando fomos sistematizar o corpus, recorremos ao sistema de busca do Delicious, a fim de acessar ao arquivo sobre a respectiva *tag* em ordem cronológica, pois os dados coletados à priori estavam sem datas, devido à forma como foram coletados e copiados para o nosso arquivo. Assim, no dia 2 de julho de 2011, coletamos os *bookmarks* da pesquisa, que compreendeu o período de janeiro a fevereiro de 2011, de modo a nos permitir investigar as condições de produção do discurso sobre a referida *tag* dentro do sistema em ordem cronológica, e o modo como o sujeito instala sentidos a partir das etiquetas para classificar/nomear suas informações e links na rede. A partir de agora será realizada uma análise discursiva de recortes selecionados a partir do marcador on-line Delicious, tendo como intento interpretar a forma como o sujeito-navegador inscreve sentidos aos dizeres e links através da *tag* “Egito” pelo processo de indexação livre por meio da folksonomia.

Inicialmente gostaríamos de acrescentar algumas informações a respeito da circulação da referida *tag* no sistema do Delicious, a partir do gráfico abaixo⁶³:

Figura 34: Gráfico do fluxo da tag “Egito” no Delicious de janeiro a junho de 2011

Conforme já foi demonstrado na primeira análise, com o Twitter, apresentamos aqui também um gráfico sobre o fluxo da *tag* “Egito”; porém, nesse caso, o gráfico aponta os movimentos desta *tag* de janeiro a junho de 2011, dada uma ferramenta do Delicious que permite que essa pesquisa seja feita em um período de tempo maior. Notamos então, que os meses de janeiro e fevereiro compreenderam a maior circulação da *tag* “Egito” no sistema, ou seja, foi o período que ela foi mais discursivizada pelos sujeitos-navegadores, nesse espaço discursivo que permite o armazenamento, organização e circulação de dizeres e arquivos. Complementamos que isso só ocorreu devido a um momento sócio-histórico muito importante no país do Egito, como também para todo o mundo. Nesse segundo gráfico⁶⁴, fizemos uma pesquisa que contemplou os dias 17 de janeiro á 16 de fevereiro 2011, a fim de demonstrar o grande fluxo que perpetuou no sistema durante esses dias:

Figura 35: Gráfico do fluxo da tag “Egito” no Delicious de janeiro a fevereiro de 2011

⁶³Fonte: <http://www.delicious.com/tag/egito>

⁶⁴ Fonte:

http://www.delicious.com/search?p=egito&chk=&sd=1295256860&ed=1297880676&fr=del_icio_us&lc=1&atags=&rtags=&context=all

Pontuam-se, nesse gráfico, os dias que a *tag* “Egito” foi mais falada entre os arquivos e links no sistema, que abrange o período do início das manifestações na Praça da Tahir no Cairo até a queda do ex-presidente Hosni Mubarak em 11 de fevereiro. Temos aí, um acontecimento histórico circulado a partir de novas formas de condições de produção dos discursos, que instala a partir das *tags*, tanto a produção e circulação de dizeres e arquivos, como também efeitos de sentidos sobre “Egito” nesse espaço da web. Dessa forma, seguiremos com nossas análises das *tags* no sistema Delicious, “trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (ORLANDI 2001, p.21). Assim daremos início as nossas análises com esse primeiro recorte:

Figura 36: Recorte 1 da tag “Egito” no Delicious dia 29 de janeiro de 2011

Os enunciados acima abordam a questão da Internet, e foi inserido pelo mesmo sujeito-navegador, que postou duas notícias diferentes, porém utilizando-se das mesmas *tags*, para organizar os dizeres em questão. Portanto, é possível observar que através do processo da folksonomia, o sujeito tem a possibilidade de indexar seus links e arquivos da maneira que quiser, sem que para isso haja regras específicas, como no processo da taxonomia, por exemplo, que nesse caso aboliria a mesma nomeação á arquivos diferentes. O sujeito-navegador, nesse gesto de nomear seus links através da folksonomia, pode evocar tantas outras *tags* ou até as mesmas em diferentes arquivos, e esse gesto de ler e interpretar está ligado à posição que o sujeito ocupa que pode ser várias, pois o sujeito para a AD é uma posição dentre várias outras a serem ocupadas no discurso (PÊCHEUX, 1990). Não podemos deixar de falar também, sobre as redes de memória às quais o sujeito está afiliado, e retorna para significar os arquivos e dizeres dispersos na rede.

No primeiro *bookmarking*, temos os sentidos instalados sobre o bloqueio da Internet no Egito, enquanto no segundo enunciado aparecem os sentidos sobre o “grito de guerra online no Egito”. Assim, no primeiro enunciado “o bloqueio da Internet”

mobiliza a região de sentidos instalados pelo significante “bloqueio”, e como já abordamos na análise do Twitter, que nos remetem a sentidos sobre o uso do poder e ou força para impedir algo, como o de bloquear o território inimigo, ou seja, a Internet como território no qual se instalam os “gritos de guerra”, de acordo com o segundo enunciado. Portanto, temos uma notícia que coloca a questão do silenciamento da ordem da censura, com o bloqueio, e do outro lado, aparecem os sentidos que são de outra ordem; sobre o grito dos militantes egípcios que ecoou pelas redes energizadas da web, como forma de mostrar bravura, resistência em um combate. Mesmo que os sentidos pertençam a diferentes ordens, o sujeito utilizou-se das mesmas *tags*, para dar entrada aos arquivos.

Figura 37: Recorte 2 da tag “Egito” no Delicious dia 29 de janeiro de 2011

Na formulação acima aparecem as *tags*: EUA_ditaduras, PIG e Egito, para nomear a notícia em evidência. A entrada discursiva ao arquivo coloca a renúncia do primeiro-ministro do Egito, e tais dizeres não são retomados nas *tags*, o sujeito mobiliza então outros dizeres, outras redes de memória, que o levam a indexar a notícia de outra maneira. Através do acesso aos dizeres já circulados sobre a relação política dos Estados Unidos e o Egito, podemos analisar os sentidos sobre a *tag* “EUA_ditaduras”. O Egito tornou-se aliado dos Estados Unidos desde o ano de 1972, quando o então presidente Anwar Al Sadat rompeu laços com a União Soviética e o aproximou-se dos Estados Unidos, e anos mais tarde, em 1979, o Egito veio a firmar um acordo de paz com Israel, sedimentando de vez a aliança com os EUA.

A partir daí a união se seguiu, e no governo de Mubarak, os americanos contaram com o apoio do país na Guerra do Golfo. Todos os anos, o Egito recebe em torno de US\$ 2 bilhões em ajuda militar dos EUA⁶⁵, assim o Egito é o segundo país que recebe mais “assistência financeira” dos EUA, perdendo somente para Israel. Como moeda de troca, os EUA possuem diversos benefícios, sendo o principal deles a

⁶⁵ Fonte: <http://www.propublica.org/> (site americano de jornalismo investigativo ProPublica, vencedor do prêmio Pulitzer em 2010).

prioridade para os navios e aviões de guerra americanos circularem nas dependências do Egito, e não podendo deixar de citar o grande impacto que isso tem na indústria bélica dos EUA, posto que os equipamentos militares são de fabricação americana. Dessa forma, ilustra-se o poder exercido pelos EUA frente à ditadura do governo de Hosni Mubarak, com o grande apoio e financiamento ao governo ditatorial egípcio.

A *tag* “PIG” mobilizada pelo sujeito-navegador instala diversos sentidos, desde a tradução da palavra para o português, que seria porco, uma espécie de mamífero, que evoca também sentidos sobre sujeira, imundície e impureza (sentidos mobilizados pelo discurso bíblico no antigo testamento). Entretanto, pelo acesso aos fragmentos da memória sobre a imprensa temos “PIG” como uma sigla para designar, “Partido da Imprensa Golpista”, utilizada por blogs políticos e pela imprensa de “esquerda” para significarem órgãos de imprensa e jornalistas considerados por eles “tendenciosos”, tomados como manipuladores da opinião pública que se utilizam da grande mídia para difundir suas ideias na tentativa de conter os dizeres sobre qualquer forma de orientação política contrária. Tal expressão foi empregada a partir do discurso do deputado petista Fernando Ferro, e popularizada pelo jornalista Paulo Henrique Amorim em seu blog *Conversa Afiada* (que se tornou um website independente em 2008).

Assim, o dizer indexado pelo sujeito-navegador se inscreve no blog “Luis Nassif Online”, considerado um blog de “esquerda”, que também se utiliza do significante “PIG” para designar sentidos a grande mídia, tomada como “tendenciosa”. Dessa forma, o sujeito utiliza-se dessa *tag* para marcar a posição do blog indexado, como de “esquerda”, como também dos dizeres da própria notícia que enuncia a ditadura egípcia, silenciada há muitos anos pela grande imprensa. Colocamos então, que o processo de indexação realizado pelo sujeito-navegador através da folksonomia, possibilitou que tanto a notícia como o blog fossem classificados, deixando em evidência as possibilidades oferecidas de uma indexação flexível na rede.

Figura 38: Recorte dos marcadores de links no Delicious dia 29 de janeiro de 2011

A figura acima ilustra uma outra forma que o link analisado anteriormente foi marcado pelo sujeito-navegador. Segundo Orlandi (2001, p. 96): “Um mesmo sítio de significação pode ser objeto de inúmeras textualizações possíveis”. Observamos então, que o mesmo arquivo recebe diferentes modos de dizer dos sujeitos-navegadores, o que nos permite apostar na heterogeneidade de vozes e de sentidos inscritos na/pela folksonomia, ou seja, na inscrição do sujeito discursivo ocupando diferentes posições.

No primeiro marcador, aparecem as *tags*: “egito” e “mundo”, como marcas geográficas da notícia indexada, e a *tag* “mundo” evoca especificamente sentidos de que o dizer em questão não se trata somente do país Egito, mas que a notícia indexada é um assunto relevante para o mundo, e não só para uma população em específico; a notícia sinalizada como internacional, ou não nacional (por não ser uma notícia do Brasil). As *tags*: “revolução” e “2011jan”, nos remetem a regiões de significação, que inscrevem o político e o histórico sob uma região da FD, e “como os significantes não estão soltos, eles se realizam na historicidade e se espacializam na medida em que se coloca o discurso em texto” (ORLANDI, 2001, p.94). Pontuamos que o sujeito, ao inserir as *tags* em questão, limita-as em um determinado tempo e espaço, não os deixando a deriva na rede.

Figura 39: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 31 de janeiro de 2011

O recorte em questão foi retirado do Delicious no dia 31 de janeiro de 2011, e nós privilegiamos, nessa figura, dizeres sobre a Internet no Egito. É possível observar que na maioria das entradas discursivas que acompanham os links, a palavra “bloqueio” aparece repetidamente, a fim de denunciar o fato ocorrido com a Internet no país. Portanto, aproveitando-se do poder e da força, o governo do Egito bloqueia a Internet, como se tivesse bloqueando o território inimigo em uma “guerra”, significante instalado pelos sujeitos-navegadores a partir das *tags* para organizar os arquivos. A etiqueta “guerra” mobiliza toda uma região de sentidos ligada á confronto de interesses, batalha, disputa travada entre dois ou mais grupos de ordem distintas, organizados a partir de um objetivo. Para entrar em uma guerra, os oponentes se utilizam de armas na tentativa de derrotar o adversário, como também de estratégias, e, no caso dos egípcios, a Internet serviu como uma dessas estratégias, com a finalidade de realizar e organizar manifestações, unirem os sujeitos não só nas redes sociais, mas também nas praças e ruas do Egito.

Outra *tag*, recorrente nos *bookmarkings*, foi a “política”, que ilustra também uma categoria aplicada ao arquivo com vistas de indexá-lo em uma determinada região de dizeres e sentidos, que aqui, no caso, aparece como a política no Egito. Posto isso, o sujeito-navegador, ao inserir uma notícia em uma determinada categoria, tenta direcionar a leitura dos internautas para um determinado tipo de arquivo. Por vias da AD sabe-se que:

[...] ler um texto, uma frase, no limite, uma palavra, não constitui uma simples “tomada de informação”. O “sentido” de um texto, de uma frase, e, no limite, de uma palavra, só existe em referencia a outros textos, frases ou palavras que constituem seu “contexto” (contexto onde as modalidades de acessibilidade são, obviamente, extraordinariamente variáveis) (LEÓN; PÊCHEUX, 2011, p.165).

Portanto, o sujeito nessa tentativa de nomear seus marcadores, organizá-los e categorizá-los, cria-se um novo arquivo que se instala a partir do momento da busca no website, que reúne todos os dizeres que se utilizaram de uma determinada *tag*. Porém o gesto de leitura a esse arquivo é empreendido pelos navegadores do sistema, que empurrados à significação irão caminhar pelos links, investigar tantos outros textos, arquivos, caminhando pelo fio da memória discursiva, que o permite retornar ao já-dito e (re)significar os dizeres.

Figura 40: Recorte 2 da tag “Egito” no Delicious dia 31 de janeiro de 2011

No dizer em evidência, aparece que o termo “Egito” foi censurado nos microblogs chineses. Gostaríamos aqui, de abordar a questão da censura por via da Análise do Discurso, através do conceito da política do silêncio e ou silenciamento, postulado por Orlandi, mais especificamente o silêncio local, que diz respeito à censura, o da proibição do dizer propriamente dito (ORLANDI, 1997). E conforme elucida a própria autora: “O silêncio local (ou censura), como sabemos, é aquele em que entra a interdição por alguma forma de poder da palavra (interno ou externo)” (2008, p. 3). No caso, temos aqui a interdição do termo “Egito” nos microblogs da China, pelo governo do país, que é colocado em discurso pelo internauta como “preocupado com as questões da reforma política”.

Dessa forma, o que entra em jogo são os processos de construção dos sentidos sobre “Egito”, levando em conta o político. A partir daí, pode-se observar o jogo das formações imaginárias (FI), a antecipação que o governo da China faz, colocando-se no lugar dos internautas chineses, antecipando a eles, no que se refere o sentido que o termo “Egito” venha a produzir; como também dos efeitos de reforma política e de revolução que possam vir a surgir. A partir da noção de FI, é possível notar o funcionamento dos mecanismos reguladores do discurso, portanto as imagens que vão constituir as diferentes posições discursivas a partir do lugar que a ideologia lhe permite ocupar. O governo nesse gesto de antecipação silencia a palavra “Egito” dos microblogs, na tentativa de impedir qualquer leitura e interpretação que possa a surgir.

Inferimos então que a *tag* “censura” utilizada para indexar a notícia acima, mobiliza a região da memória discursiva de todas as outras *tags*: como a censura na “china”, na “Internet”, a censura de ordem “política” em ambos os países; e a censura do/no “Egito”.

Figura 41: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 1 de fevereiro de 2011

O recorte acima traz sua entrada discursiva, a partir do título da notícia, tal como as palavras-chaves que indexam o link. O título da notícia levanta uma questão “Como sobreviver a um apagão da Internet?”. Assim iniciamos essa análise observando os efeitos de sentidos desse dizer, que indaga os sujeitos-navegadores sobre a falta da Internet, e de como atravessar essa situação. O significante “sobreviver” nos remete a região de sentidos sobre a continuação de existência depois de alguma situação de risco, dolo, difícil de atravessar; colocada aqui como a situação de “apagão da Internet”, discursivizada como uma circunstância extremamente difícil, e ou até mesmo como caos. Como foi mobilizado já nesse trabalho, existem mais de 2,2 bilhões de usuários de Internet no mundo (2011), de acordo com a *Internet World States*, e dessa forma calcula-se que até o final do ano de 2012 mais de 40% da população esteja on-line. Portanto, os impactos de um “apagão da Internet” são inúmeros na sociedade, sem contar que grande parte das empresas e serviços utilizam-se da Internet para efetuar seu trabalho, gerando consequências também para muitos daqueles que não possuem acesso à Internet. O termo “apagão” evoca sentidos sobre a interrupção e ou falta de energia elétrica frequente, como *blackouts* de uma maior duração. E através da memória discursiva podemos rastrear outros efeitos de sentidos desse termo, que foi empregado muitas vezes pela mídia brasileira para referir-se ao episódio da crise de energia elétrica no país, que afetou o fornecimento e distribuição de energia elétrica nos anos de 2001 e 2002 no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Para indexar a notícia em questão, o sujeito-navegador utilizou-se da *tag* “Internet” e “Egito” para significar o arquivo, (re)construindo a rede de sentidos através da memória discursiva sobre a falta de Internet no país, e algumas das soluções

encontradas para “driblar” (discurso utilizado repetidamente pela mídia para falar sobre outras formas de acesso á rede pelos egípcios) a situação. Conforme Orlandi (2001, p. 95): “o discurso se representa assim na sua materialidade linguístico-histórica por uma matéria empírica, o texto, que lhe é heterogênea”.

O sujeito-navegador utilizou também mais uma *tag*, para nomear o arquivo, “queroterumblog”, e inferimos que essa *tag* é caracterizada como uma “*affective tag*” (KIPP, 2007), por mobilizar uma vontade, um anseio do internauta, referindo-se á um desejo particular do sujeito, ou seja, algo que o faz retornar sentidos aos quais apenas ele tem acesso. Assim, ele significa seu link mobilizando a rede de memória a qual ele tem acesso; isso porque “a memória é, então, o que nos torna múltiplos, próximos, mas também o que nos afasta, nos torna únicos, singulares”. (FERREIRA, 2008b, p. 13). De acordo com Lipczak (2008), essa forma de nomear as informações pode ser configurada a partir do processo da folksonomia individual, no qual o internauta insere *tags* a fim de guardar e se orientar na busca de suas próprias informações, não havendo uma preocupação do sujeito em orientar outros navegadores a encontrar as informações e arquivos postados e inseridos por ele por meio das *tags*.

O link que traz a notícia em questão foi indexado por mais sete diferentes internautas, isso foi possível observar através do número 8 que aparece logo após a entrada discursiva ao arquivo. Rastreando essa tentativa de compreender a heterogeneidade de sentidos em fluxo na rede através da folksonomia, marcamos que, no caso do Delicious, os arquivos eletrônicos são nomeados pelos internautas sem que exista um modelo prévio de indexação, nem um manual fechado para tal processo. O que existe então é um processo de atribuição de *tags* que está em sintonia com alguns atributos da própria rede eletrônica, quais sejam: a fluidez das informações e arquivos, a topologia não-linear na organização do hipertexto, a instabilidade nos percursos de acessos, a fragmentação e dispersão do/no arquivo da/na rede.

Na figura abaixo, trazemos a lista das “*Top Tags*”, que mostram as diversas *tags* utilizadas pelos navegadores para nomear o mesmo arquivo pelo processo da folksonomia no Delicious:

Tags	
▼ Top Tags	
internet	4
censura,	2
noticias	1
pautas,	1
medios,	1
internet,	1
indianos	1
queroterumblog	1
recomendaciones,	1
tips,	1
web	1
sobrevivir	1
segur	1
idsh	1
recursos	1
rebasic	1
egito	1
basic	1
buenasprácticas,	1
argelia	1
apagon,	1
apagon	1
ciberactivismo	1
consejos,	1
egipto	1
egipto,	1
desdetwitter	1
cyp,	1
crisis	1
hack	1

Figura 42: Recorte da lista das Top Tags no marcador do Delicious no dia 1 de fevereiro de 2011

Nesse recorte, é possível visualizar quais foram as *tags* utilizadas para indexar a notícia do marcador da figura anterior, essas que foram ordenadas pela maior quantidade de ocorrências. As *tags* que se repetem na indexação dos internautas são: “Internet” e “censura”, sendo que, apenas a *tag* “Internet” é repetida mais de duas vezes. Tudo isso coloca em discurso a heterogeneidade dos dizeres através das marcas linguísticas deixadas pelos sujeitos-navegadores, advindas de diferentes formações discursivas.

Figura 43: Recorte dos marcadores de links no Delicious dia 1 de fevereiro de 2011

A figura acima indica os marcadores instalados pelos internautas para significar o link da notícia que estamos ainda investigando (figura 41). Assim, observamos nas indexações que o mesmo objeto recebe diferentes modos de dizer dos sujeitos-navegadores, o que nos permite falar na heterogeneidade de vozes e de sentidos inscritos na/pela folksonomia no contexto da Web 2.0, marcando uma dentre outras maneiras de compartilhamento, organização e ampliação das formas de publicação de dizeres e arquivos na Internet.

Figura 44: Recorte da tag “Egipto” no Delicious dia 3 de fevereiro de 2011

O enunciado em questão levanta em números os reflexos do corte da Internet no Egipto, marcando dessa forma os aspectos econômicos gerados por esse acontecimento, silenciando todos os outros efeitos e impactos gerados nas manifestações do povo egípcio na web, como também na luta pela liberdade. Como forma de nomear a notícia, o internauta utiliza-se das *tags*: “Internet” e “Egipto” para significar as informações, na tentativa de condensar os sentidos da formulação como se as *tags* fornecessem a completude dos sentidos para a notícia, através das palavras já

mobilizadas na entrada discursiva da notícia. Afetado pelo esquecimento (PECHÊUX, 1988), o sujeito inscreve a partir das *tags*, efeitos de transparência e univocidade do/ao sentido (literalidade). Colocamos que haveria diversas outras maneiras de indexar o enunciado em questão, mas como estamos na teia da linguagem e do discurso, onde os sentidos deslizam-se, e também nas tessituras da folksonomia, é sempre possível emergirem diversos sentidos imprevisíveis e tantas outras maneiras de (re)significar as notícia e os links, e a eles fazer nomeação.

Figura 45: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 5 de fevereiro de 2011

O discurso acima inscreve o efeito narrativo de uma sequência de acontecimentos ao modo de uma ficção infantil, ou seja, um enunciado muito recorrente em uma sessão de contação de histórias para crianças. Apresentando de início uma personagem que funciona como a heroína do processo. Uma jovem que não tem nome próprio, ela é anônima indefinida, mas que produziu efeitos de transformação social. Assim, as *tags* utilizadas para nomear o link em evidência evocam sentidos de uma “revolução”, que ocorreu em um lugar “Egito”, e data “2011fev” específicos. E a partir da tag “vídeo”, é possível ter acesso à historicidade dos sentidos, em relação aos relatos sobre os acontecimentos no “Egito” veiculados inicialmente na rede eletrônica, e que passaram a circular também na grande mídia, que se alimentou de relatos circulados na rede pelos navegadores egípcios, o que faz falar uma questão de retroalimentação, nesse caso de um assassinato de uma jovem veiculado no Youtube e retomado pela imprensa.

Figura 46: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 6 de fevereiro de 2011

O marcador acima é acompanhado por três *tags*, dentre as quais uma nos chamou mais atenção, a tag “fun”, traduzida para o português como “engraçado” e/ou “divertido”. De acordo com Kipp (2007), a tag em questão é caracterizada como uma “*affective tag*”, ou seja, uma tag considerada de cunho afetivo, pois expressa uma forma

de sentimento/emoção atribuída á uma determinada coisa/objeto pelo sujeito. Portanto, a *tag* “fun” atualiza efeitos de sentidos através da memória no sujeito-navegador, conferindo ao dizer ali postado um valor que é sustentado, controlado e cercado pela suposta transparência da palavra, ou seja, tornando evidente a suposição de que todos acham os “cartazes feitos para pedir a saída do presidente egípcio” engraçados, divertidos e ou cômicos. Inferimos que as “*affective tags*” são muito utilizadas pelo processo da folksonomia voltada a organizar e armazenar os arquivos e informações para o próprio sujeito.

O internauta acrescenta ainda a *tag* “notícias” como forma de classificar o link por ele inserido dentro de uma determinada categoria, a de notícias, como aquela muito utilizada em portais na rede. Colocamos que a folksonomia permite esses deslocamentos no/do discurso, no qual o sujeito está permanentemente em jogo com as palavras e os sentidos (aqueles que, como já vimos, são sempre familiarmente de outros). Os deslizos e rupturas dos sentidos tidos como dominantes estão sempre mais aparentes na folksonomia, como foi possível visualizarmos até agora. Ou seja, algo que, no processo da taxonomia, tenta ser controlado com vistas de assegurar a predominância do sentido dominante por meio de um vocabulário tido como controlado e padrão.

Figura 47: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 11 de fevereiro de 2011

Os marcadores em questão trazem dizeres sobre a renúncia do ex-presidente do Egito, Hosni Mubarak. O emprego da palavra “renúncia” remete sentidos sobre uma escolha, uma opção que o sujeito faz ao sair de uma determinada posição, aqui no caso, a escolha de ter saído da presidência. O ato de renúncia configura-se como algo que o sujeito realiza a partir da sua própria força e desejo, e não a imposição de alguém. Porém, as *tags* utilizadas para indexar os links, nos remetem á outra região de sentidos, como: “revolução” e “manifestação”, as quais indicam atos de força, união dos sujeitos para conquistarem algo, para derrubarem uma força oponente. A partir dessas *tags*, temos sentidos sobre a queda de Mubarak a partir da união de um povo, e não a escolha

do ex-presidente de renunciar o poder pela sua própria força e vontade. De acordo com Marx e Engels (2006, p. 24),

[...] ora uma tal transformação só pode ser efetuada por um movimento prático, por uma revolução; esta não será então apenas necessária pelo fato de constituir o único meio de liquidar a classe dominante, mas também porque só uma revolução permitirá à classe que derruba a outra aniquilar toda a podridão do velho sistema e tornar-se apta a fundar a sociedade sobre bases novas.

Com essa citação de Marx e Engels retirada do livro “A ideologia Alemã”, ilustramos que os sentidos que permeiam uma revolução configuram-se a partir de uma ordem de força, imposta pelo oponente, e que o derruba. Dessa forma, os sentidos colocados em movimento pelas *tags* em discussão deslizam-se para uma outra região de memória discursiva, diferentemente daquela tratada pela entrada discursiva.

A *tag* “Forçasarmadas”, inserida pelo sujeito-navegador no primeiro marcador, instala a polissemia sobre o modo de nomear o dizer, posto que as forças armadas são configuradas como sendo do exército de uma nação, destinada a defesa do país a mando do governo, e aqui as forças armadas podem deslocar-se para os manifestantes que defendem seu país do governo ditatorial de Mubarak. As *tags* “politicainternacional” e “politica”, utilizadas em ambos os *bookmarkings*, aparecem como formas de inserir a notícia dentro de uma classificação, de uma categoria, como aquelas que aparecem nos menus de websites e ou em seções de jornais, a partir da taxonomia. Nessa tentativa de fechar o enunciado, encaixando-o em uma determinada categoria, é interpretada aqui como o processo da folksonomia voltada para o coletivo, no qual o sujeito cria uma etiqueta para direcionar os outros navegadores a um determinado arquivo, filiando-o a uma certa região da memória.

Figura 48: Recorte da tag “Egito” no Delicious dia 11 de fevereiro de 2011

O marcador acima em destaque mobiliza sentidos sobre a queda do ex-presidente Hosni Mubarak, diferentemente das entradas discursivas dos enunciados da figura anterior; assim, os sentidos mobilizados pela palavra “queda” nos remetem ao ato

de alguém ser derrubado, de cair pela força do outro. Assim, como aparecem nas *tags*, dos arquivos analisados anteriormente. O marcador em questão mostra que três navegadores diferentes, nomearam o mesmo arquivo; dessa maneira, analisaremos essas formas de dizer sobre o mesmo enunciado:

Figura 49: Recorte dos marcadores de links no Delicious dia 11 de fevereiro de 2011

Inicialmente, ao olharmos no canto direito da figura acima é possível observar um quadro com as “*Top Tags*”, ou seja, as *tags* que foram utilizadas pelos navegadores para nomear o link em evidência, seguindo uma ordem das mais utilizadas a menos utilizadas. Portanto, verificamos que as *tags* “Egito” e “Facebook” são empregadas por dois internautas para indexar a notícia, enquanto às outras *tags* que aparecem não foram repetidas para discursivizar sobre o arquivo. Assim, consideramos que a folksonomia configura-se através desse movimento incessante entre as palavras, os arquivos e os sentidos. Isso indica que os sentidos não são fechados, unos e transparentes na rede e no processo que estamos abordando aqui, e que sempre é possível existir um outro modo de significar, interpretar os sentidos, nomear e colocar em discurso uma palavra.

Na figura em questão, observamos então diversas *tags* que foram inseridas por três sujeitos-navegadores diferentes, para significar o mesmo link. Na primeira sequência, é possível verificar o emprego da *tag* “Egito”, que fornece aos internautas uma contextualização junto às outras *tags*, sobre o enunciado, inscrita a partir do acesso a determinada região da memória sobre os acontecimentos ocorridos no país. As outras etiquetas que acompanham a descrição do site retomam as palavras já discursivizadas na entrada discursiva da notícia, com as *tags* “revolução” e “Facebook”. Marcamos, assim, que o sujeito é afetado pela ilusão de que *tags* inseridas por ele para designar um

arquivo, estabelece o sentido exato entre a *tag* e o conteúdo do link, isto é, ele acredita que estabeleceu uma relação que interliga a *tag* e o sentido, preso à teia do repetível. Inferimos que essa ilusão é o que Pêcheux (1997) denominou por esquecimento número dois, o da ordem do enunciativo, no qual o sujeito ao empregar uma palavra, esquece de outros sentidos possíveis, outras *tags* que poderiam estar também ali, e não somente aquelas que foram empregadas a partir da entrada discursiva da notícia.

Na segunda sequência de *tags*, tratada pela figura acima, o sujeito-navegador utiliza-se somente de uma *tag* para indexar o site, “*ciberpolitica*”, tal significante é empregado mais na língua espanhola, e evoca sentidos sobre o político inscrito na rede eletrônica, o que também nos remete à cibern militância e ao ciberativismo, termos que estão ligados a região de memória sobre a participação política por entre os nós da rede. O significante “*ciberpolitica*” é instalado aqui pelo internauta para nomear, indexar, a notícia que aborda a cronologia dos acontecimentos no Egito, e que começou a ser divulgada mundialmente pela Internet, como na rede social Facebook, e que se seguiu até a queda do ex-presidente Hosni Mubarak. Assim, o sujeito marca os sentidos sobre uma “*ciberpolitica*” em meio a “Revolução Digital”, o “ciber” e o “digital” atuando na revolução política. Por isso, faz-se necessária a compreensão de que as *tags* inscrevem-se sempre a partir da memória discursiva dos sujeitos-navegadores, já que é ela que permite compreender a pluralidade dos gestos de leitura, de escrita e de interpretação.

Por fim, na última sequência da figura, verificamos a presença de diversas *tags* para nomear o link, assim o sujeito se inscreve:

Nesse trabalho incessante (e inacabado) da busca de uma formulação, acrescentando, transformando, repetindo, á busca de uma forma mais fiel ao nosso pensamento e á coisas, procura de uma “fidelidade” do texto aos “nossos” sentidos.... (ORLANDI, 2001, p. 123).

O sujeito, na tentativa de representar mais fielmente a notícia em questão, insere diversas *tags*, ora repetindo ao já-lá, inscrito na entrada discursiva da notícia, e ora, acrescentando novas (outras) palavras, porém sempre retomando uma memória, caracterizando a heterogeneidade dos dizeres.

Com as análises, vimos que é impossível prever qual a palavra que o navegador vai “escolher” para nomear e etiquetar os seus arquivos, dados e links; mais ainda, percebemos que o processo da folksonomia só é permitido pela inscrição histórica de outros sentidos de guarda, arquivamento e organização de dados, qual seja,

aquele inscrito pelas novas tecnologias de inteligência e pela Internet. Ao invés do vocabulário controlado, das estruturas hierárquicas de ordenação de conteúdos, das etiquetas previsíveis para administrar o acervo, surge o imbricamento da voz do sujeito com os arquivos nos quais ele navega, e, aos quais faz referência e entre os quais ele coloca em discurso suas palavras. Assim em nossas análises, buscamos:

Tocar não o conteúdo como um dado já colocado no texto a ser decodificado, mas perceber as pegadas do sujeito deixadas pelo seu rastro de incompletude, pelas suas hesitações e repetições, pelos silêncios e espaços intervalares de seu dito, que instalam discurso, posições e efeitos a ser lidos (PACÍFICO; ROMÃO, 2006, p.79-80).

Assim, o movimento da análise discursiva nos permite ver a os deslizamentos dos sentidos, no qual nos fornece subsídios para compreender que a história se define em direção das próprias relações de poder (dizer e silenciar). Assim “[...] dizer que o sentido de uma leitura pode ser outro, não é dizer que pode ser qualquer um, pois o sujeito-leitor se inscreve em lugares legitimados nas relações de poder-saber” (GALLI, 2008, p.54).

Ressaltamos que a teoria discursiva nos ajudou a compreender os movimentos de sentidos, o curso das palavras em trânsito sempre afetado pela posição-sujeito, pelo processo da interpelação ideológica e pela memória discursiva. Como também as manifestações sobre “a ordem da língua e a da história, em sua articulação e funcionamento, constituem a ordem do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 103). A partir das análises, foram sendo traçados gestos que exerceram uma atividade de leitura multifacetada, heterogênea, pois através das leituras realizadas no âmbito da linguagem e do discurso, sabe-se que, o que existem são efeitos de sentidos, posicionamentos, modos de se interpretar, como também produtos de discursos. Dessa forma, vemos que a interpretação sempre é passível de outras interpretações, como também de falhas e equívocos. Devido a essa movência da linguagem não há ‘verdade’ absoluta, um sentido literal, mas sim, um sentido tido como dominante e naturalizado ao sujeito por meio da ideologia. Porém, sabe-se que sempre há possibilidade de rupturas, onde emergem muitas e diferentes definições, modos de se dizer e significar sobre si e sobre o mundo, no caso aqui, os modos de significação instalados a partir da *tag* Egito pelos sujeitos-navegadores na rede.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.

Gilles Deleuze

Realizamos agora alguns apontamentos sobre as problematizações propostas neste trabalho a partir das rotas que fomos traçando ao longo desse percurso discursivo por entre os nós da rede eletrônica. Tal percurso nos fez mergulhar em um universo muito além dos arquivos, das palavras, dos números e códigos; fomos invadidos por sentidos a todo tempo. Colocamos que, os sujeitos já classificavam e indexavam as suas informações e arquivos nos computadores e na Internet de forma “livre”, antes da folksonomia – a partir de palavras-chave em suas pastas no computador, descrições nos favoritos, entradas discursivas em páginas pessoais. Porém, com o acesso às ferramentas de produção e a possibilidade de armazenamento e organização das informações possibilitadas pelo contexto da Web 2.0, esse processo tornou-se mais comum e presente em diversos sistemas pela web, podendo também ser realizado coletivamente através da folksonomia.

A reflexão teórico-analítica da Análise do Discurso permitiu que nós realizássemos o cotejo dos sentidos que envolvem as *tags* e os arquivos a partir do processo da folksonomia na web, visto que elas nos fornecem pistas acerca das repetições e rupturas dos sentidos naturalizados e tidos como evidentes pelo sujeito-navegador no momento de confeccioná-las, para indexarem arquivos e informações na rede. Observamos, o quão heterogêneas são as palavras na web, marcadas por empréstimos de outros dizeres ditos em outras páginas e deslocados de outros lugares, e como o sujeito-navegador mobiliza a ideologia e a memória discursiva para significar os conteúdos através das *tags*.

O diferencial desse estudo em relação a organização da informação na rede, diz respeito ao fato de que a folksonomia, a partir de suas características dentro dessas condições de produção, permitiu a organização dos arquivos e informações inseridas pelo sujeito de forma mais dinâmica, como também das formas de circulação e constituição da inteligência coletiva na web. Possibilitando assim, o sujeito organizar seus arquivos e informações de forma coletiva, facilitando o compartilhamento do próprio conhecimento; como também a busca e o resgate de determinados assuntos filiados a uma determinada formação discursiva em um contexto sócio-histórico dado, no qual podemos falar em uma folksonomia coletiva (LIPCZAK, 2008). Com isso, pode tornar-se mais fácil o acesso às informações, como também a criação de um espaço de interação entre os sujeitos-navegadores. Conforme coloca Kakali e Papatheodorou (2010, p. 201) em seus estudos sobre organização da informação na web: “Social tagging adds value to the services of an information organization since it supports user

socialization and cooperation, as well as collaboration between users and information organization personnel”⁶⁶. Porém, inferimos que esta não pode ser imaginizada apenas como coletivo de iguais, pois encerra nas atualizações da virtualidade, todo o público que está on-line. Destacamos, também, a possibilidade do internauta organizar seus arquivos e dizeres a partir das “*affective tags*”, no qual ele fecha os significantes a uma determinada região da memória discursiva, onde talvez só ele possa retornar á esse já-lá.

Assim, o gesto de leitura e interpretação desses dizeres, que se materializam a partir da inscrição do sujeito em uma determinada FD, relaciona-se também à produção de sentidos a partir de onde a ideologia o permite significar a partir do uso de uma determinada *tag*. Esse movimento de ler e significar realizado pelo sujeito vem carregado de uma memória, e faz com que os sentidos apareçam á ele e que signifiquem seus arquivos ao ser atualizado como já-lá. Dessa forma, Lipczak (2008) coloca que essa maneira de indexar configura-se como a folksonomia voltada ao indivíduo, dessa forma uma condição “personalizada” de nomear e armazenar seus próprios dizeres, links e arquivos.

A partir das análises vimos que não é possível uma homogeneidade entre as *tags*, os arquivos e informações indexadas, principalmente a partir do processo da folksonomia voltada ao coletivo, pois sempre haverá *tags* que irão extravasar os sentidos colocados em movimento por uma determinada FD para significar uma informação. Com isso, mesmo que a ideologia tente ocultar os sentidos marginais, direcionando um sentido específico a um determinado dizer e ou arquivo, eles sempre irão brotar, ressurgir para significar de outro modo.

Fizemos um trajeto na tentativa de investigar uma forma diferente de organização dos arquivos na web, a partir da inscrição da folksonomia marcadas pela voz do sujeito-navegador no microblog Twitter e no *bookmarking* Delicious. Pelo viés de uma leitura documentária, como nas taxonomias, o processo de indexação de arquivos e informações analisadas no corpus desse trabalho seria limitado a uma leitura fechada, metódica, com vistas de um processo descritivo parafrástico através das linguagens documentárias para indexação. Mirando, dessa forma, na busca inalcançável de um “sentido unívoco” para o conteúdo dos *tweets* e dos *bookmarkings* quanto à especificação de um campo exclusivo para recuperação das informações, que são os

⁶⁶ O sistema de etiquetagem social agrega valor aos serviços de uma organização da informação, uma vez que suporta socialização dos usuários e a cooperação, bem como a colaboração entre usuários e de pessoas que organizam as informações (tradução nossa).

termos descritivos, e que para folksonomia são os campos das *tags*. Fujita (2003, p.81), por exemplo, alega que “o ideal é que haja uma equivalência entre a relevância do assunto do documento tanto para o indexador como para o usuário”. Porém, vimos que essa equivalência pelas vias da AD, não é possível, pois sempre haverá os furos, as aberturas, o espaço de resistência a um sentido dominante, institucionalizado e literal. Principalmente no espaço da malha digital a partir de sua topologia aberta e flexível, composta pelos nós e pelos furos, que esburacam e preenchem os arquivos digitais a cada atualização do sujeito-navegador, e que:

[...] desarranja lugares e imagens, distâncias e modos de dizer, além de trazer como implicação uma maneira outra de o sujeito nomear a si mesmo, de lidar com os seus (meus) amigos, de constituir-se como outro de si e outro em si, e de produzir sentidos heterogêneos, atravessados pela con-fusão de vozes, dizeres e discursos.(ROMÃO, 2008, p. 97)

Inferimos, ainda, que o silêncio não é resultado somente no processo de uma leitura documentária, visando o controle da polissemia, mas pontuamos que o silêncio é constitutivo da linguagem, como pôde ser visto através da teoria e por meio das análises realizadas, nas quais foi possível observar que o sujeito-navegador, ao criar uma *tag* por meio do processo da folksonomia, faz falar algumas etiquetas e calar outras. Ressaltamos que, a partir das análises realizadas com o corpus desse trabalho, que as *tags* marcam discursivamente dois espaços (folksonomia individual e coletiva) que vão se intervalando de acordo com as posições-sujeito: o primeiro encerra o objetivo de atingir e dialogar com os leitores-navegadores em geral e o segundo inscreve um dizer de identificação e aproximação com um público mais geral, com acesso a memória discursiva a partir dos sentidos dominantes, dado sócio-historicamente como literalidade do efeito ideológico, desde o mais público mais restrito, que possuiria acesso à memória “sobre” o objeto discursivizado.

Nesse trabalho, problematizamos o modo como as informações são organizadas, disponibilizadas e recuperadas na rede pelo sujeito-navegador; não buscamos indagar qual é o imaginário sobre o sistema perfeito de organização das informações na web, mas, como ele (se) constrói deslocamentos de sentidos, significa o(s) arquivo(s) e produz efeitos de movimentos para os sujeitos-navegadores. Mostramos duas formas de organização das informações na web, a taxonomia e a folksonomia, introduzimos uma análise mais profunda sobre o funcionamento dessa

última e marcamos que ela visa ao aproveitamento da inteligência coletiva e da heterogeneidade de vozes a fim de arquitetar novas formas de organização e recuperação de dizeres na rede eletrônica. Tem início, dessa forma, um novo ciclo na rede que investiga as interações do sujeito-navegador, que objetiva a construção de poderosas ferramentas na organização do conhecimento, que discursiviza o quanto o sujeito-leitor e navegador precisam ser inclusos e considerados nesse processo, como posição no discurso.

Por fim, observamos tantas, diferentes e múltiplas inscrições do sujeito, suas marcas enoveladas em uma justaposição de arquivos, seus tantos sentidos plurais e ordenados ao sabor do quanto a memória discursiva permite ao sujeito dizer de si e do outro. Por isso, fica, nesse trabalho, como efeito de fim (e de novos inícios), os tantos movimentos contraditórios, as tensões pluralizadas, os gestos singulares de ordenação que são tramados na rede, com os nós e os furos.

7. REFERÊNCIAS

AGUSTINI, C. (N)as dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscursos. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (Orgs.). **O campo da Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 303-312.

ALECRIM, E. **O que é RSS**. 2005. Disponível em: <http://www.infowester.com/rss.php>. Acesso em: agosto de 2010.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ALTMANN, M. C. **A Guerra fria estruturalista**. Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: São Paulo: 23 de março de 2011. Notas de aula.

AMAZON. Disponível em: <http://www.amazon.com/>. Acesso em agosto de 2009.

AMES, M., & NAAMAN, M. Why We Tag: Motivations for Annotation in Mobile and Online Media. **CHI**, San Jose, California. 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12676 – Métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro : **ABNT**, 1992.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade Mostrada e Heterogeneidade Constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. *Revue de Linguistique*. Centre de Recherche De l' Université de Paris VIII. Paris, 1982.

BARABÁSI, A. **Linked**. Cambridge: Plume, 2003.

BARAN, P. "On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks". **Memorandum RM-3420-PR**, Santa Mônica: The Rand Corporation. 1964.

BORGES, M. M. M. A Heterogeneidade Discursiva em Redações Escolares. In: II SEAD- SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. **Anais....**Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/ideologia/borgessilva.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2007.

CALDAS, A. L. Do texto ao hipertexto – Da leitura à hiperleitura. **Net**, Porto Alegre, v. 1, n.22. 2001. Disponível em: <<http://www.primeiraversao.unir.br/artigo22.html>>. Acesso em julho de 2010.

CAMPOS, M. L.; et al. Revisitando Ranganathan: a classificação na rede. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/revisitando/revisitando.htm> . Acesso em abril de 2011.

CAMPOS, M. L., GOMES, H. E. Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização. **Datagramazero**. Rio de Janeiro, v. 9, 2008.

CARREIRA, A. F. **Subjetividade e autoria: o sujeito como vacilo do “eu”?**. 2000. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2000.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede** – A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CATARINO, M. E. BAPTISTA, A. A. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v.8 n.3, 2007. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm. Acesso em junho de 2008.

CAZARIN, E. A.; CELADA, M. T. Interdiscurso, pré-construído, discurso transversal e memória. In: III SEAD – SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/textos/discurso_transverso.pdf>. Acesso em: maio de 2009.

CINTRA, A.M.M., et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Editora Pólis, 2002.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

COUTINHO, C. P. Del.icio.us: uma ferramenta da Web 2.0 ao serviço da investigação em educação. **Educação, Formação & Tecnologias**, Portugal, v. 1, n.1, p. 104-115, 2008. Disponível em <http://eft.educom.pt>. Acesso em junho de 2008.

DELEUZE G., GUATTARI F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, vol. 1, 1995.

DELICIOUS. Disponível em: <http://delicious/>. Acesso em janeiro de 2011.

DIAS, C.A. Portal corporativo: conceitos e características. **Ci. Inf., Brasília**, v. 30, n. 1, p.50-60, jan./abr. 2001.

DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv**. 2004. 174 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **Memória & escrita: o atravessamento de sentido das cartas no e-mail**.

Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 35–49, jul./dez. 2008.

_____. **Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos**. In: GUIMARÃES, E. e BRUM DE PAULA, M. (Orgs.). **Memória e Sentido**. Campinas: Pontes, 2005. p. 41-56.

DORNELES, E. **A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados**. 2005. 262 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. São Paulo: Ensaio, v. 1, 1993.

DRAPEAU, M. D. What is Twitter's Vision?. **Retrieved February**, n. 2, 2009, Disponível em: <http://mashable.com/2009/02/02/what-is-twiters-vision/>. Acesso em março de 2010.

DUARTE, Z. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras: Ciências e técnicas do patrimônio**. Porto, I Série, vol. 5-6, p. 141-151. 2007.

ERNST-PEREIRA, A. O casaco de Alerquim: Uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux. Estudos Lingüístico-Discursivos. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista. n. 1, p. 23-30. junho/2005.

FERREIRA, M. C. L. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade. **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 135–143, jul./dez. 2008.(a)

_____. A ciranda dos sentidos. In: ROMÃO, L .M. S e GASPAR, N. R. (Orgs.). **Discurso Midiático** – sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 13-23. (b)

_____. Interdiscurso e memória: nas tramas dos discursos sobre a mulher. In: III SEAD – SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/trabalhos_aceitos/MEMORIA.pdf>. Acesso em: 07 maio, 2009.

_____. Memória discursiva em funcionamento. In: ROMÃO, L .M. S e GALLI, F.C.S. (Orgs.). **Conceitos discursivos em rede**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p.141-152.

FERNANDES, C.A. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERRAREZI, L. **A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico**. 2010. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências)- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

FERRARI, P. A hipermídia entrelaça a sociedade. In _____. **Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 79-90.

FLICKR. Disponível em: www.flickr.com/. Acesso em junho de 2011.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.1, p.60-90, jul./dez. 2003.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em Linguística, em Psicanálise e em Informática aplicada ao estudo dos textos na França. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 39-60.

GALLI, F. C. S. **(Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporâneas**. 2008. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. A escrita (em cena) no espaço digital da internet. In: ROMÃO, M.S; e _____. (Orgs.). **Rede eletrônica** – sentidos e(m) movimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 37-46.

_____. As dobraduras do discurso. **Fragmentum**. Laboratório Corpus: UFSM, Santa Maria, n. 32, p. 13-17. 2012.

GALLO, S. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

GOOGLE. Disponível em: <http://www.google.com.br/>. Acesso em: agosto de 2011.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. Sentido, Sujeito e Memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: _____ e BARONAS, R. L. (Orgs.). **Análise do Discurso** - as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2000. p. 60-78.

_____. Formação discursiva, redes de memória e trajetórias sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: II SEAD- SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2005.

HEBERT, T. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**. Campinas, v.1. 1995. p. 63-89.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 13-38.

HENGE, G. **Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online**. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HILBERT, M; LÓPEZ, P. The World's Technological Capacity to Store, Communicate, and Compute Information. **Science Express**, USA, 2011. Disponível em: www.scienceexpress.org / 10 February 2011 / Page 1 / 10.1126/science.1200970. Acesso em fevereiro de 2011.

HSIEH, W. J. S.; YEN-LIN, C.; SENG-CHO, T. C. A collaborative desktop tagging system for group knowledge management based on concept space. **Expert Syst. Appl.** v. 36, n.5. p. 9513-9523, 2009.

ISO 9241-11. **Requisitos Ergonômicos para Trabalhos de Escritórios com Computadores**. (Parte 11- Orientação sobre Usabilidade). Rio de Janeiro: ABNT, 1998.

ISRAEL, S. **A Era da Twitter**. São Paulo: Campus, 2009.

JAKOBSON, R. **Linguística e poética**. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1991.

JAVA, et al. Why we twitter: Understanding microblogging usage and communities. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON KNOWLEDGE DISCOVERY AND DATA MINING- WEBKDD, 9, 2007, San Jose, 2007. **Proceddings...** San Jose. 2007. Disponível em: <http://ebiquity.umbc.edu/get/a/publication/369.pdf>. Acesso em abril de 2010.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAKALI, C.; PAPTAEODOROU, C. Exploitation of folksonomies in subject analysis. **Library & Information Science Research**, v. 32, p. 192-202. 2010.

KIPP, M. E. I. @toread and cool: tagging for time, task and emotion. In INFORMATION ARCHITECTURE SUMMIT, 8th, 2007, Las Vegas, USA. **Proceedings...**Las Vegas, 2007.

KIPP, M. E. I; CAMPBELL, D. G. Searching with Tags: Do Tags Help Users Find Things? **Knowlege**. Org. v. 37, n 4, p. 239-255. 2010.

LACERDA, J. A. C.; VALENTE, P. G. A emergência em sistemas baseados em folksonomias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 59-67. 2007.

LARA, M. L.G. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, Campinas, v.16, n.3, p. 231-240, set-dez, 2004.

LEÃO, L. **O Labirinto da hipermídia** - arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo, FAPESP: Iluminuras, 1999.

LÉON, J; PÊCHEUX, M. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Análise de Discurso**- Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2011. p.163-174.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**- O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Editora 34, 1999.(a)

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. (b)

_____. **A esfera pública do século XXI**. 2011. Disponível em: <http://techyredes.wordpress.com/> . Acesso em agosto de 2011.

LIPCZAK, M. Tag recommendation for folksonomies oriented towards individual users. In. EUROPEAN CONFERENCE ON MACHINE LEARNING AND PRINCIPLES AND PRACTICE OF KNOWLEDGE DISCOVERY IN DATABASES, 2008, Belgium. **Proceedings of the ECML/PKDD...Belgium**, 2008. Disponível em: <www.kde.cs.uni-kassel.de/ws/rsdc08/pdf/10.pdf>. Acesso em maio de 2010.

LUCAS, C. R. **Indexação**: gesto de leitura do bibliotecário. 1996. 100 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MAI, J.E. Folksonomies and the New Order: Authority in the Digital Disorder. **Knowl. Org.** v. 38, n.2, p. 114-122, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1993.

MAKANI, J, SPITERI, L. The Dynamics of Collaborative Tagging: An Analysis of Tag Vocabulary Application in Knowledge Representation, Discovery and Retrieval. **Journal of Information & Knowledge Management**, v. 9, n. 2, p. 93-103, 2010.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARIANI, B. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan. **Alfa**, São Paulo, v.1, n.54, p.113-127, 2010.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

MELO, C. T. V. A análise do discurso em contraponto á noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (Orgs). **Hipertexto e gêneros textuais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 135-146.

MERCADO LIVRE. Disponível em: <http://www.mercadolivre.com.br/>. Acesso em:

junho de 2011.

MITTMANN, S. Redes de ressignificações no ciberespaço. In: ROMÃO, L. M. S. e GASPAR, N. R. (Orgs.). **Discurso Midiático** – sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 113-130.

_____. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 85-101- jan./jun. 2010.

_____. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: II SEAD-SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. **Anais....**Porto Alegre : UFRGS, 2005. Disponível em: http://www.discurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2_simposios.html. Acesso em julho de 2009.

MILLER, J.A. **Los signos del goce**. Barcelona: Paidós. 1998.

MOREIRA, V. L.; ROMAO, L. M. S. Weblog, a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede. **Linguasagem**, v. 2, p. 1-15, 2008. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02ai_vlmmsr.php. Acesso em abril de 2009.

_____. O funcionamento discursivo das nuvens de tags na rede eletrônica: sentidos sobre Capitolina. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, 2009. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez09/Art_02.htm. Acesso em dezembro de 2009.

MOREIRA, V.L; SILVA, J. R. B; ROMÃO, L. M. S. Heterogeneidade inscrita no discurso do website Flickr. **Hipertextus**, Recife, v. 4, p. 1-19, 2010.

MOREIRO GONZÁLES, J.A; et al. Actualización del concurso simultáneo en el uso del lenguaje libre y del controlado: folksonomías y taxonomías. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL SOBRE ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO: bibliotecología y terminología. 2007.México. **Anais...**México, 2005.

MUSSO, P. Filosofia da rede. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas da Rede**: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004. p. 17-36.

NEAL, D. Introduction Folksonomies and Image Tagging: Seeing the Future? **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, 2007.

NIELSEN, J; LORANGER, H. **Usabilidade na web**: projetando websites com qualidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NUNES, J. H. **Leitura de arquivo: historicidade e compreensão**. In: INDURSKY, F; e FERREIRA, M. C. L. (Orgs). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0** - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Publishing, 2004. Disponível em: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>. Acesso em abril de 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Pontes: Campinas, 1999.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.P; e LAGAZZI, R.S. (Orgs). **Introdução às ciências da linguagem**- Discurso e Textualidade. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-103.

_____. **As formas de silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

_____. Silêncios: presença e ausência. **Com Ciência: Revista eletrônica de jornalismo científico**. 2008. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=38&id=456&print=true>. Acesso em julho de 2011.

_____. Espaço da violência: o sentido da delinquência. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n.51, v.2, p. 219-234, 2009.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online], Campinas, v. 2, n.16. 2010. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em maio de 2012.

_____. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In: DIAS, C. P. (org.). **E-urbano: sentidos do espaço urbano**/ digital [online]. 2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em agosto de 2011.

PACÍFICO, S. M. R. Leitor e efeitos da leitura dos textos midiáticos e didáticos. In: ROMÃO, L .M. S e GASPAR, N. R. (Orgs.). **Discurso Midiático** – sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 181-188.

_____; ROMÃO, L. M. S. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 73-90, jan./jun. 2006.

PANISSON, A. **The Egyptian Revolution on Twitter**. 2011. Disponível em: <http://gephi.org/2011/the-egyptian-revolution-on-twitter/>. Acesso em maio de 2011.

PAULILLO, R. **A enunciação vacilante**: Formas do heterogêneo no discurso de si.

2004. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PAVAN, C, et al. Connotea: site para a comunicação científica e compartilhamento de informações na Internet. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.5, n. 1, p. 77-94, jul/dez. 2007. Disponível em: http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/view/371/250. Acesso em abril de 2009.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. In: Línguas e Instrumentos Linguísticos. Campinas: Pontes, 1999. p. 7-31. (a)

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al (Orgs). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57. (b)

_____. Ler o Arquivo Hoje. In: ORLANDI, E. (Org.), **Gestos de Leitura da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp. 1994. p. 55-66.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento?**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Análise de Discurso e Informática. In: ORLANDI, E. **Análise de Discurso**- Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2011. p. 275-282.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso**- uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp. 1990. p. 61-162.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise de Discurso: Atualização e perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**- uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp. 1990.

PETRI, V. Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. In: CONFERÊNCIA DE ABERTURA DA SEMANA ACADÊMICA DE LETRAS DA UFSM, 2006, Santa Maria. **Textos...**Santa Maria, 2006.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**, Brasília, v.9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, R; ZAGO, G. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 12, n.2, p. 69-81, 2010.

ROMÃO, L. M. S ; BENEDETTI, C.. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. **Verso e Reverso** [online], São Leopoldo, v. 22, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/view/5757>. Acesso em julho de 2009.

ROMÃO, L.M.S; GALLI, F.C.S; PATTI, A.R. Arquivo em cena: “im-pressões” de leitura sobre o tema. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p.123-134. 2010.

ROMÃO, L. M. S. Fazenda Modelo: a propósito da memória e da historicidade. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p. 38-56. jan./jun. 2007.

_____. Heterogeneidade e memória: o sujeito na trama das vozes alheias. In: _____; e GASPAR, N. R. (Orgs.). **Discurso Midiático** – sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 95-112.

_____. **Exposições do Museu da Língua Portuguesa**: arquivo e acontecimento e(m) discurso. São Carlos: Pedro & João editores, 2011.

_____. Rios de dizer: foz e nascente nas tramas da linguagem. In: _____; GALLI, F.C.S; FERRAREZI, L. (Orgs). **Cadernos do E-I@dis**. São Carlos: Pedro & João editores, 2012.

SANTAELLA, L . **Navegar no ciberespaço**: O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHACHTER, J. **About Delicious**. Disponível em: <http://delicious.com/about>. Acesso em setembro de 2008.

SCHERER, A. E. O Papel da Memória ou a Memória do Papel de Pêcheux para os Estudos Lingüístico-Discursivos. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista. n. 1, p. 119-123. Jun. 2005.

SERRES, M. (1964) **A comunicação**. Porto: Rés, 1969.

_____. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, A. M.; et al. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 2002.

SILVEIRA, S.C. **A cultura da convergência e os fãs de *Star Wars***: Um estudo sobre o conselho de Jedi RS. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TAPSCOTT, D., WILLIAMS, A. **Wikinomics**: How Mass Collaboration Changes Everything, USA: Portfolio, 2007.

TWITTER. **About us**. Disponível em: <https://twitter.com/> . Acesso em março de 2009.

UNISIST. **Princípios de indexação**. Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 10, n.1, p.83-94, 1981.

VANDER WAL, T. **Folksonomy Book In Progress**. Vanderwal.net, 2005. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/random/category.php?cat=153>. Acesso em dezembro de 2009.

VARGAS, R. M. A. Dizeres que não voltam mais??? Questionamentos sobre a questão da filiação dos sentidos. **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 185–200, 2008.

VITAL, L. P. **Recomendações para construção de taxonomia em Portais corporativos**. 2007.113 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSHI, L.A.; e _____(Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.p. 170-180.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.

YEUNG et al., A Study of User Profile Generation from Folksonomies. In: WORKSHOP ON SOCIAL WEB AND KNOWLEDGE MANAGEMENT @ WWW, Beijing, China. 2008. **Proceddings...** Beijing, 2008.

ZANDWAIS, A. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França**: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.